

# encontro

## I CULTURA

CASA FIAT DE CULTURA  
CELEBRA 20 ANOS  
DE RELEVÂNCIA  
NAS ARTES  
EM BH

## I GASTRÔ I

A ROTA DO SALMÃO  
DO SUL DO CHILE  
ÀS MESAS DA  
CAPITAL MINEIRA

Aos 63 anos, o empresário  
Emilio Brandi, do Botânico  
Shopping, diz viver  
a melhor fase da sua vida:  
"Empreender hoje é muito  
diferente de antes, quando  
comecei. Tenho mais  
visão, mais tranquilidade  
e segurança para decidir"

# 60+ EM ALTA

Com uma postura mais ativa, maior autonomia  
e propósito, pessoas desta faixa etária assumem  
o protagonismo, encontram novas formas  
de viver e movimentam um mercado  
de R\$ 2 trilhões por ano no Brasil



9 1679 0146 0 0 293

R\$ 15

Um vinho que carrega  
**mais de um século**  
de história **Argentina**  
em cada garrafa.



Del   
Maipo  
Wines and Gastronomy



## A tradição da vinícola Benegas

No final do século XIX, Mendoza vivia o declínio de suas atividades agrícolas.

Foi nesse cenário que **Dom Tiburcio Benegas** enxergou no vinho o futuro da região.

Inspirado por Eusebio Blanco, trouxe da Europa variedades como Cabernet Sauvignon, Syrah e Chardonnay.

### Enquanto a filoxera devastava a Europa, **Mendoza florescia**

Um deserto transformado pela irrigação do degelo dos Andes. A altitude e a amplitude térmica moldaram vinhos de frescor e concentração.

Com visão estratégica, Tiburcio distribuiu mudas e impulsionou toda a indústria.



**8 ENTREVISTA**  
Novo reitor da UFMG, Alessandro Fernandes Moreira fala sobre realidade da educação no país e seu compromisso com uma universidade mais democrática

**14 CIDADE**  
Edifício JK volta a ocupar o centro das atenções com a mudança na sua governança após 40 anos e a iminente estreia de um podcast sobre suas histórias

**22 BEM-ESTAR**  
Pesquisa desenvolvida em Minas, e premiada no Catar, aborda os perigos do abuso do paracetamol para a saúde

**28 COMPORTAMENTO**  
Misses mineiras mostram que o título exige muito mais que beleza; é preciso assumir voz pública e responsabilidade social

**40 VEÍCULOS**  
Geely chega ao Brasil em parceria com a Renault trazendo o SUV EX5, que se destaca na segurança, conforto, desempenho e design

**44 PET**  
Com mais de 1,6 milhão de seguidores, macaquinha Olívia cativa audiência e impulsiona uma vaquinha online para a criação de santuário

**50 CAPA**  
Envelhecimento surge como um campo de possibilidades em meio a velhos estigmas e novos desejos para um público que movimentava mercado de R\$ 2 trilhões por ano no Brasil



A belo-horizontina Giovanna Starling, eleita Miss Brasil Global em janeiro

**64 DÉCOR**  
Arquitetos e designers de interiores apostam na funcionalidade aliada ao charme e à criatividade para a criação de projetos corporativos

**72 CELEBRAÇÃO**  
Casa Fiat de Cultura completa 20 anos de uma existência pontuada por mostras importantes e números expressivos - como o marco de 5 milhões de visitantes

Studio Cerri/divulgação



72

## 78 CULTURA

Confira os destaques do que vem por aí neste 2026 de Belo Horizonte

## 80 ARTES PLÁSTICAS

A jornada de um dentista que se alimenta da arte expressionista contemporânea, intuitiva, intensa e profundamente ligada à emoção

## 90 GASTRONOMIA

A longa e cara jornada do salmão das terras geladas da Patagônia Chilena aos pratos dos restaurantes na capital mineira

## COLUNAS

### 26 ENCONTRO NEGÓCIOS

Na contramão das redes, Leitura cresce

### 48 CUIDADOS PET

Quando o cuidado acompanha o passeio

### 82 NUTRIÇÃO

Inteligência artificial e nutrição

### 86 NA MESA

Em constante movimento

### 88 NA ESTRADA

Chile

## ARTIGOS

### 12 PATRÍCIA DE CASTRO VÉRAS

Nova regulamentação da cannabis medicinal no Brasil

### 38 DAVID BRAGA

A coragem de preservar a ternura

### 84 RODRIGO A. FONSECA

Dúvidas frequentes – vinhos em restaurantes

### 98 RICARDO KERTZMAN

E você? Quantos pneus já perdeu neste ano?

FOTO CAPA: Pádua de Carvalho

DIRETOR-GERAL/EDITOR  
André Lamounier

EDITORES COLABORADORES  
Alessandro Duarte  
Fábio Doyle  
Marília Mendonça  
Neide Magalhães

JORNALISTAS COLABORADORES  
Alex de Oliveira  
Aline Reskalla  
Carolina Daher  
Jessica Almeida  
Lilian Monteiro  
Patrícia Cassese

EDITOR DE ARTE  
Roger Simões

EQUIPE DE ARTE  
Antônio de Pádua Carvalho

GERENTE ADMINISTRATIVA  
Solange Rabelo

DIRETORA COMERCIAL  
Ágata Utsch

DEPARTAMENTO COMERCIAL  
(COLABORADORES)  
Myrta Lobato  
Mariana Cerqueira

ASSISTENTE COMERCIAL  
Roberta Magalhães

DISTRIBUIÇÃO  
André Lima / Encontro Log

PROJETO GRÁFICO  
Editora Encontro



IMPRESSÃO  
EGL Editores

PARA ANUNCIAR  
comercial@revistaencontro.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR  
redacao@revistaencontro.com.br

**FALE COM A ENCONTRO BH**

Comentários sobre o conteúdo editorial da **Encontro**, sugestões e críticas a matérias, enviar para cartas@revistaencontro.com.br ou para o endereço: rua Buenos Aires, 10º andar - Carmo - CEP: 30315-570, Belo Horizonte, MG. Cartas e mensagens devem trazer o nome completo e o endereço do autor.  
Releases: redacao@revistaencontro.com.br

 /revistaencontro  
 revista\_encontro

**TIRAGEM**  
**54.000**  
**EXEMPLARES**

TIRAGEM E CIRCULAÇÃO AUDITADA PELA



CONFORME RELATÓRIO EM NOSSO PODER.

**ENCONTRO** É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA ENCONTRO IMPORTANTE LTDA, BELO HORIZONTE, RUA BUENOS AIRES, 10, 10º ANDAR - CARMO 30315-570, BELO HORIZONTE - MG



**MARÍLIA MENDONÇA / EDITORA**  
mmendonca@revistaencontro.com.br

# Sobre trajetos e trajetórias

Originário do francês *flâner*, o verbo flanar significa caminhar sem pressa absorvendo o ritmo, a arquitetura e a atmosfera da cidade. Eu adoro fazer isso por BH. Perambular pelas ruas, avenidas e bairros da nossa capital é se surpreender a todo momento com belezas de épocas muito distintas e ficar imaginando as histórias que já se passaram naqueles lugares, seja algum grande edifício que virou marco ou aquelas belas, e incógnitas, casas que remetem a muitas décadas atrás e dão charme especial à cidade. Passeando pela Raulzona, então, nossa emblemática praça Raul Soares, que anda tão cheia de vida nos últimos tempos, é impossível não se encher de curiosidade e se perguntar a quantas anda o Edifício JK.

Personagem vivo da nossa história, com tantas polêmicas e folclore que o envolvem, o símbolo inacabado de uma Belo Horizonte modernista entra agora numa nova fase, após 40 anos de uma mesma governança, e fomos à baila procurar saber tudo: o que foi, o que poderia ter sido e o que pretende ser esse patrimônio tombado da cidade. Dói passar pela rua dos Guajajaras e perceber a quantidade de pontos comerciais fechados, praticamente abandonados, num dos locais mais nobres da cidade. O novo síndico, em sua primeira entrevista à imprensa, responde a essa e a outras questões sobre o futuro do conjunto arquitetado nos anos 1950 por Oscar Niemeyer.

Também um símbolo da capital, a Casa Fiat de Cultura completa 20 anos e fazemos uma imersão em sua trajetória, que trouxe ao alcance do olhar belo-horizontino, gratuitamente, ressalte-se, alguns dos maiores nomes da arte mundial, como Caravaggio, Rembrandt e, agora, Renoir, em mostra comemorativa. Uma linha do tempo relevante que trazemos ao nosso leitor.

Aproveitando o gancho das trajetórias, as de vida também devem ser reverenciadas. No entanto, o mais fundamental é olhar pra frente, vivenciar plenamente o presente e, principalmente, pavimentar o futuro. E é o que uma boa leva do grupo etário 60+ está fazendo. Numa nova tendência de viver a maturidade, a busca por saúde, vitalidade, conhecimento e novos desejos está em alta. O resultado tem sido um envelhecimento com mais propósito e que vem movimentando um mercado de R\$ 2 trilhões por ano no Brasil.

Para finalizar nosso percurso, trazemos ao leitor uma bela experiência da jornalista **Carolina Daher**. Ela foi até as terras geladas da Patagônia Chilena para nos contar como é produzido, na pequenina cidade de Puerto Natales, o salmão mais consumido nos melhores restaurantes de BH. O produto viaja nada menos que 4 mil quilômetros, por terra, para chegar até aqui!

Boa leitura! ■



Arquivo pessoal



BREVE LANÇAMENTO | RESERVA JARDINS  
VILA DA SERRA



PLACE

# DAUPHINE

O LUXO DO ESSENCIAL

**2 E 3 SUÍTES**  
**104 M<sup>2</sup> E 145 M<sup>2</sup>**

LAZER ESPETACULAR DO  
PILOTIS AO INTERMEZZO  
VISTA INCRÍVEL



solution



[PATRIMAR.COM.BR/PLACEDAUPHINE](https://PATRIMAR.COM.BR/PLACEDAUPHINE)

CONHEÇA O DECORADO

Rua José Esteves de Ávila, 645  
Jardinaves - Nova Lima - MG

INCORPORAÇÃO, CONSTRUÇÃO E INFORMAÇÕES



Todas as ilustrações desta peça têm caráter exclusivamente promocional por se tratar de um bem a ser construído. Desenhos de caráter artístico e ilustrativo. O mobiliário e os equipamentos não fazem parte do memorial descritivo. Os materiais e cores representados poderão sofrer alterações ao longo do projeto de construção em função da disponibilidade destes no mercado. O empreendimento somente será comercializado após a expedição registro do Memorial de Incorporação no cartório de imóveis, nos termos da Lei n.º 4591/64. Creci Patrimar: 54.815.

# ‘Na UFMG, a gente segue o ‘esperançar’, como nos ensinou Paulo Freire’

Professor da Escola de Engenharia assume cargo de reitor da Universidade Federal de Minas Gerais para mandato até 2030 com proposta que se ancora em três verbos fundamentais – inovar, incluir e cuidar – e traduzem o compromisso com uma UFMG mais democrática

## ▶ ALEX DE OLIVEIRA

Empossado reitor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 19 de março, o professor Alessandro Fernandes Moreira assume o comando da instituição para um mandato que se estende até 2030 com um diagnóstico claro: a universidade chega fortalecida, mas pressionada a avançar em inclusão, inovação e cuidado. Eleito com 88,45% dos votos válidos em chapa única ao lado da vice-reitora Alamanda Kfoury Pereira, Moreira herda uma universidade que ampliou seu alcance social e científico nos últimos anos e que, agora, busca consolidar esse crescimento em um contexto de restrições orçamentárias e transformações profundas no ensino superior.

Entre os primeiros movimentos da nova gestão está a articulação para a criação de um novo campus em Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte – o primeiro após 15 anos, desde a expansão na cidade de Tiradentes. O projeto, discutido em Brasília com o Ministério da Educação, prevê cursos nas áreas de engenharia, tecnologia e saúde e simboliza uma aposta na interiorização qualificada e na conexão com demandas contemporâneas, como ciência de dados e inteligência artificial.

“Não se trata apenas de garantir o acesso

## QUEM É

ALESSANDRO FERNANDES MOREIRA, 57 ANOS

### ORIGEM

Guaraciaba (MG)

### TRAJETÓRIA

Vice-reitor nas duas gestões anteriores (2022-2026 e 2018-2022). Foi diretor da Escola de Engenharia da UFMG (2014-2018) e vice-diretor da mesma unidade (2010-2014). É professor titular do Departamento de Engenharia Elétrica da UFMG, onde ingressou em 1993. Formado em engenharia elétrica pela UFMG (1991), tem mestrado em engenharia elétrica, também pela UFMG (1993), e doutorado em engenharia elétrica pela University of Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos (2002).

ao ensino superior. Uma democratização de fato exige criar condições para que a universidade não seja um território inóspito para quem chega”, afirma o reitor, sintetizando uma das ideias centrais de sua gestão. O princípio de que “inclusão sem permanência não se sustenta” orienta uma

agenda que articula assistência estudantil, saúde mental, inovação pedagógica e valorização das relações humanas.

Ao longo da entrevista, Moreira defende a universidade pública como espaço estratégico para o país, capaz de equilibrar a produção de conhecimento de longo prazo com respostas imediatas à sociedade. Também aborda os desafios impostos pela inteligência artificial, a necessidade de fortalecer a extensão universitária e o papel da instituição na reconstrução da confiança pública na ciência. “A universidade precisa estar cada vez mais próxima e compreensível para a sociedade, mostrando, de forma concreta, como o conhecimento produzido aqui impacta a vida das pessoas”, diz.

Entre preocupações com desigualdade, desinformação e fragilização institucional, o reitor aposta na juventude e na capacidade coletiva da universidade como motores de transformação. “O que nos move é a capacidade de agir. Na UFMG, seguimos ‘esperançando’, como nos ensinou Paulo Freire”, resume.

**ENCONTRO – Ao assumir a reitoria da UFMG, o que tem passado pela sua cabeça e que universidade o senhor imagina entregar ao fim do mandato? ALESSANDRO FERNANDES MOREIRA**

– Assumir a reitoria da UFMG é a maior ▶



honra e responsabilidade. Encontro uma universidade fortalecida, que ampliou seu impacto acadêmico, científico e social, reafirmando seu compromisso com a democracia e o interesse público. O desafio é avançar. A UFMG é uma jovem centenária, inovadora e capaz de transformar conhecimento em soluções. Trabalhamos para consolidar pilares que sustentam “pontes para a vida” através do ensino, pesquisa e extensão. Reconheço uma UFMG que ampliou seu alcance sem perder a essência: excelência, referência social e conexão com os desafios do tempo.

## Quais são as prioridades da sua gestão e o legado que busca construir?

Nossas prioridades são inovar, incluir e cuidar. O foco é fortalecer políticas de inclusão e permanência qualificada, garantindo que a universidade não seja inóspita para quem chega por ações afirmativas. Isso exige inovar em práticas pedagógicas e produção de conhecimento. O cuidado, amplo, é essencial. Fortaleceremos o ecossistema de ciência, tecnologia e inovação, além de políticas de saúde mental e acessibilidade. O legado é uma UFMG mais inclusiva, inovadora, comprometida com a sociedade e que acolha a pluralidade do Brasil.

## Qual a função da universidade pública no Brasil e como a UFMG dialoga com a sociedade?

A universidade pública é estratégica para produzir conhecimento, formar cidadãos críticos e contribuir para o desenvolvimento do país, reafirmando o valor da ciência e da democracia. Precisamos sofisticar o diálogo entre ciência de ponta e de base, trazendo-a para o cotidiano das pessoas. É fundamental ampliar parcerias com a educação básica e tornar a UFMG mais acessível e presente, mostrando o impacto do conhecimento na vida da população.

## Como equilibrar a cobrança por impacto imediato com a produção de conhecimento de longo prazo, e como enfrentar discursos anti-universidade?

A universidade equilibra respostas imediatas e produção de conhecimento de longo prazo, que são complementares. É legítimo que a sociedade espere impacto, mas soluções concretas surgem de pesquisas sem aplicação imediata. Abrir mão do longo prazo compromete o futuro. Discursos



“Discursos que associam a universidade à desordem devem ser enfrentados com firmeza, pois ela é um espaço plural e crítico, essencial para a democracia”

que associam a universidade à desordem devem ser enfrentados com firmeza, pois ela é um espaço plural e crítico, essencial para a democracia. Preocupa a deslegitimação e a desinformação. As universidades devem reafirmar seus princípios e ampliar o diálogo com a sociedade, tornando visível seu papel e impacto para fortalecer a confiança pública.

## Quais os desafios de financiamento e autonomia para as universidades federais e como deve ser a relação com o poder público?

Restrição orçamentária é um desafio central, impactando manutenção e planejamento. É crucial assegurar previsibilidade e estabilidade de financiamento. As universidades públicas são patrimônio do Estado brasileiro. Preservar a autonomia universitária é fundamental para contribuir criticamente com políticas públicas e o desenvolvimento nacional. Devemos manter uma relação cooperativa com o poder público, sem abrir mão da autonomia e do compromisso com o interesse público, independente do cenário político.

## Como atualizar currículos e práticas pedagógicas para as demandas contemporâneas e o mundo do trabalho em transformação?

É essencial inovar nas práticas pedagógicas. Na UFMG, isso se traduz em currículos flexíveis e interdisciplinares, que dialoguem com temas contemporâneos. Formações transversais, integração com a extensão e percursos formativos abertos são cruciais. Incorporar novas metodologias de ensino, com uso crítico de tecnologias digitais e práticas ativas, colocando o estudante no centro. O desafio atual é integrar a inteligência artificial de forma responsável. A universidade deve pensar o novo, considerando o atual e o acúmulo de saberes para uma formação atenta às demandas da sociedade.

## Que caminhos o senhor vê para ampliar e fortalecer a extensão universitária na UFMG?

A extensão universitária é central para a relação universidade-sociedade, sendo um eixo estruturante na UFMG, indissociável do ensino e pesquisa. Com forte impacto social, a aprovação das Normas Gerais de Extensão em 2024 institucionalizou a área. Este instrumento guiará ações para melhor diálogo social, promoção dos direitos humanos e desenvolvimento sustentável.

## A chegada da inteligência artificial impõe novos desafios ao ensino e à produção de conhecimento. Como a universidade está se preparando para lidar com essas ferramentas e qual seu papel no debate público sobre o tema?

A inteligência artificial é uma das transformações mais profundas do nosso tempo, e a UFMG tem tratado o tema de forma estruturada, com a criação da Comissão Permanente de Inteligência Artificial. A comissão fomenta um debate profundo sobre os impactos da IA e orienta a universidade na construção de respostas institucionais consistentes. O caminho não é proibir, mas incorporar criticamente, revisando práticas pedagógicas e desenvolvendo novas formas de avaliação. A IA não deve ser encarada nem como ameaça nem como grande aliada, pois é apenas uma ferramenta. Seus efeitos dependem de como a sociedade decide desenvolvê-la e utilizá-la. O papel da universidade é estratégico: produzir conhecimento ▶

com visão crítica, formar pessoas para usar a IA com responsabilidade e contribuir para o debate público qualificado, oferecendo evidências científicas para decisões informadas e orientação ética para o desenvolvimento e regulação da IA.

**O senhor afirmou que ‘inclusão sem permanência não se sustenta’. Como transformar esse princípio em políticas concretas, especialmente considerando as mudanças no perfil dos estudantes e os desafios de saúde mental?**

Inclusão sem permanência não se sustenta; significa uma mudança de chave na compreensão dessa agenda. Não é apenas garantir acesso a auxílios financeiros, mas consolidar uma política institucional estruturante, orientada por equidade, justiça social e garantia de direitos. A permanência qualificada é resultado de uma ação articulada que envolve saúde mental, direitos humanos, acessibilidade e apoio pedagógico. Os gargalos incluem a necessidade de ampliar e dar previsibilidade aos recursos de assistência estudantil e integrar as políticas universitárias. A UFMG tem avançado em uma política de saúde mental baseada no acolhimento e escuta. Os desafios são lidar com a diversidade estudantil, a pressão acadêmica e a insegurança, e construir uma cultura mais solidária e humanizada.

**A Universidade Federal de Minas Gerais aparece com frequência em rankings internacionais e mantém uma posição de destaque. Como o senhor interpreta esse reconhecimento? E, ao mesmo tempo, quais são os desafios para sustentar ou até elevar esse padrão de excelência em um contexto de restrições orçamentárias?**

O reconhecimento da UFMG em rankings nacionais e internacionais é motivo de muito orgulho, mas sempre interpretamos esses rankings com equilíbrio e cuidado. Ele reflete o resultado de um trabalho consistente e de longo prazo, construído pela dedicação da comunidade acadêmica e esse esforço merece tal reconhecimento. Ele reflete, obviamente, a solidez da nossa produção científica, a qualidade da formação que oferecemos e o compromisso permanente com a sociedade. Contudo, nenhum ranking consegue alcançar toda a potência de uma universidade pública



**“A universidade pública só se justifica plenamente quando a sociedade se reconhece nela”**

como a UFMG, em todas as suas frentes de atuação e dimensões, que envolve todos os desafios que tratamos até aqui, como os relacionados à inclusão, a uma formação cidadã, aos impactos sociais e nosso compromisso com o desenvolvimento do país. Não é fácil sustentar, quiçá elevar esse padrão de excelência, em um contexto de restrições orçamentárias. Por isso, precisamos defender a previsibilidade orçamentária das universidades como condição essencial para garantir a continuidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão com qualidade e fortalecer as estratégias institucionais, a diversidade das áreas do conhecimento, o equilíbrio entre ciência básica e aplicada, e a autonomia universitária.

**Ao olhar para o futuro, que papel o senhor imagina para a UFMG no cenário internacional? E, mais amplamente, como acha que será a universidade no futuro?**

Ao olhar para o futuro, imagino a UFMG como uma universidade cada vez mais internacionalizada, mas profundamente enraizada em sua responsabilidade local, regional e nacional. Nosso desafio ao ampliar nossa presença em redes globais é fazê-lo a partir de uma identidade própria, como

uma universidade pública do Sul Global, comprometida com a redução de desigualdades, especialmente as que marcam nosso país e a nossa América Latina, a partir da produção de conhecimento relevante e da defesa da democracia. Nesse cenário, entendo que as universidades ocupam um importante papel como atores políticos no plano internacional. Não no sentido partidário, mas como instituições que influenciam agendas globais, participam da formulação de políticas públicas, contribuem para a cooperação entre países e atuam em temas estratégicos como sustentabilidade, saúde, tecnologia e direitos humanos. Portanto, vejo a UFMG do futuro como uma universidade que combina excelência acadêmica, inovação, inclusão e compromisso público, ao mesmo tempo em que se afirma como um ator relevante no cenário internacional, capaz de construir pontes entre países e contribuir para enfrentar desafios globais com base na ciência e na cooperação.

**Saindo um pouco do plano institucional: que experiências da sua trajetória mais moldaram sua visão de educação? O que, define uma boa universidade? E, para terminar, olhando para o Brasil de hoje: o que mais o preocupa e o que ainda sustenta alguma esperança?**

Minha trajetória na universidade, desde estudante do interior a reitor, moldou profundamente minha visão de educação. Ensinar, para mim, é uma relação de cuidado e trocas constantes, onde o aprendizado flui em ambas as direções. Acredito que uma boa universidade se define pela sua capacidade de cuidar das pessoas que a constituem – estudantes, técnicos e docentes – pois é na força e na dedicação dessa comunidade que reside o verdadeiro poder da UFMG. Preocupa-me profundamente a persistência da desigualdade econômica e social no Brasil, o impacto corrosivo da desinformação e o enfraquecimento da confiança nas instituições públicas, que são pilares da nossa democracia. Contudo, mantenho um otimismo inabalável e vejo uma imensa esperança nas universidades públicas brasileiras e, sobretudo, na juventude que as habita. O que nos impulsiona é uma esperança ativa, que não se contenta em esperar passivamente, mas que se traduz em ação concreta, em compromisso inabalável e em trabalho coletivo incansável para transformar a realidade. ■



# Nova regulamentação da *cannabis* medicinal no Brasil

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou recentemente um novo conjunto de normas que atualiza o marco regulatório aplicável aos produtos derivados da *Cannabis sativa* para fins medicinais no Brasil. A principal mudança é a substituição da Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) Anvisa nº 327/2019 pela RDC Anvisa nº 1.015/2026, que passará a vigorar a partir de 4 de maio de 2026 e estabelece regras atualizadas para a importação, fabricação, comercialização, prescrição e dispensação desses produtos.

A revisão regulatória ocorre em um contexto de crescimento contínuo do uso medicinal da *cannabis* no país. Desde 2015, a Anvisa passou a permitir a importação de produtos contendo canabidiol (CBD) e tetrahidrocanabinol (THC) mediante prescrição médica, inicialmente por meio de autorizações individuais concedidas a pacientes. Ao longo dos anos, a demanda por esses tratamentos aumentou significativamente, impulsionando a necessidade de um arcabouço regulatório mais estruturado.

Em 2019, a RDC nº 327 representou um marco importante nesse processo ao estabelecer critérios para a fabricação e comercialização de produtos de *cannabis* no Brasil, além de disciplinar a prescrição médica e a dispensação em farmácias. A nova RDC nº 1.015/2026 mantém essa estrutura regulatória, mas promove ajustes e atualizações com o objetivo de aprimorar o controle sanitário e acompanhar a evolução científica e tecnológica relacionada ao uso medicinal da *cannabis*.

Outro avanço relevante do novo conjunto normativo é a regulamentação do cultivo e da produção nacional de derivados de *cannabis* destinados a fins medicinais, farmacêuticos ou de pesquisa científica, estabelecendo-se requisitos técnicos e sanitários para o cultivo da planta e para a produção de insumo farmacêutico vegetal.

Além disso, a Anvisa instituiu um sandbox regulatório, que consiste em um ambiente experimental no qual empresas ou instituições autorizadas podem testar soluções inovadoras sob supervisão da autoridade reguladora. Nesse espaço controlado, determinadas atividades são realizadas de forma limitada e monitorada, permitindo avaliar riscos, benefícios e impactos antes da adoção de regras definitivas. No caso da *cannabis* medicinal, o sandbox envolve iniciativas relacionadas ao cultivo para fins medicinais, à produção de insumo farmacêutico vegetal e ao desenvolvimento e fornecimento de preparados à base de *cannabis*.

Paralelamente à evolução regulatória, o Poder Judiciário também teve papel relevante na ampliação do acesso a tratamentos com a planta no Brasil. Ao longo dos últimos anos, diversas decisões judiciais passaram a reconhecer o direito de pacientes ao uso medicinal desses produtos, especialmente quando há prescrição médica e ausência de alternativas terapêuticas eficazes.

Entre os casos mais frequentes estão ações judiciais que buscam ga-

“Ao longo dos últimos anos, diversas decisões judiciais passaram a reconhecer o direito de pacientes ao uso medicinal desses produtos, especialmente quando há prescrição médica e ausência de alternativas terapêuticas eficazes”

rantir o fornecimento de medicamentos à base de *cannabis* pelo poder público ou por planos de saúde, bem como decisões que autorizam a importação desses produtos. Em situações específicas, também há precedentes judiciais que concedem habeas corpus preventivo para permitir o cultivo doméstico da planta com finalidade exclusivamente medicinal. Essas decisões contribuíram para evidenciar lacunas existentes e impulsionar o debate sobre a necessidade de um marco regulatório mais claro e estruturado.

O novo conjunto de normas editado pela Anvisa representa, portanto, mais um passo na consolidação da política regulatória da *cannabis* medicinal no Brasil. Ao combinar ampliação do acesso, estímulo à pesquisa e fortalecimento da supervisão sanitária, a nova regulamentação busca oferecer maior segurança jurídica para pacientes, profissionais de saúde e empresas que atuam nesse setor em expansão. ■

Patrícia Campos de Castro Vêras é advogada, mestre em direito administrativo, procuradora do Estado e sócia do escritório Veiga, Hallack Lanzotti, Castro Vêras

Marcelo  
Melo

Tenista brasileiro



# Grandes parcerias constroem grandes resultados

*Experiência, confiança e estratégia.  
É assim nas quadras e nos investimentos.*



Investimentos de curto,  
médio e longo prazo



Ideal para quem busca  
rentabilizar o patrimônio



Liquidez diária  
ou no vencimento

Ao seu lado em cada decisão,

com solidez e segurança.

Banco Bmg, a dupla certa para investir.



Acesse o app  
e conquiste seus objetivos

Central de atendimento

**0800 979 7201**

Segunda à sexta, das 10h às 17h

Esta comunicação possui caráter estritamente jornalístico e não deve ser considerada como consultoria de investimentos financeiros e/ou jurídicos, oferta, recomendação, solicitação de oferta ou aconselhamento para compra ou venda de quaisquer produtos financeiros.

Imerso em polêmicas desde que era apenas um rascunho, conjunto volta a ocupar o centro das atenções com a mudança na sua governança após 40 anos e a iminente estreia de um podcast sobre histórias e curiosidades do condomínio

▶ ALEX DE OLIVEIRA

Em 1952, a pedido do então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer (1907-2012) projetou para Belo Horizonte um conjunto habitacional arrojado, em formato de arranha-céu, mas que parecia maior do que a própria cidade comportava à época. O que se anunciava ali, nas bordas da praça Raul Soares, era, entre concreto e vidro, a alegoria de um Brasil que se pretendia moderno e grandioso. Um sonho talvez grande demais para uma jovem capital, que não sofria pressão demográfica nem escassez de terra – o que contribuiu para que a proposta de erguer torres capazes de abrigar milhares de pessoas soasse excessiva, atraindo críticas da imprensa, estranhamento da população e questionamentos de políticos. Nascia ali o Conjunto Governador Juscelino Kubitschek, simultaneamente sob o signo da promessa e da controvérsia.

Com uma pegada muito à frente de seu tempo, a dimensão do projeto – *cujos desenhos o leitor poderá conferir ao longo das páginas desta reportagem* – previa não apenas apartamentos para moradia, mas também estúdios para locação por temporada, que funcionariam nos andares mais baixos da torre A, destinada

# Edifício JK: monumento entre a utopia e o concreto

Conjunto Governador Juscelino Kubitschek: nascidos sob o signo da promessa e da controvérsia, edifícios têm histórico de polêmicas e de luta de seus moradores pela preservação correta de um dos marcos simbólicos da cidade





Vista aérea da piscina

a funcionar como um hotel, dispendo, inclusive, de elevador exclusivo – sim, nos anos de 1950, o desenho já vislumbrava um tipo de serviço que hoje se tornou popular com plataformas como Airbnb. Projetava-se também a instalação de cinema, teatro, museu, restaurante e esplanadas públicas abertas e integradas à cidade. Em suma, tratava-se de um exercício de futuro, como avalia o arquiteto e urbanista Flávio Carsalade, professor da Escola de Arquitetura da UFMG desde 1982. “O Juscelino Kubitschek sempre foi muito moderno. O que ele pensou para o prédio – assim como quando imaginou o Conjunto Arquitetônico da Pampulha – dizia justamente sobre o futuro”, crava.

“O que se estava criando ali era quase um bairro vertical, inclusive com comércio e outras facilidades. Mas, Belo Horizonte não tinha densidade populacional e nem falta de espaço para que se criasse uma solução como aquela – é até curioso falar ‘solução’, porque não havia um problema a ser solucionado”, situa, lembrando a estranheza que o anúncio daquele empreendimento causou: “Quem seria o morador típico daquele lugar? A quem se destinaria aquilo? São questionamentos que vieram junto daquela coisa da desconfiança do mineiro”, diz Carsalade.

O projeto seguiu como um experimento de vanguarda num contexto que ainda não parecia demandá-la. Sensivelmente avançada, soava exagerada. O próprio destino do país contribuiria para esse descompasso. Se o JK simbolizava a ideia de Brasil como promessa grandiloquente – a crença no “país do futuro” –, sua construção arrastada e repleta de impasses antecipava, de algum modo, o refluxo que se instalaria na década seguinte com a ditadura militar.

Iniciada nos anos 1950, a obra só começou a ser ocupada em meados da década de 1970, quando ainda estava em construção. Nunca houve uma inauguração oficial. O conjunto enclaustrou por mais de 20 anos, tornando-se ruína inacabada no coração da cidade. E muito do programa original jamais se concretizou: o museu de arte moderna, o teatro, o cinema, o restaurante aberto ao público e as esplanadas concebidas como praças suspensas ficaram no papel ou foram convertidas a outros usos. A promessa de cidade integrada à vida cultural transformou-se, ao longo do tempo, em narrativa de abandono, estigma e resistência.

É esse percurso sinuoso que ajuda a explicar por que o JK continua a fascinar e a dividir opiniões. Ao longo dos anos, ▶

Fotos: Reprodução



Lojas externas



Rodoviária

as duas torres não saíram das páginas dos jornais. Acusações de arbitrariedades, relatos de assédio jurídico, deterioração do patrimônio público – o conjunto é tombado pelo município –, além de histórias curiosas e personagens que se tornaram uma espécie de mito – como a síndica Maria Lima das Graças, que, falecida no mês passado, aos 78 anos, havia comandado com mãos de ferro, por nada menos que 40 anos, a administração local – chamaram a atenção do público e da Justiça.

“Meu primeiro contato com essa história foi com a cobertura do noticiário. A cada vez que saía uma nota sobre o JK, como da moradora que pagou o condomínio com moedas ou da proibição dos cachorros de pisar no chão, eu ficava mais fascinado”, conta o jornalista e podcaster paulista Chico Felitti, que nos últimos tempos vem mergulhando no universo do prédio. “Uns dois anos atrás entrei em contato com um grupo de moradores que estava disposto a falar sobre as suspeitas que recaíam sobre a administração do prédio. E aí começou minha investigação, em meados de 2024”, narra. Quando falou com a **Encontro**, o podcast ainda não tinha título definido, mas já possuía previsão de estreia: “Vai ao ar no fim de março ou começo de abril. Mas, só fecha no dia anterior de ir para o ar. Porque histórias reais como essa podem sofrer reviravoltas a qualquer momento”, comenta.

Não deu outra. Poucas semanas depois da conversa, dois acontecimentos voltaram a movimentar o noticiário em

Pádua de Carvalho



“O que se estava criando ali era quase um bairro vertical. Mas, BH não tinha densidade populacional para uma solução como aquela – é até curioso falar ‘solução’, porque não havia um problema a ser solucionado”

**FLÁVIO CARSALEDE, ARQUITETO E URBANISTA, PROFESSOR DA ESCOLA DE ARQUITETURA DA UFMG DESDE 1982**

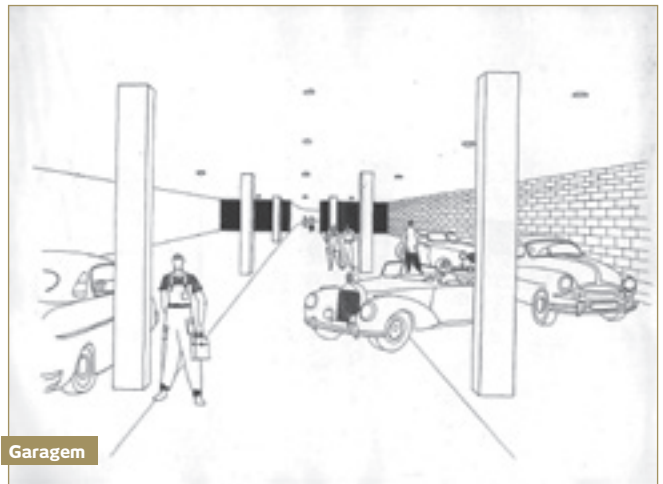
torno do prédio: primeiro, a condenação, em 24 de fevereiro, do atual síndico, Manoel Gonçalves de Freitas Neto, 61 anos – eleito em setembro do ano passado para administrar o conjunto após o afastamento da antiga titular, Maria Lima das Graças, por motivos de saúde –, a mais de três anos de prisão em regime aberto por omissão na conservação predial. E a morte, 20 dias depois, da ex-síndica, após um período de internação.

Em suma, é caso de sobra e, para o projeto, Felitti contabiliza mais de 100 entrevistas e um levantamento de dados inéditos. “O que não falta nessa série é história interessante. Temos de teoria da conspiração a gente fingindo que é um casal para poder morar no JK sem ser importunado”, descreve. Ele faz referência a uma regra do condomínio que obriga que os moradores de um apartamento pertençam à mesma família, sendo parentes de primeiro grau, aceitando no máximo mais um morador que não seja um parente. A ideia é evitar a formação de “repúblicas” – como são chamadas as moradias coabitadas por amigos, conhecidos ou simplesmente roommates por conveniência, como no caso das moradias estudantis.

Detalhe que a norma nem sequer está entre as mais polêmicas do prédio, que, por exemplo, já obrigou moradores a carregarem seus pets no colo quando em circulação pelas áreas comuns. A medida foi amplamente criticada e se encaminha até para motivar uma legislação municipal, a Lei Totó, inspirada na luta de um



Mercado



Garagem

Studio Tertulia/divulgação

morador pelo direito de sua mãe, uma mulher idosa, de circular pelo prédio sem precisar carregar seu pet. A norma, contudo, foi suspensa desde que Maria Lima das Graças deixou oficialmente de ser síndica, em meados de setembro do ano passado.

Para além do enredo quase novelesco, o podcaster enxerga no edifício uma dimensão urbana incontornável. “O JK é gigante não só no seu tamanho, mas também na sua relevância. Está ali, junto com os edifícios Chopin (RJ) e Copan (SP) como um cartão-postal do imaginário do brasileiro”, diz. A menção ao Edifício Copan não é gratuita: o conjunto belo-horizontino dialoga com experiências internacionais de habitação de grande escala e com a própria trajetória de Niemeyer e de Juscelino Kubitschek, cuja carreira política é indissociável do uso estratégico da arquitetura como “feito demonstração”.

### UM BOM PEDAÇO DE HISTÓRIA

Quem ajuda a contextualizar o JK nesse arco é o arquiteto e urbanista Pedro Morais, doutor em habitação de grande escala e morador do conjunto entre 2004 e 2019. “Do ponto de vista histórico, ele acaba se situando num contexto mundial de proposições modernas de modos de morar e de buscas por tentar resolver a moradia operária no contexto da cidade. O modelo que o Conjunto JK acaba incorporando deriva quase diretamente das propostas de Le Corbusier (idolatrado arquiteto e urbanista franco-suíço) para as unidades de habitação na França no



“O JK está localizado num ponto estratégico da cidade. Ele tem potencial de abrigar equipamentos públicos e culturais relevantes”

PEDRO MORAIS, DOUTOR EM HABITAÇÃO DE GRANDE ESCALA, MORADOR DO CONJUNTO ENTRE 2004 E 2019 E AUTOR DO ARTIGO “DECIFRANDO A ESFINGE: UMA TENTATIVA DE ANÁLISE DO CONJUNTO JK”

segundo pós-guerra”, avalia.

Morais lembra que, naquele momento, tipologia habitacional e proposta urbanística eram inseparáveis. Concentrar moradias em grandes torres significava liberar o solo para áreas verdes, lazer e circulação. Ao mesmo tempo, o JK já superava, em parte, a rígida setorização de usos da utópica Ville Radieuse corbusiana – plano urbanístico funcional sonhado pelo franco-suíço – ao incorporar comércio e serviços na base e nas galerias. “No próprio JK, no Copan e outros desse tipo, já se incorpora uma ideia do uso misto”, observa. Essa mistura, no entanto, não impediu que o formato fosse posteriormente demonizado. “Na medida em que, a partir dos anos 1960, se identificam e são criticados os problemas do urbanismo moderno, esse tipo de edificação acabou sendo banido por muitos anos. Vem daí um pouco desse estigma que persegue esses grandes edifícios, e o JK não é exceção”, avalia.

As soluções arquitetônicas são marcadamente modernas: pilotis, plantas livres, estruturas internas independentes. “Dentro de um apartamento você consegue demolir todas as paredes e ter uma planta livre, integrada”, ressalta. Mas, houve também inflexões. Ao adotar panos de vidro mais próximos do modelo norte-americano, o edifício incorporou desafios climáticos. “Quem mora no JK sabe disso: as fachadas com maior insolação, principalmente as fachadas norte, sofrem com excesso de calor em algumas épocas do ano”. Nos croquis iniciais, lembra ele, havia intenção de criar varandas de proteção solar que ▶

acabaram não se concretizando.

Se no plano formal o prédio sintetiza debates internacionais, no social ele viveu uma trajetória imprevista. Lançado com aura de modernidade e glamour, demorou, como já citado, mais de 20

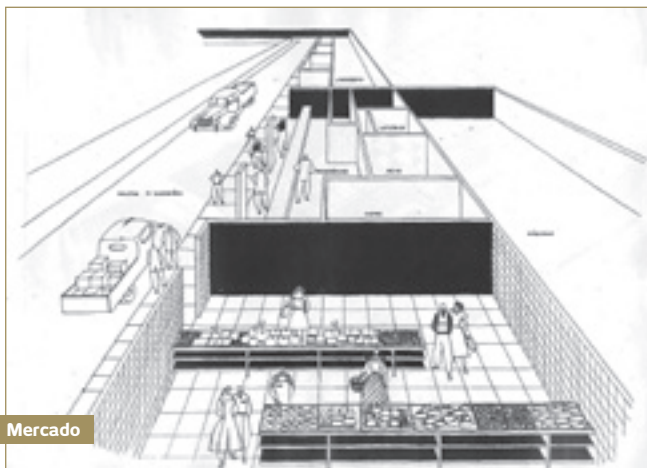
anos para ser concluído. “Acabou concretizando, meio que sem querer, um complexo gigante de habitação popular, porque se tornou ‘popular’ em vista da desvalorização financeira que sofreu ao longo dessas duas décadas”, diz.

A ideia de “cidade dentro da cidade” – com museu de arte moderna, teatro, cinema, quadras e equipamentos coletivos – também foi sendo esvaziada ou redirecionada. “No lugar do museu se colocou uma Secretaria de Segurança

Ilustrações/reprodução



Hall do hotel



Mercado

Pádua de Carvalho

## PASSADO ASSOMBRA NOVA GESTÃO

É entre em um misto de expectativa, mas também em meio a turbulências, que o síndico Manoel Freitas assumiu a governança do Conjunto JK, que por mais de 40 anos foi administrado por Maria Lima das Graças. Nesta entrevista a **Encontro**, a primeira concedida pelo gestor após ocupar o cargo, ele ressalta como sua história pessoal confunde-se com a do prédio. “Não caí de paraquedas no JK. Entrei para trabalhar em 4 de outubro de 1988, na função de serviços gerais de faxina e, enquanto trabalhava, fazia cursos profissionalizantes dentro das necessidades do condomínio”, lembra.

No conjunto, passou por várias funções enquanto estudou e formou-se em direito. Com o afastamento da antiga síndica, assumiu interinamente até ser eleito. “Com mais de 30 anos trabalhando no condomínio, me sinto muito à vontade e com capacidade para o desafio que é administrar a cidade do JK”, afirma. A metáfora não é hiperbólica: o último censo estimou quase mil moradores no prédio, mas, segundo a administração, considerando visitantes, o número de pessoas circulando ativamente por ali

chega a 5 mil. “Aqui, qualquer intervenção que para outros condomínios seria considerada ínfima toma uma dimensão monumental”, conta.

As polêmicas também estão à altura da mesma comparação: apenas cinco meses após ser eleito síndico em uma assembleia tumultuada, Manoel foi condenado a três anos, um mês e nove dias de detenção por deterioração de bem protegido e por omissão no dever de preservação do patrimônio. A decisão é do juiz Joaquim Moraes Júnior, da 1ª Vara Criminal de Belo Horizonte. O magistrado entendeu que, ao longo dos 15 anos em que atuou como gerente do condomínio – portanto, antes de ser empossado como síndico –, o gestor deixou de adotar medidas necessárias para a conservação do conjunto, tombado pelo município, e também da sede do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), instalada em uma das torres do complexo.

Na sentença, o juiz apontou como agravante o fato de infiltrações e problemas estruturais terem exposto funcionários e frequentadores do IHGMG a



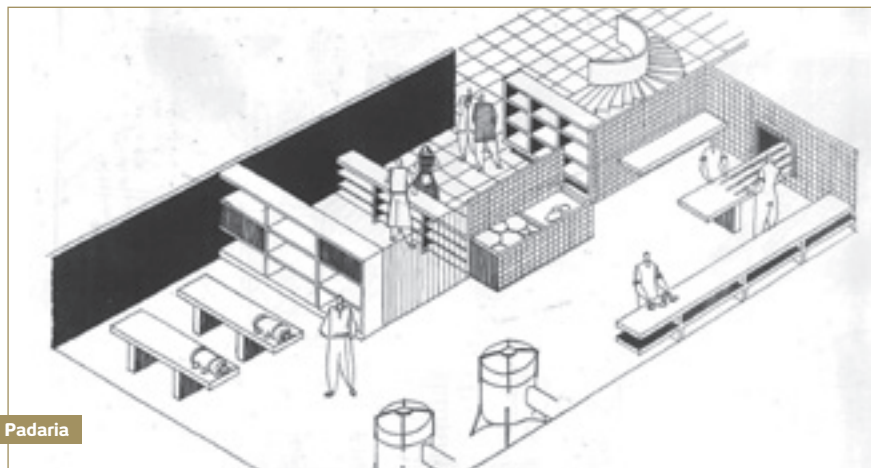
Novo síndico do JK, Manoel Freitas rompe ciclo de silêncio de 40 anos da antiga governança e dá sua primeira entrevista à imprensa: “Não caí de paraquedas no Condomínio JK”

Pública, claramente visando o controle social de uma população tão grande e concentrada num edifício só.” O Terminal Turístico, criado nos anos 1980 em articulação com o então nascente Aeroporto de Confins, perdeu o sentido original e

se reconfigurou como apoio ao polo de moda do Barro Preto – hoje, funciona também como uma espécie de rodoviária informal, atendendo a empresas que trabalham com viagens em ônibus fretados, como a Buser.

O estudioso avalia que o tombamento da edificação como patrimônio cultural de Belo Horizonte, em 2022, soube reconhecer essa complexidade. “Seus elementos são muito característicos da arquitetura moderna. Na capital, ele tem importância particular por ser um símbolo urbano marcante”, cita, acrescentando que a autoria de Niemeyer e a inserção do conjunto na trilogia política de Juscelino – Pampulha como prefeito, JK como governador, Brasília como presidente – reforçam a dimensão simbólica. “Sem o Conjunto JK se teria um elo perdido nessa trilogia”, ressalta.

Mas, Moraes insiste: um patrimônio não é “bicho empalhado”: “É vivo. É preciso equilibrar as necessidades contemporâneas com a necessidade de preservação”. Isso passa por adequações às normas do Corpo de Bombeiros, atualização de instalações e, sobretudo, por educação patrimonial. “Cartilhas, sinalização, quadros e painéis que expliquem melhor ▶



Padaria

riscos à saúde, devido ao mofo e à umidade persistente, além de colocarem em perigo o acervo histórico da instituição.

## OLHANDO PARA FRENTE

Enquanto recorre da decisão, Manoel detalha ações que tem empreendido desde que assumiu a gestão do condomínio, como a modernização dos elevadores, uma demanda antiga dos condôminos. O conjunto possui nada menos que 17. No entanto, apenas nove estão em funcionamento – um avanço em relação ao último ano da antiga gestão, quando eram somente seis. Alguns dos ascensores ainda são da década de 1970, período de construção dos prédio.

Em outras frentes, Manoel cita um novo projeto de paisagismo no hall do bloco A; a impermeabilização da laje do bloco B; a informatização da comunicação com os moradores e a desburocratização das decisões. “Um projeto de reforma, que levava até seis meses para ser liberado, hoje não passa de uma semana”, comenta. A gestão, diz, busca transparência sem onerar os condôminos e maior abertura ao diálogo. O síndico, aliás, se diz obstinado a vencer as desconfianças de críticos da antiga gestão.

Entre outros projetos em andamento, Freitas destaca a obtenção do AVCB junto ao Corpo de Bombeiros, que atesta que o local é seguro, “um marco histórico para o JK”. Sim, será a primeira vez que o condomínio está totalmente regulari-

---

“Aqui, qualquer intervenção que para outros condomínios seria considerada ínfima toma uma dimensão monumental”

---

zado junto ao Corpo de Bombeiros. Há ainda a ambiciosa impermeabilização das lajes do bloco A, que soma 20 mil metros quadrados, e a recriação das quadras na mesma esplanada. O tombamento, diz ele, acrescenta complexidade ao processo decisório. “É necessário um alinhamento fino com os órgãos de proteção da Pre-

feitura. Estamos buscando formar uma frente conjunta para preservar e resgatar o prestígio do JK”, reforça.

Um dos maiores desafios do novo síndico é incentivar a ocupação de pontos comerciais do conjunto. A maior parte deles localizada na rua dos Guajajaras, está desativada, o que o que gera uma desvalorização da região. “Esse ‘abandono’ das lojas pelos seus proprietários é um problema multifacetado e difícil de se corrigir, uma vez que se trata de propriedade privada. Como síndico, venho trabalhando dentro das possibilidades, promovendo reuniões com proprietários e empreendedores, e os incentivando a dar uma destinação para esses espaços. Tenho me colocado à disposição para facilitar ao máximo o fomento de novos negócios e de atividades nessas lojas. Acredito que este movimento agregaria valor para o conjunto e traria vida nova e alma para o espaço. É um objetivo que levo como um dos principais da minha gestão.”

Sobre o peso simbólico do cargo, o administrador não se faz de rogado. “Eu vejo o JK como uma das construções mais importantes do estado e do Brasil, que merece ser tratada à altura”, diz.

sua importância e despertem maior consciência de todos”, diz.

Para ele, a requalificação também envolve reocupar e revalorizar áreas subutilizadas, especialmente na base comercial e na chamada Praça Suspensa. “O JK está localizado num ponto estratégico da cidade. Ele tem potencial de abrigar equipamentos públicos e culturais relevantes”, frisa, indicando que o espaço originalmente destinado ao museu, sob uso da Polícia Civil e atualmente abandonado, poderia ser objeto de negociação e ganhar a destinação para o qual foi vocacionado; o teatro, ocupado pela Igreja Universal, exigiria outra triangulação. “É uma questão de tempo e um processo a ser construído coletivamente”, defende.

## MIRANDO O FUTURO

Essa perspectiva, que mira uma maior aproximação do conjunto com a cidade por meio de equipamentos culturais e espaços de convivência, dialoga com um momento urbano mais amplo, que se pode observar em uma série de iniciativas que tomam a cidade – e sua região central.

Desde 2021, por exemplo, o Circuito Urbano de Arte (Cura) realiza intervenções em fachadas de prédios na região da praça Raul Soares – fazendo, do lugar, um mirante de arte de grande escala. O JK, que integra essa paisagem, não passa despercebido por Priscila Amoni, curadora do projeto. “Ele é um ícone da arquitetura moderna brasileira e já nasceu com essa vocação de conversar com a cidade, de ser atravessado pela vida urbana e não ficar isolado dela”, define.

“Para o Cura, que trabalha justamente ativando o espaço público de forma simbólica e afetiva, o JK sempre foi um sonho. Desde que começamos a atuar na região da Raul Soares, imaginamos esse edifício mais próximo da nossa programação, porque ele traduz muito essa ideia de cidade viva, misturada, onde moradia, cultura e circulação se encontram. Integrar o JK ao Cura é reforçar essa visão de cidade como espaço de convivência, de arte e de encontro”, completa ela, que atualmente dialoga com a nova administração do prédio a fim de concretizar essa integração. Essa, aliás, não é a primeira tentativa de aproximação. Embora tenha aberto nego-

Lucas Bahia/divulgação



“Ele (o edifício JK) é um ícone da arquitetura moderna brasileira e já nasceu com essa vocação de conversar com a cidade, de ser atravessado pela vida urbana e não ficar isolado dela”

**PRISCILA AMONI, CURADORA DO CIRCUITO URBANO DE ARTE (CURA)**

ciações para realizar uma intervenção no prédio na última edição, em 2025, a iniciativa acabou barrada por Maria Lima das Graças, então síndica, que mantinha uma gestão centralizadora e fechada ao diálogo com condôminos ou projetos independentes.

Arquivo pessoal



“O JK é gigante não só no seu tamanho, mas também na sua relevância. Está ali, junto com os edifícios Chopin (RJ) e Copan (SP) como um cartão-postal do imaginário do brasileiro”

**CHICO FELITTI, JORNALISTA QUE LANÇARÁ UM PODCAST SOBRE O JK**

E essa sonhada integração não precisa ser apenas pontual, circunscrita ao período de realização do festival. Ao contrário: pode ser perene, seguindo o caminho das novas ocupações do entorno. Casos como o da Galeria São Vicente e de bares e restaurantes que chegam à região, em parte favorecidas pela visibilidade do Cura, reacendem a discussão sobre a utilização das alas públicas do conjunto, como o Terminal Turístico e as esplanadas – por décadas vistas como áreas “abandonadas” ou subutilizadas –, e sobre como reinseri-las de modo mais ativo na vida cotidiana de Belo Horizonte. ■

S E N S I A

SERRA

# VIVA A CIDADE COM UMA VISTA INSPIRADORA E O MELHOR PREÇO POR M<sup>2</sup> DA ZONA SUL.

Com obras aceleradas, invista numa das regiões mais desejadas da cidade, com fácil acesso pela Avenida do Contorno e pertinho do Pátio Savassi e da Praça do Papa.



2 OU 3 QUARTOS COM SUÍTE



VARANDA GOURMET



LAZER EQUIPADO E DECORADO

VISITE O APARTAMENTO MODELO NA OBRA:  
RUA POUSO ALTO, 498, SERRA – BELO HORIZONTE / MG

CONHEÇA O  
SENSIA SERRA:



MEUSENSIA.COM.BR

 (31)97577-8000

S E N S I A

INCORPORADORA

As imagens são meramente ilustrativas, buscando representar artisticamente o empreendimento. Móveis, objetos, revestimentos decorativos, equipamentos e demais acabamentos são apenas referências e não fazem parte do contrato de compra e venda da unidade. Consulte o memorial descritivo para obter detalhes sobre as características e materiais a serem entregues no empreendimento. Material destinado exclusivamente à divulgação do produto. R.3-85595 do 2º Ofício do Cartório de Registro de Imóveis de Belo Horizonte.

# Os riscos do uso do paracetamol em excesso

Pesquisa desenvolvida na UFMG que aborda os perigos do abuso da medicação é premiada no Catar, enquanto Europa alerta para riscos de desafio na internet

## ▶ ALINE RESKALLA

Em fevereiro deste ano, autoridades europeias emitiram um alerta para os riscos de intoxicação por paracetamol, que estariam aumentando entre jovens do continente após um suposto “desafio” nas redes sociais. A pediatra Silvia Olivia Pastor, do Hospital Regional Universitário de Málaga, na Espanha, divulgou um vídeo no qual solicita aos pais que acompanhem de perto seus filhos na internet. “Converse com seus filhos, acompanhe-os no uso da tecnologia e fique atento a sinais de alarme como vômito, dor abdominal ou sonolência excessiva. Medicamentos nunca são um jogo”, disse a profissional.

Solução buscada corriqueira-

mente e vendida livremente, sem a necessidade de receitas médicas, o paracetamol é responsável por mais overdoses farmacêuticas do que qualquer outro medicamento no mundo, principalmente devido à ampla disponibilidade do fármaco e à percepção comum de sua segurança. O remédio, também conhecido como N -acetil-para-aminofenol, funciona como um antipirético e analgésico com um mecanismo distinto dos anti-inflamatórios não esteroides típicos.

O grande problema é o uso indiscriminado. Ele pode desencadear um quadro grave e silencioso de lesão hepática – e, em casos extremos, levar à morte em poucos dias. O remédio está hoje no centro de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que busca entender, em nível celular, como



o organismo reage à intoxicação e por que, em alguns casos, o desfecho é tão rápido e severo. O estudo foi premiado no 18º Encontro Internacional da Sociedade Europeia do Cálcio (ECS), realizado em Doha, no Catar, um dos principais eventos científicos da área.

Coordenado pela professora Maria de Fátima Leite, docente titular do Departamento de Fisiologia e Biofísica do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFMG e integrante do INCT Hepatologia 360º, o trabalho investiga os mecanismos da lesão hepática causada pelo uso excessivo de paracetamol, com foco na resposta do sistema imunológico. “O paracetamol é metabolizado no fígado e, nesse processo, gera uma substância tóxica. É esse composto que provoca o dano às células hepáticas”, explica a pesquisadora.

A partir daí, o organismo entra em um processo de resposta que ainda não é totalmente compreendido. “Quando ocorre uma lesão, as células do sistema imune vão até o local. Elas podem ajudar a reparar o dano ou, dependendo da quantidade e do tempo de permanência, podem agravar o quadro”, afirma. O estudo busca justamente entender esse mecanismo: como essas células são recrutadas, como se movimentam e qual papel desempenham na evolução da lesão.

Os primeiros resultados indicam que essas células não chegam ao fígado de forma aleatória. “Observamos que elas têm direcionalidade, ou seja, vão diretamente para o local da lesão. Agora, o que ainda estamos investigando é se essa presença contribui para a recuperação ou para a piora do quadro”, diz.

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, o tema já é tratado como um problema relevante de saúde pública global. Dados levantados pelo próprio grupo, com base no Sistema de Informações Hospitalares do SUS, mostram que, apenas em 2023, Minas Gerais registrou cerca de 450 internações por intoxicação por paracetamol e o estado tem uma média de duas a três mortes por dia associadas ao problema. “É um número muito alto, especialmente quando pensamos que se trata de uma intoxicação evitável”, alerta.

Segundo a professora, esse é um ponto central: “O paracetamol é um dos principais causadores de intoxicação medicamentosa, mas é evitável. Com informação e



“O paracetamol é um dos principais causadores de intoxicação medicamentosa, mas é evitável. Com informação e uso adequado, esses casos poderiam ser reduzidos”

**MARIA DE FÁTIMA LEITE, DOCENTE TITULAR DO DEPARTAMENTO DE FISIOLOGIA E BIOFÍSICA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (ICB) DA UFMG**

uso adequado, esses casos poderiam ser reduzidos”, afirma. O risco aumenta em situações comuns, como automedicação, uso combinado de diferentes remédios que contêm a mesma substância ou em pacientes com doenças hepáticas prévias, desnutrição ou consumo frequente de álcool.

O desafio é agravado pela dificuldade

de identificar precocemente a intoxicação. Nos estágios iniciais, os sintomas são inespecíficos – náusea, mal-estar, palidez – e podem ser confundidos com outras condições. “Quando evolui, aí sim aparecem sinais mais graves, como dor abdominal intensa e alteração das enzimas hepáticas. Mas, nesse ponto, o quadro já pode estar avançado”, explica.

O tempo também é um fator crítico. Hoje, o principal tratamento disponível é a N-acetilcisteína, que atua neutralizando a substância tóxica gerada no fígado. No entanto, sua eficácia depende de uma janela terapêutica curta. “Estamos falando de, no máximo, oito a 10 horas para iniciar o tratamento com boa chance de reversão. Depois disso, o risco de evolução para um quadro grave aumenta muito”, diz.

É justamente nesse cenário que a pesquisa ganha relevância. Ao entender melhor os mecanismos envolvidos na lesão, os cientistas esperam abrir caminho para novas estratégias – não necessariamente um novo medicamento, mas formas de ampliar essa janela de tratamento ou potencializar terapias já existentes. “Quando a gente compreende o mecanismo, fica mais fácil propor intervenções. Às vezes, pode ser reposicionar um fármaco que já existe ou associar tratamentos”, afirma.

Autora da dissertação vinculada ao projeto, a mestranda Bárbara Fidelix Santana destaca o impacto do reconhecimento internacional: “É um trabalho construído com muito rigor científico e que pode gerar avanços importantes. A expectativa é contribuir para o desenvolvimento de estratégias que evitem a progressão das lesões hepáticas e ajudem a salvar vidas”.

Nos casos mais graves, a evolução pode ser rápida e dramática. A falência hepática pode levar ao acúmulo de substâncias tóxicas no organismo, afetando inclusive o cérebro – um quadro conhecido como encefalopatia hepática. “Quando chega a esse estágio, a situação é extremamente crítica. Muitas vezes, a única alternativa é o transplante do fígado, que nem sempre acontece a tempo”, explica.

Diante desse cenário, o principal alerta dos pesquisadores é direto: evitar a automedicação e buscar orientação profissional. “Toda farmácia tem um farmacêutico capacitado para orientar sobre dose, intervalo e interação entre medicamentos. As pessoas precisam usar esse recurso”, afirma. Outro ▶

## ATENÇÃO AOS RISCOS!

Veja como o paracetamol age no fígado

### USO NORMAL (DOSE CORRETA)

- ✎ O medicamento é metabolizado no fígado
- ✎ A maior parte é eliminada de forma segura
- ✎ Uma pequena parte vira uma substância tóxica (NAPQI)

### DEFESA DO ORGANISMO

- ✎ O fígado produz uma substância protetora (glutaciona)
- ✎ Ela neutraliza o composto tóxico
- ✎ O organismo elimina sem causar danos

### QUANDO HÁ EXCESSO (OVERDOSE)

- ✎ Produção elevada da substância tóxica
- ✎ A “defesa natural” do fígado não dá conta
- ✎ O composto tóxico começa a destruir as células hepáticas

### EVOLUÇÃO DA INTOXICAÇÃO

**Fase inicial:** náusea, mal-estar, sintomas inespecíficos

**24h a 72h:** dor abdominal, alteração do fígado

**Casos graves:** falência hepática, encefalopatia e risco de morte

### COMO EVITAR INTOXICAÇÃO

- ✎ Não ultrapassar a dose indicada na bula
- ✎ Evitar tomar dois medicamentos com paracetamol ao mesmo tempo
- ✎ Respeitar o intervalo entre as doses
- ✎ Evitar uso prolongado sem orientação médica
- ✎ Redobrar o cuidado em caso de consumo de álcool
- ✎ Procurar orientação de farmacêutico ou médico
- ✎ Atenção especial para crianças, idosos e pessoas com doença hepática



Freepik

cuidado essencial é verificar a composição dos remédios. “Muitas vezes, a pessoa toma dois medicamentos diferentes sem saber que ambos têm paracetamol, o que pode levar a uma superdosagem acidental.” A mensagem, segundo a pesquisadora, não é de pânico, mas de conscientização. “Não é para deixar de usar o medicamento quando necessário, mas para usar com segurança. Informação é o que permite prevenir”, resume.

O risco associado ao uso indiscriminado de paracetamol já é monitorado por autoridades sanitárias no Brasil e no exterior e não é recente. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) tem alertas formais sobre o tema e classifica o uso incorreto do medicamento como potencialmente grave. “O uso indiscriminado de paracetamol pode levar a eventos adversos graves, incluindo hepatite medicamentosa e morte”, destaca o órgão.

Em  
**2023**,  
Minas registrou cerca de  
**450 INTERNAÇÕES**  
por intoxicação por  
**PARACETAMOL**

Estado tem uma média de  
**2 A 3 MORTES**  
por dia associadas  
ao problema

A agência reforça que o problema está menos no medicamento em si e mais na forma como ele é utilizado. Em seus comunicados, a Anvisa orienta que o uso acima da dose recomendada ou por pe-

ríodos prolongados pode causar lesões hepáticas graves, especialmente em contextos de automedicação ou associação com outros medicamentos que também contenham a substância.

O alerta é semelhante ao de entidades internacionais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e agências regulatórias como a FDA (Estados Unidos) apontam o paracetamol como uma das principais causas de insuficiência hepática aguda em diversos países, justamente por ser amplamente disponível e, muitas vezes, utilizado sem orientação adequada. Em relatórios e guias clínicos, essas instituições destacam que o risco está diretamente ligado ao excesso – intencional ou não – e à falta de informação sobre a presença da substância em diferentes medicamentos

Tire suas dúvidas no serviço de informações sobre medicamentos da UFMG no Instagram: @cemedufmg ■

**Cuidado  
especializado,  
acolhimento  
e comodidade.**

✚ Mastologia

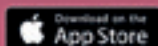
✚ Ginecologia

✚ Obstetrícia

**Saúde integral  
para a mulher.**

meu  
✚ MaterDei

Faça sua mamografia no Mater Dei Betim-Contagem por R\$194,00. Baixe agora o app Meu Mater Dei ou acesse: [meu.materdei.com.br](http://meu.materdei.com.br) e marque o seu exame.



✚ MaterDei  
Rede de Saúde

**com  
você,  
por toda  
a vida.**



Leitura/divulgação



## NA CONTRAMÃO DAS REDES, LEITURA CRESCE

O setor de livrarias vive uma crise. As redes sociais disputam a atenção dos jovens. Enquanto o mercado enfrenta dificuldades, a livraria mineira Leitura encontrou resultado: crescimento de 15% nas vendas no último ano e estimativa de um aumento de 25% em 2026. A rede nasceu em Belo Horizonte e hoje projeta ultrapassar 140 unidades espalhadas pelo país. Mas, a raiz e a sede continuam na capital mineira. Para **Marcus Teles**, CEO da rede, o crescimento é resultado de uma visão estratégica de longo prazo. “A Livraria Leitura cresce porque entende que o livro é apenas o começo da relação com o leitor. Investimos em experiência, em cultura e em presença física qualificada. Nossa expansão reflete a confiança no mercado brasileiro e no poder transformador da leitura”, afirma. Para ele, a combinação entre lojas físicas fortes, eventos culturais e novos produtos é o que sustenta o sucesso da marca em um cenário desafiador. Apenas no ano passado, 14 milhões de livros foram vendidos pela empresa. No ano que vem, mais um marco: a maior rede de livrarias do país completa 60 anos. Quais capítulos virão a seguir?

## FRANQUIAS: O MERCADO DE R\$ 300 BI

Saúde, beleza e bem-estar, além de casa e construção, são alguns dos segmentos que fizeram o setor de franquias alcançar o maior faturamento de sua história, ultrapassando R\$ 300 bilhões no último ano. Minas Gerais ocupa quase 9% desse mercado. A categoria movimentou mais de R\$ 26 bilhões no estado e é responsável por 158 mil empregos diretos. “A tendência é que o franchising continue avançando no território mineiro, especialmente em serviços, saúde e bem-estar. Minas ainda possui muitos mercados regionais com potencial para novas operações, o que deve manter o ritmo de expansão das redes”, afirma **Antônio Bortoletto**, diretor regional da Associação Brasileira de Franchising (ABF).

Keiny Andrade/divulgação



Victoria Mourão/divulgação

### DE FRENTE COM O CEO

*Fundador e presidente do Grupo EPO, o empresário Gilmar Dias dos Santos e família são os responsáveis por alguns dos empreendimentos imobiliários mais icônicos de Belo Horizonte e região. Nesta entrevista, ele fala sobre sua visão do mercado imobiliário de alto padrão e sua atuação frente ao grupo que completa 35 anos no próximo ano.*



### Expansão ou excelência em atendimento: o que importa para a EPO hoje?

Falar de expansão em qualquer área requer muito cuidado e conhecimento. Para a tomada de decisões na abertura de novas frentes, somos criteriosos, avaliando os possíveis cenários e, também, as oportunidades e riscos envolvidos. Agora, quando se fala em atendimento com qualidade, entendemos ser um dos nossos maiores ativos, pois aí reside a maneira de agir, a reputação e a possibilidade de perenizar os negócios, o relacionamento com os clientes e o mercado.

### A IA seria uma ameaça ou uma aliada para a EPO?

Já é uma realidade na vida das pessoas e para qualquer organização. Certamente, será a grande aliada,

## FERRERO COMPRA MINEIRA BOLD SNACKS

A marca mineira Bold Snacks, conhecida por suas barrinhas de proteína, foi adquirida pelo Grupo Ferrero, multinacional italiana responsável por marcas como Nutella, Kinder e Ferrero Rocher. Com a aquisição, a Bold deve integrar a categoria 'better-for-you' da empresa. Fundada em 2018 em Divinópolis, no Centro-Oeste de Minas, a Bold emprega cerca de 300 funcionários e faturou R\$ 200 milhões em 2025. Como parte da transação, a gigante internacional assumirá o escritório e a fábrica mineira, que possui 23 mil m², com expectativa de integrar os funcionários à Ferrero no Brasil.

## IVECO INVESTE R\$ 1 BI NO MAIOR COMPLEXO DO GRUPO NO MUNDO, EM MINAS

Localizado em Sete Lagoas, o maior complexo industrial da Iveco no mundo vai receber R\$ 1 bilhão em investimentos até 2028. É de lá que sai a linha completa de caminhões da marca no Brasil. Segundo o ex-governador Romeu Zema, a Iveco é a produtora de caminhões que mais ganhou o mercado nos últimos seis anos. O aporte será destinado à modernização industrial, desenvolvimento de novos veículos, ações de sustentabilidade e inclui, ainda, à instalação de um novo centro logístico, em Pouso Alegre.

## UFMG CONSTRÓI CENTRO NACIONAL DE VACINAS

Com um complexo que integra pesquisa, desenvolvimento e produção piloto de imunizantes, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) concluiu a primeira etapa da construção do Centro Nacional de Vacinas e a expectativa é de que os primeiros laboratórios de pesquisa e desenvolvimento sejam instalados até o fim do ano. O projeto conta com investimento de R\$ 80 milhões. Com estrutura inédita no Brasil, a planta destinada à fabricação de vacinas poderá produzir imunizantes ainda em fase experimental, o que até então acontece apenas no exterior. "A criação dessa infraestrutura coloca o Brasil em outro patamar na área de vacinas. Estamos estruturando um ambiente que integra pesquisa, desenvolvimento e produção piloto, algo fundamental para transformar conhecimento científico em soluções concretas para a saúde pública", afirma o coordenador do CTVacinas, **Ricardo Gazzinelli**.

UFMG/divulgação



trazendo novas formas de se relacionar, nos contratos entre as partes, nas compras de bens e serviços e nas relações entre capital e trabalho. É a nova onda tecnológica a serviço do homem, e espero que para o bem.

### **Foco na sustentabilidade: realidade ou mito?**

Entendo sustentabilidade numa visão mais pragmática, que deveria ser menos burocratizada. Este tema veio à tona com mais força há alguns anos, e chega com muita normas e burocracias como tudo que é feito de cima para baixo, sem a conscientização honesta da sociedade. Acredito que o tema deveria ser tratado de forma prática, sem ideologias, construindo e entregando valor real para o ambiente, a economia

e as pessoas, com formas claras de enxergar e medir as melhorias.

### **Dores e delícias de ser um CEO...**

São decisões, na maioria das vezes, tomadas de forma solitária, nas quais o ônus e o bônus recaem sobre os próprios ombros. Já as delícias são as realizações que frutificam, os legados construídos e a geração de valor para uma cadeia produtiva e para toda a coletividade. Isso traz muita alegria.

### **O que salva um dia?**

A concretização de uma negociação bem-feita, respeitosa e justa, que gera valor para as partes.

### **Livro de cabeceira da vida...**

A Bíblia.

### **O que diria para o Gilmar em seu primeiro dia como CEO?**

Ouçã mais, seja mais analítico ao tomar decisões importantes, valorize as pessoas como um dos maiores ativos da organização, contrate sempre profissionais melhores do que você em suas áreas e lembre-se: você está no Brasil.

### **Se não fosse CEO, o que estaria fazendo?**

Mais do que CEO, eu me vejo como um empreendedor. Por isso, certamente seria um empreendedor de alguma área sem necessariamente atuar como executivo.

### **O que é ser líder para você?**

Recebi esse dom de Deus e da família, então, entendo como uma missão de vida.

# A NOVA ERA DAS MISSES

De BH para o mundo, Gabriela Botelho e Giovanna Starling, vencedoras respectivamente do Miss Brasil Mundo e Miss Brasil Global, mostram que o título exige assumir voz pública e responsabilidade social

## ▼ ALEX DE OLIVEIRA

Duas polegadas. Essa medida marcou para sempre o imaginário popular em torno da primeira Miss Brasil da nossa história. Eleita a mulher mais bonita do país em junho de 1954, a baiana Martha Rocha perderia o Miss Universo, um mês depois, para a americana Miriam Stevenson. O motivo: ter duas polegadas a mais no quadril. Apesar de o caso ter sido desmentido quase 40 anos depois no livro da jornalista Isa Pessoa, "Martha Rocha: uma biografia" (ed. Objetiva), o fato, largamente difundido e aceito naturalmente como verdade à época, ilustra bem os rígidos critérios que até muito pouco tempo regiam os concursos de beleza.

Fotos: @raffarodrigues/Miss Brasil Oficial/Reprodução Instagram

Além das medidas milimétricas, o comportamento das candidatas era avaliado com a mesma régua de severidade. Além de novas – podiam ter, no máximo, 25 anos –, altas, magras, cabelos longos e traços classicamente eurocentrados em sua larga maioria, era exigido que as candidatas fossem solteiras, não tivessem filhos e não tivessem posado nuas ou participado de determinados tipos de mídia. Deveriam ser, em outras palavras, belas, recatadas e do lar.

Mais de 70 anos depois, esse rigor com as medidas já não soa tão factível para duas belo-horizontinas: Gabriela Botelho, coroada neste ano como Miss Brasil Mundo, representando o estado de Sergipe, e Giovanna Starling, que, na mesma noite, recebeu a faixa de Miss Brasil Global. Duas mineiras de Belo Horizonte, elas têm mais do que os títulos e a origem em comum. Para começar, ambas iniciaram-se como modelos ainda na infância – a primeira aos 4 anos e, a última, aos 9 –, mas ampliaram suas trajetórias para muito além das passarelas.

Hoje com 25 anos, a antiga idade de corte dos concursos, Gabriela Botelho Campos Serrano, por exemplo, tem dupla formação acadêmica, tanto em administração quanto em design de moda. Ela atua também como empresária e influenciadora digital. Já Giovanna Starling, de 21 anos, antes de se tornar miss, era estudante do curso de odontologia – que ela decidiu trancar após ser coroada.

“Esse mundo me abriu muitas portas. Sempre quis ser apresentadora de televisão e atriz. Então, agora estou matriculada em uma faculdade de São Paulo no curso de rádio, TV e internet”, conta Giovanna, detalhando que faz as matérias virtualmente, por conta de sua agenda nacional. Solteira, ela possui duas tatuagens no braço – característica encarada como um furtivo detalhe, que ela inclusive pode esconder com uso de maquiagem quando a passarela exige, mas que seria um obstáculo para a conquista da coroa no passado.

As mudanças nas regras desses concursos não são resultantes de um mero capricho e tampouco estão circunscritas no Brasil. Ao contrário, essas transformações são uma resposta a críticas e tensionamentos que levaram a revisões de critérios em todo o mundo. Na Alemanha,



**GABRIELA BOTELHO,  
MISS BRASIL MUNDO 2026**



**GIOVANNA STARLING,  
MISS BRASIL GLOBAL 2026**

por exemplo, depois de o evento ser duramente criticado, houve uma transição a partir de 2020, quando se passou a premiar não só pela sua beleza, mas pelo comprometimento e trabalhos sociais. Desde então, a premiação também permite a participação de mulheres casadas e mães e elevou o limite de idade para incluir candidatas de até 39 anos. Além disso, foi abolida a prova em que as concorrentes deveriam desfilarem de maiô.

Taciana Teodoro Diniz Cavalcante, CEO da Top Agency, uma das principais agências de moda e eventos do Brasil que em 2026 completa 30 anos no mercado, defende que essas mudanças são bem-vindas e representam uma transformação estrutural e conceitual. “Na prática, isso muda completamente o eixo da preparação. Hoje, o foco deixa de ser exclusivamente performance corporal e passa a ser construção de identidade, propósito e posicionamento”, examina.

A empreendedora, que foi miss nos anos de 1990 e, em 2025, atuou como preparadora do Miss BH Mundo, detalha que hoje essa capacitação não gira mais em torno de “encaixar” a candidata em um padrão. Ao contrário, visa “potencializar quem ela é, sua história e sua causa”. “Trabalhamos muito mais a narrativa pessoal, coerência de imagem, postura pública, capacidade argumentativa e presença estratégica. A beleza continua importante, mas ela deixou de ser o centro para se tornar parte de um conjunto muito mais amplo de competências”, defende.

“Ao longo dos anos, percebi que a passarela sozinha não sustentava uma candidata. Era preciso formar uma mulher preparada para ocupar espaços de fala, liderança e influência”, justifica. Mas, ela também reconhece que as concorrentes já chegam diferentes. “A nova geração entende que ser miss é assumir um papel público, com responsabilidade social e impacto. Hoje, elas têm mais informação, mais senso crítico e mais clareza sobre propósito. Elas não querem apenas a coroa; querem usar o título como plataforma”, reforça. “Também percebo que estão mais preparadas academicamente e mais conectadas com temas sociais. Ao mesmo tempo, enfrentam uma pressão digital muito maior, o que exige preparo emocional e estratégia de imagem”, complementa. ▶

## UM SONHO CULTIVADO HÁ CINCO ANOS

Gabriela Botelho fala de perseverança antes de falar de brilho. Quando seu nome foi anunciado como vencedor em 31 de janeiro, no Teatro Caesb, em Águas Claras (DF), conta que a emoção foi avassaladora. “Eu chorava muito e ainda custava a acreditar que aquilo era real. Um pequeno ‘filme’ da Gabi que nunca desistiu passou pela minha cabeça... cada queda, cada recomeço, e tudo aquilo foi muito especial”, recorda, ressaltando que o título coroou um ciclo iniciado há meia década. “Esse sonho foi sonhado por cinco anos, desde a primeira vez que participei do Miss Brasil Mundo, em 2021. Hoje, essa conquista carrega a alegria de realizar também o sonho de quem caminhou comigo por todos esses anos, nos bons e maus momentos. Representa a coragem da decisão de tentar mais uma vez por saber que o motivo é maior”, sustenta.

O “motivo maior” foi testado em 2023, quando a mineira enfrentou uma depressão após sofrer cyberbullying no ambiente dos concursos. “Eu tinha certeza de que jamais voltaria para um lugar que tanto me machucou. Mas, com o tempo, acompanhar o reinado da Miss World e Miss World Brasil foi, aos poucos, me curando e me devolvendo a coragem de voltar disposta a enfrentar o que fosse preciso, porque, no final, eu entendi que vale a pena”, afiança ela, que encara o título pela lente do propósito.

“Ao longo da minha trajetória, estive onde poucos querem estar; aprendi a entrar em espaços difíceis, a dialogar com realidades urgentes e a usar minha voz para abrir caminhos para outras pessoas”, estabelece, definindo a versão que deseja encarnar: “A miss que eu trabalho para ser é aquela que não apenas ocupa lugares, mas transforma cada espaço por onde passa e, ao fazer isso, influencia e inspira milhares a fazerem o mesmo. Porque a ação convence mais do que qualquer palavra”.

O engajamento social, aliás, antecede a coroa. “Há sete anos, eu descobri meu propósito quando iniciei meu trabalho em Brumadinho, após o rompimento de uma barragem na Mina Córrego do Feijão. O que me move é estar onde as causas são urgentes”, lembra Gabriela, hoje embaixadora da Casa de Maria, voltada ao acolhimento de pessoas com doenças raras. “Graças ao Miss Brasil Mundo, terei a oportunidade de estar em lugares estratégicos e fazer com que o mundo ouça pessoas que há anos gritam por ajuda. Quero trazer para o Brasil o conhecimento que o mundo tem sobre doenças raras para ajudar a transformar a realidade dessas famílias”, projeta, admitindo que a coroação, recente, ainda está sendo assimilada.



“Desde o primeiro dia, eu disse que queria trabalhar muito, então a dedicação hoje é ainda maior do que antes”, confessa. Sobre a percepção pública, garante: “Acredito que nada mudou. Eu voltei muito feliz e leve e é assim que sigo permanecendo”. A leveza, porém, convive com uma responsabilidade que ela admite ser maior agora – mas que não a assusta. “Antes de qualquer palco, aprendi que a beleza só ganha sentido quando se transforma em ação. Foi um valor que recebi desde criança”, diz.

Gabriela define esse universo como uma verdadeira escola. “A preparação para ocupar esse lugar exige muito empenho, muita abdicção e um cuidado constante com a saúde mental. E é um processo que também impacta as pessoas que estão ao seu redor”, descreve. Ao mesmo tempo, celebra que o “mundo miss” tenha ampliado o alcance de algo que diz ter sido sempre um sonho seu: transformar realidades. “Graças aos concursos, hoje eu consigo fazer cada vez mais e impactar cada vez mais pessoas”, conclui.

“Antes de qualquer palco, aprendi que a beleza só ganha sentido quando se transforma em ação. Foi um valor que recebi desde criança”

## SAIBA MAIS

### MISS BRASIL MUNDO

É a etapa nacional que seleciona a representante do país para o Miss World, uma das franquias mais antigas e tradicionais do planeta, criada em 1951, no Reino Unido. O evento é conhecido por valorizar fortemente o engajamento social estruturado das candidatas, em sintonia com o lema internacional “Beauty with a Purpose” (“Beleza com Propósito”, em português). O local do Miss Mundo 2026 ainda não foi divulgado pela organização. Até hoje, o Brasil possui uma única vitória, conquistada, em 1971, pela médica carioca Lúcia Petterle.



A também mineira Natália Guimarães, eleita Miss Brasil e vice-Miss Universo em 2007, hoje ocupa a diretoria de estratégias do Miss Universe Brasil.

“A miss hoje ocupa um espaço de representação que vai além da estética. Ela é uma voz, uma referência, alguém que pode inspirar outras mulheres”

NATÁLIA GUIMARÃES

### MULHERES REAIS

As análises de Taciana são ratificadas por Natália Guimarães, mineira de Juiz de Fora que, eleita Miss Brasil e vice-Miss Universo em 2007, hoje ocupa a diretoria de estratégias do Miss Universe Brasil. “A miss hoje ocupa um espaço de representação que vai além da estética. Ela é uma voz, uma referência, alguém que pode inspirar outras mulheres. Em um contexto de debates importantes sobre respeito, igualdade e dignidade, é essencial que esteja preparada para se posicionar com responsabilidade, equilíbrio e empatia”, avalia.

Do lugar de quem já viveu a experiência da coroa e agora acompanha os bastidores, ela enxerga uma transformação concreta nas regras e, sobretudo, na expectativa em torno das mulheres que disputam o título. “Hoje, reconhecemos que a mulher pode viver diferentes fases, ser casada, mãe, empreendedora, estudante – e continuar plenamente apta ▶

## A FÉ NO PROPÓSITO E OS PROPÓSITOS DA FÉ

Ao falar da conquista do título de Miss Brasil Global, Giovanna Starling recorre antes à espiritualidade. "Quando meu nome foi anunciado, senti uma felicidade muito grande e uma paz no coração de que estava seguindo a vontade de Deus. Em toda a minha preparação, orei para que os planos d'Ele fossem feitos", vibra. Ela entrou no universo dos concursos em julho do ano passado, o que pode fazer parecer que seu percurso tenha sido menos sinuoso. Ela própria se espanta com a rapidez como tudo aconteceu.

"O mundo miss é recente para mim... É muito gratificante ter conquistado tudo isso em menos de oito meses", diz, antes de ponderar que, na verdade, o preparo para o título a acompanha desde a infância: "Acredito que Deus sempre me preparou para este caminho, sou modelo desde os 9 anos, sou poliglota, viajei o mundo; todas essas coisas moldaram a Giovanna que carrega esse título hoje".

Ela também frisa que essa relativa rapidez não dilui o sentido de missão que o título carrega. "Desde que entendi o propósito, me encontrei e simplesmente amo o que faço, mas é uma trajetória difícil, que exige muita disciplina, esforço físico, psicológico e financeiro", avalia. Na definição dela, a coroa é, antes de tudo, uma plataforma: "Ser miss é trazer visibilidade para causas que a sociedade ignora, dar voz àqueles que não são ouvidos. É ter postura, pois represento causas de extrema importância. A coroa une exatamente essas duas coisas: beleza e propósito".

O propósito, no caso dela, também aparece na forma do trabalho social: Giovanna é madrinha do projeto Amor que Cura, que acolhe pessoas em tratamento oncológico, especialmente crianças. "Nós acolhemos, damos suporte psicológico, financeiro para tratamentos por meio de vaquinhas on-line e damos visibilidade ao projeto. Pretendo dar mais atenção a isso para ajudarmos cada vez mais pessoas nesta situação e expandirmos o projeto", conta.

Ela reconhece que o título ampliou sua projeção – "represento em escala nacional agora" – e mexeu com

"O mundo miss é muito mais que isso (estética). Nós usamos de nossa visibilidade, oratória e postura para criar impacto na sociedade"



a sua rotina – “uma vez coroada, estou em preparação para representar o país na Tailândia este ano. Aulas de passarela, mentorias de branding, oratória em inglês e português, além de aulas de tailandês são parte da minha nova rotina rumo ao Miss Global 2026”.

Para a Giovanna, a estética é, sim, um ponto de partida. Mas, para conquistar e fazer jus à faixa, é preciso ir além. “O mundo miss é muito mais que isso. Nós usamos de nossa visibilidade, oratória e postura para criar impacto na sociedade”, garante, asseverando que o aprendizado é contínuo: “Acredito que, hoje, a diversidade vem sendo cada vez mais abraçada pelos concursos, o que me felicita. E, como em qualquer profissão, é necessário preparação, seja física, acadêmica ou psicológica. Como amo muito o que faço e tenho prazer em tudo isso, sinto que, a cada passo de minha preparação, descubro mais de mim, do mundo ao meu redor e das pessoas”, diz.

“Sou modelo desde os 9 anos, sou poliglota, viajei o mundo; todas essas coisas moldaram a Giovanna que carrega esse título hoje”

## SAIBA MAIS

### MISS BRASIL GLOBAL

Concurso escolhe a brasileira que disputou o Miss Global, prova internacional mais recente, cuja primeira edição ocorreu em 2013, e tem forte inserção no circuito asiático. A etapa Internacional de 2026 acontecerá na Tailândia. A franquia combina performance de palco, projeção internacional e engajamento social, exigindo das candidatas preparo estético, domínio de idiomas e desenvoltura em ambientes multiculturais. Embora também valorize propósito e impacto social, o Miss Global valoriza sobretudo um perfil mais globalizado e contemporâneo, com capacidade de dialogar com diferentes culturas.



Taciana Teodoro Diniz Cavalcante, CEO da Top Agency, é uma ex-miss e trabalha com mentoria de candidatas

“Hoje, o foco deixa de ser exclusivamente performance corporal e passa a ser construção de identidade, propósito e posicionamento”

TACIANA TEODORO

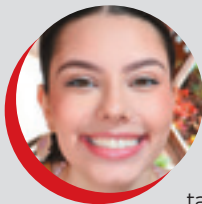
a representar o país. Na prática, isso aparece na valorização de histórias verdadeiras, trajetórias consistentes e propósitos claros. Não buscamos mais um modelo idealizado, mas mulheres reais, preparadas e conscientes do impacto que podem gerar”, defende.

Natália lembra que, antes, o enquadramento era mais restritivo. Atualmente, as exigências caminham em outra direção: “Deixaram de ser relacionadas a estado civil ou formatos de vida específicos. Em contrapartida, passou a ser muito valorizada a capacidade de comunicação, preparo, clareza de propósito e coerência entre discurso e atitude. O desafio maior, hoje, é a exposição constante. Redes sociais ampliam oportunidades, mas também exigem maturidade emocional e responsabilidade”.

Tanto que na edição deste ano do Miss Universe, que acontece em abril deste ano, três misses só poderão disputar o ▶

## DE MISS PRA MISS

**A Encontro pediu que Gabriela Botelho e Giovanna Starling trocassem entre si três perguntas que gostariam de se fazer. Confira.**



**GIOVANNA PERGUNTA E GABRIELA RESPONDE:**

**1. Qual o momento mais desafiador para você nos concursos?**

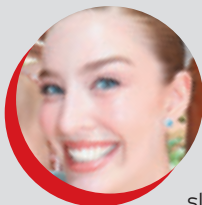
Em 2023, o cyberbullying me levou a um período difícil de depressão e bulimia. Eu precisei de ajuda das pessoas que me amam, de terapia e também de acompanhamento médico. O processo de cura foi longo, mas essencial para que hoje eu esteja emocionalmente forte e profundamente conectada com a minha verdade. Foi isso que me deixou pronta para voltar ao Miss Brasil Mundo, seguir meu propósito e, agora, poder realizar tudo o que sempre sonhei no trabalho social.

**2. Na sua opinião, qual o maior impacto na sociedade é criado a partir do seu papel como miss?**

Acredito muito no que já comentei sobre o trabalho social: ocupar lugares importa porque é assim que conseguimos fazer com que quem realmente pode mudar a realidade do nosso país escute quem pede ajuda há anos. É sobre agir por essas pessoas. Não ficar só falando, mas ir lá e fazer.

**3. Qual a maior lição que o mundo miss te ensinou?**

Tenha coragem para não desistir. Na teoria, desistir é mais fácil, dói menos. Mas, pra mim, saber que eu poderia viver algo a mais, que havia mais para fazer e transformar socialmente, e não ter feito nada sobre isso, doeria muito mais. Foram cinco anos tentando, e na minha quarta tentativa eu venci. Quem venceu foi a Gabi que nunca desistiu, que acreditou no que carregava no coração. E é essa coragem que eu quero levar comigo pra sempre.



**GABRIELA PERGUNTA E GIOVANNA RESPONDE:**

**1. Em que momento você sentiu, de verdade, que essa franquia representa seus valores e seu propósito, e o que te fez acreditar que esse era o seu lugar?**

A partir do momento em que o Global tem como slogan “empower women, embrace culture and embody the beauty within”, que preza pelo empoderamento feminino, abraçar culturas e valorizar as belezas únicas, vi propósito nisso e a importância da voz da mulher nestas causas. Além disso, projetos sociais fazem parte do concurso, onde o impacto é essencial.

**2. Qual foi o momento mais marcante do seu trabalho social até hoje, aquele que te lembrou por que você faz tudo isso?**

Quando uma menina de 18 anos com anemia falciforme tinha o sonho de ser miss, e, no hospital mesmo, nós fizemos uma festa de aniversário para ela, com direito a fotógrafo, maquiadora. E ela foi coroada miss Amor que Cura. Infelizmente, perdemos essa paciente há um mês, mas nunca esquecerei dela.

**3. Que realidade você conheceu através do seu projeto social que mudou completamente a sua forma de ver o mundo?**

A forma em que as crianças aproveitam o presente, valorizam cada segundo. Aprendo com elas todos os dias.



A brasileira Martha Rocha no concurso de Miss Universo, em 1954: Uma versão na imprensa, reproduzida até hoje, conta que a perda do título foi pelo fato de a baiana ter duas polegadas a mais no quadril

título devido à quebra de regras tradicionais: Tarcia Ciarlini, 32 anos, eleita pelo Amazonas; Júlia Guerra, 35 anos, do Rio Grande do Sul; e Andressa Jamilly, de 38 anos, mãe de duas filhas e psicóloga, do Acre.

À frente da construção de posicionamento da marca, do desenvolvimento de projetos e parcerias e do fortalecimento da narrativa do concurso, a empresária também atua como conselheira informal das candidatas. “Sempre que possível, mantenho contato direto com elas. Acredito muito na troca, na escuta e na orientação próxima – porque a disputa é também um processo de crescimento pessoal”, detalha.

As experiências de Gabriela Botelho e Giovanna Starling parecem confirmar a tese. “Elas representam essa geração de mulheres que une elegância e consistência. Gabriela trouxe serenidade e firmeza em sua trajetória, enquanto Giovanna demonstrou presença e sensibilidade na comunicação. É bonito perceber essa coincidência mineira – talvez essa firmeza tranquila que tantas vezes marca nossa origem”, avalia Natália, acrescentando que esse reposicionamento do significado do título – fruto de tensionamentos e mudanças na forma como os concursos vêm sendo organizados – aparece não apenas nos regulamentos, mas também nas histórias e na maneira como as próprias misses narram suas conquistas.

Mas, embora, ao longo das décadas, o certame tenha evoluído significativamente, Taciana Teodoro reconhece que ainda precisa superar uma série de desafios: “Estes eventos vêm realmente ampliando o debate sobre diversidade, inclusão e representatividade, permitindo a participação de mulheres com diferentes biotipos, histórias e até estados civis, algo impensável anos atrás”, diz. “Ainda assim, é preciso avançar na democratização do acesso, tornando os concursos menos elitizados, fortalecer a transparência nos critérios de julgamento e ampliar, na prática, a diversidade etária, racial e de corpos, para que a beleza celebrada seja realmente plural e conectada com a sociedade atual”. ■

# SOS CHUVAS

A solidariedade é a nossa força. Vamos seguir juntos.

## Doe:

- Alimentos não perecíveis
- Água Mineral
- Artigos de Higiene Pessoal
- Itens de Limpeza

## Local de coleta:

Edifício da ALMG (Assembleia Legislativa de Minas Gerais)  
Rua Rodrigues Caldas, 30 -  
Santo Agostinho.

## Horário:

das 9 às 17h

A Assembleia Legislativa de Minas Gerais se une aos esforços de ajuda emergencial para as vítimas das chuvas extremas no estado. Traga suas doações até a sede da Assembleia Legislativa, das 9 às 17 horas, ou contribua via PIX ou depósito, se preferir. As deputadas e os deputados estaduais se solidarizam com as comunidades atingidas e afirmam o seu compromisso de estar ao lado dos mineiros na reconstrução.

## PIX:



## Depósito:

**Favorecido:** Associação dos Servidores do Legislativo do Estado de Minas Gerais.

**Banco:** Sicoob Cofal 756.  
**Agência:** 4028.  
**Conta Poupança:** 61.752.396-7

**As doações serão encaminhadas para a Cruz Vermelha.**

Realização:



**CRUZ VERMELHA  
BRASILEIRA**  
MINAS GERAIS

Acompanhe o trabalho  
[almg.gov.br/](http://almg.gov.br/)  
[assembleiasolidaria](http://assembleiasolidaria)



**ASSEMBLEIA  
LEGISLATIVA  
DE MINAS GERAIS**

Poder e voz do cidadão



A VIDA EM FESTA

Gastronomia para celebrações inesquecíveis



RULLUS  
BUFFET

☎ 31 3280.3666 @ rullusbuffet





# A coragem de preservar a ternura

Vivemos tempos em que a dureza parece mais eficiente do que a sensibilidade. Ironia, ataques rápidos e opiniões inflamadas são frequentemente confundidos com inteligência ou força. Em ambientes profissionais e sociais cada vez mais polarizados, o cinismo ganhou espaço e, muitas vezes, aplauso. Mas, essa lógica cobra um preço alto: relações frágeis, diálogo interrompido e ambientes emocionalmente exaustos. Preservar a ternura, nesse contexto, deixou de ser ingenuidade e passou a ser um ato consciente de resistência.

Essa resistência, no entanto, não é passiva. Preservar a ternura exige autocontrole, clareza emocional e disposição para não reagir no impulso. É escolher responder com consciência quando o ambiente estimula o ataque, sustentar a escuta quando a pressa pede julgamento e manter o respeito mesmo diante da discordância. Em um mundo que premia o confronto imediato, a ternura se torna uma forma silenciosa e poderosa de relacionar-se, capaz de reconstruir pontes onde o ruído insiste em levantar muros.

## A CORAGEM DE ESCOLHER O ENCONTRO

Coragem hoje não é levantar a voz, mas sustentar a escuta. É escolher o encontro em vez do confronto automático; o diálogo em vez do ataque; a colaboração em vez do isolamento. Isso exige maturidade emocional, autocontrole e disposição para lidar com o diferente sem desumanizar o outro. No trabalho, essa postura constrói confiança, reduz ruídos e favorece decisões mais inteligentes. Na vida, fortalece vínculos e amplia repertórios. A ternura não anula a firmeza, mas qualifica a forma como nos posicionamos.

## ESPERANÇA COMO ESTRATÉGIA

Insistir na esperança, em um mundo que frequentemente recompensa o pessimismo, é um gesto estratégico. Esperança não é esperar que tudo se resolva sozinho; é agir para que o amanhã seja melhor do que hoje. É investir tempo, energia e intenção na construção de soluções, mesmo quando seria mais fácil desistir ou endurecer. Líderes, equipes e pessoas que mantêm a esperança ativa criam ambientes mais criativos, resilientes e sustentáveis. Elas entendem que o futuro não se impõe, mas se constrói.

Preservar a ternura é escolher humanidade sem abrir mão de resultados. É acreditar que é possível discordar sem destruir, competir sem desprezar e liderar sem ferir. Em um mundo acelerado e ruidoso, a ternura virou um diferencial silencioso e poderoso. Em meio às pressões do dia a dia, você tem escolhido endurecer para se proteger ou preservar a ternura para construir algo maior? ■

“Preservar a ternura exige autocontrole, clareza emocional e disposição para não reagir no impulso. É escolher responder com consciência quando o ambiente estimula o ataque, sustentar a escuta quando a pressa pede julgamento e manter o respeito mesmo diante da discordância”

*David Braga – CEO, board advisor e headhunter da Prime Talent, empresa de busca e seleção de executivos, presente em 30 países pela Agilium Group. É conselheiro de administração e professor convidado pela Fundação Dom Cabral, presidente da ABRH MG e presidente do Conselho de Administração do ChildFund Brasil. Instagrams: @davidbraga | @prime.talent*

# Páscoa



no

P A L A C E

Para a Páscoa, o Oscar Restaurante oferece um menu especial em três etapas nos dias 3, 4 e 5 de abril, unindo tradição e sofisticação. O ambiente acolhedor convida a desacelerar e saborear cada momento. No domingo, a experiência começa com um café da manhã completo. Aberto também ao público externo, no valor de R\$ 86,00 + taxas.



**OSCAR**  
RESTAURANTE

  
BRASÍLIA  
PALACE  
HOTEL

# Um chinês impressionante



**Ainda pouco conhecida do brasileiro, a Geely chegou ao Brasil em parceria com a Renault e trouxe como cartão de visita o SUV EX5, que realmente chama a atenção em todos os sentidos: segurança, conforto, desempenho e design**

A frente do veículo foi inspirada em um tigre: visual curvo é envolvido por grandes ranhuras no para-choque e o coeficiente de penetração aerodinâmica de apenas 0,269 é o menor entre os SUVs de luxo

## FÁBIO DOYLE

Com cada vez mais opções no leque dos automóveis eletrificados, a escolha do melhor e mais adequado à necessidade de cada um é complexa. O que acaba contando mesmo é a relação custo-benefício. No último mês, um modelo que esteve em nossas mãos para avaliação impressionou. Trata-se do chinês Geely EX5. Impressionou pelo design premiado, moderno, liso e discreto, que consegue fugir da mesmice que abunda no campo dos SUVs, e pelo bom acabamento. Mas, o que mais chamou a atenção foi o conforto interno, com um inacreditável espaço para os passageiros que viajam atrás. “É uma confortável sala de estar”, comentou um dos caronas. Isso sem falar do recurso de massagem disponível para o motorista e passageiro dianteiro. Parece, a princípio, uma bobagem, mas depois de usar uma primeira vez, fica difícil iniciar qualquer percurso sem acionar o sistema. Ficamos mal-acostumados.

A grande tela que monitora todos os recursos tecnológicos do EX5 é também uma atração à parte. Todos os comandos podem ser acionados também por voz. Desde o destino para o sistema do GPS até a abertura do amplo teto solar. É preciso falar, no entanto, a frase correta para o sistema entender, o que complica um pouco e toma tempo de aprendizado. Há até uma cartilha de dizeres para o comando por voz que, diante de nossas muitas indagações para operar o sistema, nos foi enviada pela concessionária da marca em BH. De qualquer forma, uma semana não foi suficiente para desvendar e dominar todos os recursos oferecidos pela tecnologia embarcada no EX5. Outro detalhe que merece destaque são os bancos elétricos dianteiros que, gentilmente se afastam quando abrimos a porta para facilitar a entrada e a saída tanto do motorista quanto do passageiro. Isso sem contar que é possível inclinar os encostos de tal forma que transforma o interior em praticamente uma cama king-size, quando necessário for.

Ficamos também bastante impressionados com o preço público de venda: R\$ 225.800 para a versão Max, que esteve em nossas mãos, a mais completa. O valor foi informado pelo departamento de vendas da concessionária. A mesma fonte informou que a versão Pro, de entrada, foi descontinuada, dando lugar à versão híbrida plug-in do EX5, que deve ser lançada em maio deste ano. Apresentado no último salão do automóvel de São Paulo, com o nome EX% EM-i, chegará ao mercado brasileiro inicialmente importado. A marca anunciou que já no segundo semestre do ano a nova versão será produzida no Brasil, começando no Complexo Industrial Ayrton Senna, no Paraná, na unidade industrial da Renault.

A marca chinesa Geely, que aqui conhecemos mais como a acionista controladora da sueca Volvo, aportou no Brasil por meio de parceria com a Renault, utilizando-se de sua rede de concessionárias para a assistência técnica de veículos Geely. Para um SUV grande com tudo o que oferece é realmente competitivo, para não dizer imbatível. O EX5 briga diretamente com o BYD Song (híbrido), que na versão mais cara hoje beira os R\$ 300 mil, segundo a tabela Fipe. Também está nesse páreo o chinês híbrido Jaecoo, com preço entre R\$ 230 mil e R\$ 249 mil.



A tela que monitora todos os recursos tecnológicos do EX5 é uma atração à parte: todos os comandos podem ser acionados também por voz, desde o destino para o sistema do GPS até a abertura do amplo teto solar



Em dimensões, o Geely EX5 tem 4,61 m de comprimento, 1,90 m de largura, 1,67 m de altura e 2,75 m de distância entre eixos: embora seja um C SUV em tamanho, o espaço interno é de D SUV, com taxa de aproveitamento de 67,2% da cabine



O Geely EX5 é um elétrico 100%, com autonomia pelo Inmetro de 349 quilômetros, podendo na prática chegar a 415 km, o que nossa reportagem pôde comprovar rodando por sete dias em trechos mistos urbano/rodovia em Belo Horizonte e arredores. O Geely EX5 traz um powertrain elétrico inteligente que oferece potência de 218 cv e 320 Nm (32,6 kgfm). O propulsor pesa apenas 79,8

kg e têm o menor volume da categoria, ocupando apenas 0,079 m<sup>3</sup>. A eficiência energética chega a 90%.

Seu desempenho impressiona com aceleração de zero a 100 km/h em até 6,9 segundos, na versão Pro. A velocidade máxima é de 180 km/h. Há três modos de condução: Eco, Normal e Sport. A bateria Short Blade Geely de Lítio Fosfato Ferro (LFP) tem 60.22 kWh de capacidade. São

quatro níveis de regeneração de energia, cuja eficiência regenerativa chega a 94,18%. A bateria tem velocidade de recarga 30% superior à média do segmento. Em um posto de carregamento com corrente contínua (DC) e 100 kW, o tempo de recarga de 30 a 80% é de apenas 20 minutos. Em um carregador de corrente alternada (AC) tipo Wallbox de 11 kW, o carregamento de 10 a 100%



Quanto ao volume para a bagagem, o porta-malas oferece 461 litros (no padrão de medição VDA) até a altura dos encostos traseiros e pode levar até 1.877 litros com o rebatimento dos bancos

## SOBRE A GEELY AUTO

O Geely Auto Group é um fabricante líder de automóveis com sede em Hangzhou, China, e foi fundado em 1997 como uma unidade subsidiária do Zhejiang Geely Holding Group (ZGH). O grupo gerencia várias marcas líderes, incluindo Geely Auto, Lynk & Co e Zeekr. O Geely Auto Group também é o parceiro estratégico global da montadora nacional da Malásia Proton. O Grupo emprega mais de 50 mil pessoas e opera 12 fábricas, cinco centros globais de P&D em Hangzhou, Ningbo, Gotemburgo, Coventry e Frankfurt. Também possui quatro estúdios de design globais em Xangai, Gotemburgo, Milão e Coventry, respectivamente, com mais de 1 mil funcionários. A Geely Automobile Holdings, uma empresa subsidiária que detém o controle acionário da Geely Auto, Lynk & Co e Zeekr, está listada na bolsa de valores de Hong Kong desde 2005.

Em 2024, as marcas sob a gestão do Geely Auto Group venderam mais de 2,17 milhões de unidades, marcando um aumento de 32% em relação ao ano anterior. A relação com a Volvo é a Geely Holding, multinacional chinesa que adquiriu a montadora sueca da Ford Motor Company em 2010. A Geely Holding é liderada por Shu Fu Li, que é o acionista individual mais proeminente da Volvo Cars e controla 78,65% do total de ações com direito a voto da empresa.

é feito em apenas seis horas. A vida útil do conjunto de baterias pode chegar a 1 milhão de km, 25% superior à média da indústria, informa o fabricante.

O modelo traz seis pilares de segurança abrangentes que garantem proteção para ocupantes, pedestres e o produto. Esses seis pilares, que atuam na segurança ativa, passiva, para pedestres, para a saúde, cibernética e para a

bateria garantem ao EX5 um lugar no topo do ranking de veículos mais seguros atualmente produzidos. Disponíveis na versão Max, os sistemas avançados de auxílio para o motorista (ADAS) incluem uma série de soluções. A lista é ampla e vale a pena uma consulta ao site da marca para conhecer sua abrangência. Em termos de segurança passiva, há seis airbags (frontais, laterais dianteiros e

do tipo cortina). A estrutura é formada por 80% de aços de alta resistência ou estampados a quente. O Geely EX5 obteve cinco estrelas no teste de segurança do Euro NCAP, onde são avaliados crash tests e equipamentos de segurança ativa para o motorista e pedestres.

Em dimensões, o Geely EX5 tem 4,61 m de comprimento, 1,90 m de largura, 1,67 m de altura e 2,75 m de distância entre eixos. Embora seja um C SUV em tamanho, o espaço interno é de D SUV, com taxa de aproveitamento de 67,2% da cabine. Quanto ao volume para a bagagem, o porta-malas oferece 461 litros (no padrão de medição VDA) até a altura dos encostos traseiros e pode levar até 1.877 litros com o rebatimento dos bancos.

Por ter uma plataforma elétrica inovadora, o Geely EX5 oferece variados porta-objetos e espaços de armazenagem. É possível levar até cinco garrafas nas portas dianteiras e três nas traseiras. Abaixo do console, há um porta-objetos de 10,8 litros. Os passageiros traseiros têm à disposição um compartimento de 3,2 l embutido no console e uma gaveta exclusiva de 14 litros. Um destaque fica para o local destinado ao telefone celular, que carrega o aparelho por indução. Está no console central, em uma "semigaveta", bem próximo e ao lado do motorista. Em nossa opinião é, até hoje, o melhor e mais prático entre todos os carros que já tivemos a oportunidade de dirigir. ■

# Uma influencer do mundo animal

Com mais de 1,6 milhão de seguidores no Instagram e 1,5 milhão no TikTok, a macaquinha Olívia cativa audiência com sua rotina e impulsiona uma vaquinha on-line para a criação de um santuário que abrigará animais silvestres resgatados

➤ **LILIAN MONTEIRO**

Olívia exibe seu look na mesa posta para o almoço. Interage com os “irmãozinhos” mais novos. Recebe uma massagem facial antes de dormir. Vai para o check up. “Aproveita” sua festa de aniversário, com direito a decoração e tudo. A rotina de uma macaquinha de 4 anos que vive na capital mineira tem atraído a atenção de milhares de pessoas nas redes sociais. Olívia, uma fêmea da espécie macaco-prego (*Sapajus nigritus*), tem mais de 1,6 milhão de seguidores no Instagram e 1,5 milhão no TikTok. E todo esse sucesso incentivou sua tutora, a bióloga Alice Alves, 43 anos, a partir em busca



## REGRAS E RESPONSABILIDADE

Sempre é bom lembrar que há regras para se ter um animal silvestre em casa. Olívia foi adquirida legalmente com autorização do Ibama. Infelizmente, de acordo com a bióloga, todos os dias são realizadas apreensões deste tipo de animal em situação de maus tratos ou vivendo de maneira ilegal em residências. Além daqueles que são vítimas de acidentes, queimadas etc.

“Estes animais são levados para um dos Cetas (Centros de Triagem de Animais Silvestres) do Ibama. Se são animais que têm capacidade de retornar à natureza, eles irão receber um cuidado voltado à sua soltura. Se já não tiverem condições de sobreviver mais na natureza, precisam ter um local para viver. Esses locais são zoológicos, mantenedores, criadouros conservacionistas, também conhecidos como santuários. Todo esse processo é feito mediante autorização e fiscalização

do Ibama e órgãos competentes de cada estado”, explica.

### TER UM ANIMAL SILVESTRE E/OU EXÓTICO EM CASA

As regras para se ter um animal silvestre de forma legal podem ser encontradas no portal do Instituto Estadual de Florestas (IEF). A manutenção para fins de estimação é uma prática autorizada, desde que obedecidas as legislações estaduais e federais. Em Minas Gerais, a gestão destes animais é feita pelo IEF. O órgão destaca cuidados e protocolos que devem ser observados com a criação domiciliar para que seja garantido o bem-estar tanto do cidadão quanto dos animais. É necessário se informar sobre a espécie, conhecer quais seus hábitos, alimentação correta e exigência de espaço físico.

A legislação brasileira prevê penalidades para quem comercializa, man-

tém ou guarda animais silvestres ou exóticos sem autorização ambiental. A Lei Federal 9.605, de fevereiro de 1998, também conhecida como Lei de Crimes Ambientais, prevê detenção de seis meses a um ano e multa para quem capturar, vender e ter depósito de fauna silvestre sem autorização ambiental (Art. 29).

Outra punição é prevista no Decreto Federal 6.514, de 2008, com multa de R\$ 500 por indivíduo com espécie não constante de listas oficiais de risco ou ameaçadas de extinção, e R\$ 5 mil por indivíduo de espécie constante nas listas oficiais de fauna brasileira ameaçada de extinção, inclusive na relação da Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens Ameaçadas de Extinção (Cites). Em Minas Gerais, as punições estão previstas no Decreto nº 47.383, de março de 2018.

Fotos: Divulgação



A rotina de Olívia conquistou milhões de seguidores nas redes sociais, mas humanização da macaquinha atrai críticas também: “Eu acho que esse é um assunto que não deve ser generalizado e, sim, avaliado os casos individuais”

da realização de um sonho: a criação de um santuário para animais resgatados e sem condições de retornar à natureza, viabilizada por meio de doações online.

Os laços de família entre Olívia e Alice começaram há alguns anos, quando a antiga tutora da bichinha, uma senhora apaixonada por animais, faleceu. “Como bióloga, eu trabalhei com ela por mais de dez anos. Essa senhora se tornou uma grande amiga, era madrinha dos meus filhos e, infelizmente, morreu poucas semanas após Olívia chegar. Eu fiquei com alguns dos seus animais. Olívia ainda era uma bebê”.

Casada com Andreia e mãe de dois filhos, Júlia, de 15 anos, e Lorenzo, de 11, Alice conta que o sucesso de Olívia na internet foi algo inesperado. “Na verdade, nunca existiu essa ideia. Ela sempre foi muito inteligente e fazia umas coisas engraçadas. E eu a gravava simplesmente porque achava legal. Para ela, a vida é brincar, comer e interagir com as pessoas. Resolvi criar uma página no TikTok, só tinha a família seguindo”, conta, rindo. Mas, de um dia para o outro, apareceram ▶

mais de 5 mil seguidores”. Daí, foi só ladeira acima.

Com a nova realidade de “pop star animal”, a vida de Alice passou por uma transformação. Funcionária do Jardim Zoológico de Belo Horizonte - atua como Agente de Serviço Ambiental - e tutora de outros 50 animais, a bióloga teve de encaixar em sua rotina a publicação de ao menos um vídeo por dia no Tik Tok. Em seguida, veio a demanda de criar contas para Olívia em outras plataformas, como o Instagram e o Facebook, para combater e denunciar páginas falsas sobre a macaquinha que começaram a surgir.

Não bastasse, de repente, a tutora passou a receber mensagens de pessoas de outros estados que queriam visitar e conhecer Olívia. “Algo impressionante. Hoje em dia, temos uma agenda lotada de visitas de várias partes do Brasil”, conta.

Com tamanha repercussão, há um ano, a tutora postou um vídeo sobre seu sonhado projeto de criação de um santuário. “Sozinha, não teria condições. E as pessoas abraçaram meu sonho e começaram a doar para que eu pudesse adquirir o terreno”, conta. Atualmente, o santuário está em fase de construção “Já estamos finalizando a casa-sede, a cozinha e o depósito de alimentos dos animais. As obras estão sendo feitas à medida que entram as doações”, afirma.

Há também muitas exigências a serem seguidas. Alice conta que o projeto está em andamento junto ao Instituto Estadual de Florestas (IEF) e ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para que haja a aprovação do empreendimento de mantenedouro de fauna. O nome do santuário é Instituto Olívia “já que tudo que conseguimos até hoje foi graças a ela”.

Após a compra de um terreno com 40 mil metros quadrados, a bióloga revela que, agora, as doações serão direcionadas para a construção dos primeiros recintos, para pagamento do veterinário responsável pelo projeto e toda a parte estrutural do terreno, que foi adquirido sem água, luz e cerca. “Para finalizar a obra, com oito recintos de acordo com padrão para espécies diferentes, precisamos em torno de R\$ 500 mil. Mas, o valor final não é calculável, já que é

## DENUNCIE CATIVEIRO IRREGULAR

📞 **Linha Verde do Ibama:** 0800-61-8080

📞 **Disque Denúncia:** 181

📞 **LigMinas:** 155 e opção 7 (para ligações de fora do Estado e de segunda a sexta, das 7h às 19h) ou (31) 3069-6601 para contato na capital.

📍 **Núcleos de Denúncias e Requisições da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad):**

[https://www.mg.gov.br/instituicao\\_unidade/secretaria-de-estado-de-meio-ambiente-e-desenvolvimento-sustentavel-semad](https://www.mg.gov.br/instituicao_unidade/secretaria-de-estado-de-meio-ambiente-e-desenvolvimento-sustentavel-semad)

(\*) Fonte: Agência Minas

possível construir mais recintos à medida que houver verba, pois o espaço é muito grande”.

Quem quiser contribuir para a criação do Instituto Olívia, pode doar via Pix pelo CNPJ do projeto: 61.116.320/0001-04. “O Instituto Olívia tem conta própria e prestamos contas dos valores arrecadados e gastos. Quem quiser também pode doar material de construção e mão de obra. Qualquer ajuda é bem-vinda”. Outra maneira de ajudar é adquirindo camisetas e calendários 2026 do projeto. Basta acessar o link nas páginas oficiais: @oliviamacacaoficial.

## FAMÍLIA COMPLETA

Primata da espécie macaco-prego, Olívia exige atenção especializada. Alice enfatiza que são muitos os cuidados com o animal desses vivendo dentro de casa. “Não é fácil. A casa foi toda adaptada. Ela não fica sozinha, sempre tem que ter companhia. Mudamos horários de trabalho para nos revezar nos cuidados. É como ter uma criança de 2 anos. Atenção à alimentação, uso de fralda, tem que estar sempre de olho no que ela está fazendo”.

Olívia tem um quarto só dela, com uma área externa ligada ao interior da casa por um túnel, com livre acesso a todo espaço. Além da companhia dos humanos, a macaquinha interage ainda com 15 cães, 25 gatos, três coelhos, seis porquinhos-da-índia e um rato Twister.





“A Olívia nos reconhece como família, então, somos todos seus tutores”, afirma.

Longe das câmeras, nos bastidores, a macaquinha também chama a atenção pelas curiosidades do seu comporta-

mento. “A Olívia só dorme no nosso travesseiro, atrás da nossa cabeça. Tem a mania de beber água molhando alguma coisa e chupando. E se não tem um paninho, molha o próprio rabo e chupa

a água. Ela também morre de medo de animais grandes, como boi e cavalo. Uma vez fomos a um local onde tinha uma exposição de dinossauros e ela ficou em pânico”, conta a tutora.

Mesmo atuando legalmente e com o bem-estar animal garantido, nem tudo é fofo no mundo de Olívia e Alice, que são alvos de ataques na internet. “Já recebemos várias críticas e tem uma linha de pessoas que é realmente muito contra a humanização de animais. Eu acho que esse é um assunto que não deve ser generalizado e, sim, avaliados os casos individuais”, determina a bióloga.

De acordo com ela, animais que vivem apenas sob os cuidados de humanos, em cativeiro, devem realmente manter o comportamento mais natural, para que consigam conviver bem com

Alice Alves, tutora oficial de Olívia, a esposa Andréia e os filhos, Júlia, de 15 anos, e Lorenzo, de 11 anos: vida em família

os outros da mesma espécie e se sintam confortáveis. Mas, no caso daqueles que vivem diretamente com pessoas, que não têm outros companheiros da mesma espécie, estar humanizado acaba sendo melhor. “Eu não

posso criar um macaco dentro de casa, apenas com humanos, e querer que ele tenha o comportamento selvagem, porque, para o animal, seria muito pior. Ele precisa se sentir parte daquele grupo em que vive para ter bem-estar. E é por isso que Olívia faz tudo que nós fazemos. E a roupa, ela mesma quer colocar às vezes e, quando não quer, ela tira. São muito espertos e inteligentes, se estiverem incomodados eles arrancam tudo”, justifica.

“Os haters estão em todo lugar. E a partir do momento em que expomos partes da nossa rotina, temos que estar preparados para a diversidade de opiniões. Existem sim, críticas, mas muitos dos críticos nunca terão um macaco em casa e, por isso, não conseguem entender o que veem. Só quem sente muito amor pelos animais é que consegue aceitar tratá-los como filhos. Seja colocando fraldas ou fazendo uma festa de aniversário. Então, são opiniões em que não cabe discussão. O que realmente deveria importar é o bem-estar do animal. Nada mais”, assegura a bióloga. ■



# QUANDO O CUIDADO ACOMPANHA O PASSEIO

Para muitos cães, a hora do passeio é o momento mais esperado do dia. É quando exploram novos cheiros, gastam energia e interagem com o mundo ao redor. Para os tutores, também costuma ser um momento especial. Mas, para que tudo ocorra de forma tranquila e segura, existe um item que não pode faltar: a guia.

Embora pareça apenas um detalhe, conduzir o pet com guia é fundamental. Além de proteger o próprio animalzinho, essa prática ajuda a evitar acidentes e garante uma convivência mais harmoniosa nos espaços públicos.

## SEGURANÇA EM PRIMEIRO LUGAR

Mesmo o bichinho mais obediente pode se distrair ou reagir a estímulos inesperados. O barulho de um carro, uma bicicleta passando ou outro peludinho podem provocar uma corrida repentina.

Nesses momentos, a guia permite que o tutor aja rapidamente e evite situações perigosas, como atropelamentos, fugas ou brigas com outros pets. Vale lembrar que o comportamento dos cães também é guiado por instintos. Por mais treinado que o animal seja, nem sempre é possível prever como ele reagirá diante de algo novo.

## RESPEITO AO ESPAÇO DAS OUTRAS PESSOAS

Muitos bichinhos são sociáveis e adoram se aproximar de estranhos, mas nem todos ao redor compartilham do mesmo entusiasmo. Há pessoas que têm medo, crianças pequenas que podem se assustar e até outros peludinhos que preferem manter distância.

A guia ajuda a manter o controle dessas interações e evita encontros indesejados. Conduzir o pet adequadamente é também uma forma de demonstrar respeito com quem divide o mesmo espaço.

## O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO

Em muitas cidades brasileiras, o uso da guia em vias públicas é obrigatório por lei. A regra existe justamente para garantir a segurança coletiva e reduzir acidentes envolvendo animais.

Em Belo Horizonte, por exemplo, a Lei Municipal nº 8.565/2003 determina que cães devem circular sempre conduzidos com coleira e guia. As penalidades para quem descumpra a regra variam de cidade para cidade, podendo incluir desde multas até a apreensão do bichinho.

## MAIS DO QUE CONTROLE

A guia também pode ser uma aliada no treinamento. Durante o passeio, ela ajuda o tutor a orientar o peludinho e reforçar comportamentos desejados, como caminhar ao lado e respeitar limites.

Com o tempo, o passeio deixa de ser apenas uma volta no quarteirão e se torna um momento de conexão entre tutor e pet.

## COMO ESCOLHER

Guias tradicionais, com cerca de 1 a 2 metros de comprimento, costumam ser as mais indicadas para áreas urbanas. Elas permitem que o animalzinho explore o ambiente sem perder o controle.

O uso de peitoral também é bastante recomendado, pois distribui melhor a pressão pelo corpo e tende a ser mais confortável do que a coleira presa diretamente ao pescoço.

## UM GESTO SIMPLES QUE FAZ DIFERENÇA

Usar guia no passeio é um cuidado simples que traz muitos benefícios. Ela protege o pet, evita acidentes e contribui para uma convivência mais tranquila nos espaços compartilhados.

Mais do que uma regra, esse hábito representa cuidado, responsabilidade e respeito com todos ao redor, inclusive com o próprio peludinho. ■



# NOVAS VELHICES, MÚLTIPLOS CAMINHOS

Entre novos conceitos e experiências inspiradoras, o envelhecimento surge como um campo de possibilidades em meio a velhos estigmas, novos desejos e realidades sociais

## ▀ ALEX DE OLIVEIRA

“Na curva perigosa dos cinquenta / derrapei neste amor”, escreveu Carlos Drummond de Andrade em “Quarto em Desordem”, poema publicado em 1954, no livro “Fazendeiro do Ar”. A obra fala sobre o florescer de uma paixão que chega na maturidade e a tudo desorganiza – ou, quem sabe, reorganiza. Os versos são também sobre um insubordinado desejo de viver. Vale contextualizar: naquela década, a expectativa de vida no país era de apenas 48 anos – abaixo, portanto, daquela em que o eu-lírico descobria um novo amor.

Hoje, por outro lado, quem chega aos 50 tem, estatisticamente, mais tempo para gozar de novos amores – sejam eles pessoas, projetos, planos, passatempos. Conforme a série histórica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), afinal, nunca se viveu tanto no país, que, no ano passado, alcançou a marca de 76,6 anos de expectativa de vida. E esse incremento na longevidade, associado à redução das taxas de natalidade, já faz do Brasil a sexta nação com o maior número de idosos no mundo, segundo estimati-


vas da ONU. No futuro, essa população deve crescer significativamente: conforme projeções nacionais, em 2070, 37,8% da população brasileira deve ser idosa.

Esse progressivo envelhecimento populacional, claro, traz consigo uma série de desafios – exigindo estratégias e adequações em relação a serviços ligados ao Sistema Único de Saúde (SUS) e à própria Previdência Social. Mas também inaugura novas formas de se viver esses anos a mais. É no bojo dessas novidades que surgem termos como o NOLT, sigla para *New Older Living Trend*, ou Nova Tendência de Vida Madura, que tenta abarcar formas ativas de viver após os 60.

A expressão é usada para designar uma maturidade mais dinâmica, substituindo a ideia de declínio pela noção de longevidade consciente. Envelhecer, nessa perspectiva, tem a ver com ocupar novos lugares e a abertura para novas formas de participação social, profissional e pessoal. Os exemplos são muitos, passando por pessoas idosas retornando às salas de aula em busca de novas graduações, reposicionando-se no mercado de trabalho, tornando-se empreendedoras e envolvendo-se ativamente na vida social e cultural.

Mas, como toda tendência, o conceito também levanta suspeitas. “Ao se agarrar a esse termo, como se ele fosse impedir o processo natural da passagem do tempo, o brasileiro demonstra que segue tendo muito medo de envelhecer. Aprendeu-se a negar a velhice para se manter no jogo. Afinal, assumir-se idoso ou velho, para muita gente, ainda é decretar o fim da vida”, critica Natalia Dornellas, 49 anos, jornalista, produtora de conteúdo e ativista da longevidade. Ela é criadora de conteúdo sobre lifestyle, cocriadora do podcast *As Perennials* e conhecida por promover conversas sobre tempo e presença.

A comunicadora e ativista pondera que há, de fato, uma transformação em curso – sustentada, sobretudo, pelo aumento da expectativa de vida. “Entendemos que uma pessoa de 60 terá no mínimo duas décadas pela frente. Ou seja, tem muita coisa para viver”, diz. Os dados confirmam: só na última edição do Enem, mais de 17 mil pessoas com 60 anos ou mais se inscreveram para fazer a prova e tentar a entrada em um curso universitário, um crescimento expressivo em relação a anos anteriores. ▶

A full-body photograph of Roberta Zampetti, a woman with short dark hair, smiling and standing in a lush, green indoor garden. She is wearing a bright red zip-up jacket, black leggings, and black sneakers. Her hands are clasped in front of her. The background is filled with various plants, including a large potted tree on the left and a wooden bench on the right. The floor is a checkered tile pattern.

Roberta Zampetti, jornalista, apresentadora, produtora de conteúdo, de 70 anos, assume sozinha todas as etapas de produção: grava entrevistas, edita o material e publica os vídeos

“Eu acho que a velhice tem muito mais coisa nova do que qualquer etapa da vida. O que eu descubro de possibilidades...”

## NOVO AMOR E NOVOS PROJETOS AOS 65

O desejo de seguir caminhando, traçando projetos, rotas e desbravando novos horizontes na velhice não está restrito ao universo profissional: dados do IBGE indicam que, desde 2018, por exemplo, o número de casamentos entre pessoas com mais de 60 anos cresceu 23,5%, chegando a quase 75 mil matrimônios celebrados nesta faixa etária em 2022, ano dos dados mais recentes.

Foi justamente na perigosa curva dos 65 que o ator e diretor Chico Aníbal e o ator e dramaturgo Luiz Hippert derraparam no amor. Amigos de décadas, eles começaram a namorar há pouco. Ao mesmo tempo, voltaram à sala de aula: são alunos de um curso livre de roteiro para curta-metragem, na Escola Livre de Artes Arena da Cultura, em Belo Horizonte. Planejam agora desenvolver um filme híbrido, entre ficção e documentário, sobre a experiência de envelhecer sendo homens gays.

“Eu acho que uma das grandes questões é que o ser humano está vivendo mais”, reflete Aníbal. “Nós estamos chegando a essa idade com saúde. E acho que nós somos a primeira geração que está na terceira idade pensando na quarta e quinta idade. Hoje, dos 60 até os 80, ainda dá para produzir muita coisa, porque a cabeça ainda está funcionando para um monte de coisa”, avalia.

Hippert, por sua vez, complementa, com mais cautela: “As pessoas de 60 hoje são bem diferentes das pessoas de mesma idade há 20 anos. Mas, quando você chega lá, percebe que muda. Não tem como dizer que ‘os 80 são os novos 60’. Os 60 são 60 mesmo. E você sente isso – pessoalmente e socialmente”, opina, mencionando o etarismo como uma experiência concreta: “Começam a te tratar diferente, a explicar demais as coisas, a te orientar muito”, enumera. Mas ele ressalta que, ainda assim, a disposição para o novo permanece.

No caso deles, por exemplo, o curso de roteiro está ligado a planos de futuro. “A gente não faz o curso apenas para ter o que fazer. Porque existe essa crença, de que idoso tem que fazer algo para passar o tempo. Fazemos porque acreditamos que isso vai acrescentar em trabalhos que realizamos, e é um passo na direção do audiovisual”, ressalta Hippert, acrescentando que a própria escolha do ambiente de aprendizagem pesa nessa equação: “É muito ruim você ir para um lugar que é ‘lugar de velho’, que tem aquela proposta de só ter uma atividade para dar uma ocupação. Aqui, a gente tem troca, diversidade, respeito. Isso faz diferença”.

## INQUIETUDE PERMANENTE

A experiência do envelhecimento moderno pode significar também continuidade. E uma continuidade vigorosa, a exemplo da história de Paulo Rogério Lage, que, aos 77 anos, tem até dificuldade de definir, em poucas palavras, o que faz. Formado em Economia, construiu uma trajetória múltipla na cultura: trabalhou como produtor, diretor e articulador de

projetos que envolveram nomes como Milton Nascimento e Alceu Valença, e companhias como o Grupo Corpo, seu grande xodó. Por conta do trabalho, circulou pelo Brasil e pelo exterior acompanhando os artistas em turnês e temporadas. Ao longo das décadas, transitou entre música, teatro, audiovisual e literatura, sempre movido por uma curiosidade inquieta e por uma disposição constante para o trabalho.

E essa inquietação, agora perto dos 80, permanece. Hoje, Lage divide a rotina entre Belo Horizonte e Ouro Preto, onde mantém um centro cultural dedicado à arte popular brasileira. “Eu não fico parado num lugar só. Ponto”, resume. Em BH, organiza a parte estrutural dos projetos; em Ouro Preto, executa as ações, cursos e festivais. Eventualmente, ainda se desloca para outras cidades – como Olinda, onde realizou recentemente o documentário “Olinda Sacra”. “Acredito que você pode ter raiz, mas a raiz serve para sua cultura, não para sua maneira de viver. Você leva sua cultura para onde for, mas tem que ir, tem que estar em movimento”, defende.

O projeto em Ouro Preto nasceu justamente em um momento de inflexão. “Achei que era hora de reduzir a carga e decidi transformar um sítio em um espaço cultural, resgatando a tradição da cerâmica Sarameinha”, diz, fazendo referência a uma das primeiras cerâmicas vidradas do país, originária da região. “Eu fui pegando essas vivências, essa paixão pela arte popular brasileira, e transformando o espaço num centro de arte popular”, conta. Ali, além de preservar técnicas e saberes, ele promove encontros entre gerações de artesãos e fomenta a produção cultural local.

A pretensa redução da carga não se reflete na agenda ainda, que segue intensa. Tanto que, para conseguir citar tudo o que faz e planeja fazer, precisa acelerar a velocidade da fala – praticamente, uma antítese da ideia do idoso de fala arrastada. Para este ano, Lage já tem definidos três festivais principais no espaço: o “Piano e Canto”, previsto para maio; o “Arte e Movimento”, em julho; e o “Cordas do Brasil”, que deve acontecer em Ouro Preto e também ganhar uma edição em Olinda. Este último, segundo ele, é um dos projetos mais afetivos: reúne instrumentos de corda que ajudaram a moldar a música brasileira, como violão, viola, cavaquinho e bandolim. “A cabeça não para. Você vê uma coisa, já cria outra. É assim que funciona”, orgulha-se.

## CONTRA A INVISIBILIDADE

A jornalista, produtora de conteúdo e escritora Roberta Zampetti, 70 anos, também encara o processo de envelhecimento como uma possibilidade de continuidade e aprimoramento, ainda que exija ajustes de ritmo. “Eu não mudei da Roberta de 50, nem de 40. A minha cabeça é a mesma”, afirma, ao reconhecer que o corpo, por vezes, impõe novos limites, mas não interrompe o desejo de seguir realizando novos projetos e, sobretudo, aprendendo. Não por acaso, quem chega à sua





Paulo Rogério Lage, aos 77 anos, tem até dificuldade de definir, em poucas palavras, o que faz; só em 2026, coloca em cena três projetos culturais diferentes

casa logo se depara com uma estante de livros, muitos dos quais dedicados justamente ao tema do envelhecimento. Ela própria, aliás, tem o seu, cujo título é “Sou 60. Diário de uma jornalista em busca de respostas sobre o envelhecimento e a vida”. O volume foi lançado em 2017, dois anos após ela mergulhar de cabeça nos debates sobre a longevidade – o que faz dela uma das pioneiras nessas discussões em Minas Gerais.

Hoje, ela observa com ceticismo a proliferação de novos rótulos para definir o envelhecer. “Eu acho que o povo fica inventando moda, sinceramente. Não basta ‘terceira idade’ e os outros tantos eufemismos? Parece que existe um grande esforço só para maquiagem o nome velhice, que a sociedade

insiste em não aceitar. Mas se a gente vive a partir dos 60 anos a velhice, então é isso que somos: velhos. Eu sou velha. Velha e livre”, dispara ela ao comentar sobre a proliferação da expressão NOLT. Roberta acredita que o termo pouco acrescenta a um debate que, em sua essência, já deveria estar superado. “Desde quando eu comecei a falar de velhice, lá em 2015, eu já defendia que envelhecer é aprender. Pra que criar mais um nome para dizer a mesma coisa?”, questiona.

Além disso, ela reforça que as velhices precisam ser tratadas no plural, porque são muito distintas entre si. É possível apontar, por exemplo, um recorte de gênero: “As mulheres se tornam invisíveis na velhice. Homem não. Homem é charmoso”, aponta. Foi justamente a percepção desse preconceito que a levou a mudar o rumo da própria carreira, ao completar 60 anos, quando, após 16 à frente do programa “Brasil das Gerais”, da Rede Minas, decidiu se dedicar com mais ênfase ao debate sobre o envelhecer. A virada de chave, curiosamente, veio de um comentário etarista que recebeu: “Encontrei um conhecido

em um evento e ele disse que me conhecia desde que eu era ‘jovem’ e ‘bonita’. Claro que ele foi muito infeliz nessa fala. Mas aquilo me despertou e eu achei que esse debate precisava ser feito”, comenta, lembrando como fez do limão uma limonada.

Roberta conta que apresentou para a direção da Rede Minas o projeto de outro programa, o “Sou 60”, que surgiu em um momento em que

“A cabeça não para. Você vê uma coisa, já cria outra. É assim que funciona”

esse debate ainda era incipiente e termos hoje populares, como “60+”, sequer eram utilizados. Anos depois, o projeto migrou para o YouTube, onde a jornalista consolidou uma produção independente voltada à valorização da velhice. “Foi a melhor coisa que eu fiz”, celebra. “Hoje eu trabalho para mim e sem aquele compromisso de prazos.” Para seguir trabalhando, ela assume sozinha todas as etapas de produção: grava entrevistas, muitas vezes com três câmeras simultâneas, edita o material e publica os vídeos. Além disso, realiza palestras – a próxima marcada para 24 de abril, no Automóvel Clube, a convite do Rotary –, escreve, lê e pesquisa continuamente.

### ‘NÃO SE PODE COLOCAR A PESSOA IDOSA NUMA CAIXA E ACHAR QUE TODOS SERÃO IGUAIS’

As histórias de Zampetti, Chico Aníbal, Luiz Hippert e Paulo Rogério Lage parecem encontrar muitos paralelos com o imaginário proposto pelo NOLT: pessoas que seguem ativas, criativas, abertas ao novo. Mas Natália Dornellas contemporiza: esse retrato não pode ser universalizado. “Num país cheio de desigualdades como o nosso, é preciso entender que sempre haverá várias velhices”, lembra. Ela cita diferenças concretas, como a expectativa de vida que pode variar em até 20 anos dentro de uma mesma cidade, dependendo da região. “Não se pode colocar a pessoa idosa numa caixa e achar que todos serão iguais”, ressalta. ▶

As diferenças, aliás, são destacadas nos próprios relatos desses personagens, que reconhecem as limitações e necessidades de adaptação em suas rotinas. “Você fica mais doente, vai mais ao médico, tem mais remédio para tomar... E até os assuntos mudam. Hoje, a gente fala muito de alimentação, de sono, de atividade física, o que acho bom, porque mostra que estamos mais conscientes desse processo”, indica Hippert. Para Aníbal, essa convivência com a finitude aparece de forma ainda mais intensa por conta do seu trabalho em um projeto de palhaçaria em hospitais. Por isso, frequentemente, ele se vê diante de pacientes idosos, a maioria em condições mais delicadas do que a sua. “Vejo ali, na prática, que esse processo é muito desigual. É diferente para cada pessoa. Muitas vezes, estou tentando fazer rir alguém que é até mais novo que eu, mas que está mais vulnerável”, menciona.

No caso dos dois, há ainda uma camada adicional: a experiência de envelhecer sendo homens LGBTQIAPN+. Uma vivência atravessada por histórias de invisibilidade, perdas e reinvenções. “Nós somos a primeira geração que está envelhecendo. Mais velhos que a gente tem poucos”, aponta Hippert, lembrando, entre outros fatores, o impacto da epidemia de HIV/Aids nos anos 1980 e 1990, que interrompeu trajetórias e reduziu a presença de referências mais antigas. Ele acrescenta que a consequência desse pioneirismo é uma velhice que, muitas vezes, se constrói sem modelos claros – e, não raro, sob o risco de novos apagamentos.

### A CONSCIÊNCIA DO TEMPO E A VELHICE COMO DIREITO

Se, para o casal, o desafio passa também pela afirmação de identidades e afetos, para Paulo Rogério Lage as questões do envelhecer aparecem, sobretudo, em um necessário ajuste de ritmo. “Tem coisas que eu não vou fazer mais”, admite. Depois de décadas em turnês intensas, cruzando cidades e países, ele percebeu a necessidade de redefinir o modo de estar no mundo. “Chegou uma hora que eu senti necessidade de dar uma fixada”, conta ele, ainda que sem abrir mão do estar em movimento. “Eu optei por fazer o que é de extrema qualidade e que tem mais facilidade de realização”, explica, ao comentar a escolha por projetos culturais mais enxutos, viáveis dentro de uma nova lógica de trabalho.

Há, também, uma consciência sobre a própria idade: “Aos 77, você está mais perto de subir do que de ficar por aqui. Então,

“Não é sobre ter exames bons, apenas. É sobre continuar vivendo com intenção. Ter motivos, grandes ou pequenos, para levantar todos os dias”



Mônica Campanha, médica geriatra e gerontóloga, lançou recentemente o livro “Decisões que transformam – Uma jornada para longevidade”

você tem que ter felicidade no que está fazendo. Depois dos 60, ficou muito claro para mim que eu ia fazer só o que eu gostasse”, assinala. Uma liberdade que, no entanto, não está ao alcance de todos – e que, como lembra Natália Dornellas, precisa ser pensada à luz das desigualdades. “O Brasil vive um processo de envelhecimento muito heterogêneo”, reforça ela. “Por mais que tenhamos pessoas vivendo muito bem aos 90 ou 100 anos, é preciso entender que o acesso aos privilégios é determinante”, completa a ativista, que chama atenção para o risco de se transformar a ideia de envelhecimento ativo em uma nova forma de cobrança – ou, pior, em um ideal inalcançável para grande parte da população.



Natalia Dornellas, jornalista, produtora de conteúdo e ativista da longevidade

Os fatores econômicos, defende, não podem estar ao largo desse debate. Podemos lembrar, por exemplo, que, segundo levantamento da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do SPC Brasil, mais da metade das pessoas com mais de 60 anos são responsáveis pelo sustento de suas famílias. Nesses casos, continuar trabalhando não é exatamente uma escolha, mas uma necessidade. “Falar de envelhecimento ativo exige reconhecer essas desigualdades. Caso contrário, a ideia de longevidade saudável vira privilégio de poucos”, crava Dornellas, concluindo que mudanças precisam ser implementadas para garantir aos brasileiros o direito de envelhecer com dignidade. “Dentro de poucos anos, teremos mais pessoas

com 60 anos do que crianças no Brasil. Não tem como ignorar isso. A sociedade vai ter que se reorganizar.”

Já Roberta Zampetti, ao falar sobre o envelhecimento contemporâneo, defende que há, de fato, uma mudança geracional em curso. “Os velhos hoje estão muito diferentes dos velhos de décadas atrás. Eu sou completamente conectada. Fiz questão de estudar tecnologia”, assinala, acrescentando que a velhice pode ser, paradoxalmente, a fase mais aberta ao novo. “Eu acho que a velhice tem muito mais coisa nova do que qualquer etapa da vida. O que eu descubro de possibilidades... O velho, pela bagagem que possui, pode ser muito criativo – mas, infelizmente, tem baixa autoestima e se retrai”, opina.

Ao mesmo tempo, ela também ecoa o debate de como

aspectos sociais interferem na forma de se viver a velhice. “O que conta mais para a sua longevidade? O seu CEP ou o seu DNA?”, questiona. Ela mesma responde: “É o CEP”. Ancorada por pesquisas, Roberta defende que fatores como acesso a saneamento, saúde, segurança e qualidade de vida têm um peso muito maior do que a herança genética para viver mais.

“Entendemos que uma pessoa de 60 terá no mínimo duas décadas pela frente. Ou seja, tem muita coisa para viver”

#### CONTINUIDADE E REINVENÇÃO

Na esteira de um debate que tem incorporado termos como o NOLT, que aponta para formas mais plurais de viver e menos presas a modelos rígidos, a médica geriatra e gerontóloga Mônica Campanha propõe que o foco esteja menos em criar novos rótulos e mais na necessidade de uma transformação do olhar para o envelhecimento. A defesa aparece no livro “Decisões que transformam – Uma jornada para longevidade”, que ela acaba de lançar, onde defende que envelhecer pode ser, simultaneamente, continuidade e reinvenção. “É sair de padrões rígidos e ampliar o olhar sobre o que pode ou não ser vivido nessa fase da vida”, disse em entrevista à **Encontro**, arrematando que a velhice contemporânea não precisa mais se encaixar em estereótipos de passividade ou retraimento. Ao contrário: pode incluir aprendizado, criação, vínculos e propósito.

Essa mudança de perspectiva, no entanto, vem acompanhada de um cuidado: o de não transformar a ideia de envelhecimento ativo em uma nova forma de cobrança. “Não significa que todo idoso precisa ser produtivo o tempo todo ou tentar se manter jovem a qualquer custo”, pondera a especialista, insistindo que a centralidade deve estar na autonomia – entendida não apenas como independência física, mas como a capacidade de decidir e conduzir a própria vida. Nesse sentido, ela distingue uma velhice simplesmente mais longa de uma velhice efetivamente ativa e funcional. ▶

“Não é sobre ter exames bons, apenas. É sobre continuar vivendo com intenção. Ter motivos, grandes ou pequenos, para levantar todos os dias”, defende.

Ao mesmo tempo, Mônica chama atenção para o peso que o imaginário social ainda exerce sobre o envelhecimento, em que há uma quase automática associação entre velhice, fragilidade e dependência – o que molda comportamentos e expectativas muitas vezes antes mesmo que essas limitações existam de fato. “Muita gente ainda enxerga a velhice como algo a ser combatido, quase como uma doença”, diz, ao indicar que há uma geração inteira que, sem referências anteriores de envelhecimento bem-sucedido, está “reescrevendo essa história” na prática. Não é raro, relata, ouvir de pacientes a sensação de não se reconhecerem na própria idade – fenômeno que reconhece como um sintoma dessa transformação.

Mas qualquer discussão sobre longevidade ativa, alerta a geriatra, precisa considerar idiosincrasias do país em que se envelhece. Em um Brasil marcado por contrastes sociais, diz, envelhecer pode significar experiências radicalmente distintas. “Na prática, o idoso mais vulnerável enfrenta o envelhecimento somado à falta de recursos, de apoio e de estrutura”, explica, lembrando ainda que, nesse contexto, a responsabilidade pelo cuidado recai, em grande medida, sobre a família. Daí a importância de políticas públicas e redes de apoio que sustentem esse processo. “O envelhecimento digno não pode ser uma responsabilidade individual. Ele precisa ser coletivo”, estabelece.

“Envelhecer ativamente não significa negar os limites, mas negociar com eles”

## RETOMADA AOS 70

Essa consciência aparece com recorrência nas reflexões de Rubens Ferreira Filho, de 73 anos – ele próprio, um exemplo singular das possibilidades abertas pelos anos a mais que se vive na contemporaneidade. Morador de Lagoa Santa, ele decidiu prestar vestibular para medicina logo após se aposentar, em 2022, depois de mais de cinco décadas trabalhando em uma multinacional da área da mineração. “Se eu ficasse da noite para o dia em casa, sem nada para fazer, eu ia entrar em parafuso”, diz. A aprovação veio como surpresa – “deu zebra”, brinca – e, desde então, ele mergulhou em uma rotina intensa de estudos, hoje já no sétimo período do curso.

A experiência de voltar à universidade, no entanto, não é exatamente simples. Em meio a colegas majoritariamente jovens, Rubens se viu, no início, como “um estranho no ninho”. As diferenças geracionais de repertório, de ritmo e domínio de ferramentas impuseram desafios ao longo dessa trajetória. “Eu levei cinco horas para fazer um trabalho que um colega fez em cinco minutos no celular”, exemplifica.



Rubens Ferreira Filho cursa medicina aos 73 anos: realizando o sonho de garoto

Aos poucos, porém, o estranhamento foi dando lugar à troca. “Eu dou uma contribuição pela experiência que eu tenho, mas recebo deles muita coisa também”, orgulha-se, ao detalhar como a convivência acabou se transformando em um espaço de aprendizado mútuo, em que ele alterna, como define, os papéis de aluno e de professor.

Por trás da decisão de iniciar aos 70 uma nova graduação há uma história antiga, que ele reconstitui com memória fresca: “Quando jovem, cheguei a sonhar com a medicina e fui aprovado para o curso, mas abri mão por causa das condições financeiras da minha família. Eu era filho de um carroceiro e precisava trabalhar para ajudar em casa. Na época, meu pai ficou muito contrariado. Disse que era o sonho dele ver um filho formado em medicina e eu retruquei, dizendo que estava abrindo mão naquele momento, mas não estava desistindo”, recorda. Décadas depois, já

aposentado, decidiu que era hora de cumprir a promessa – e, se pensa em desistir, é na memória dessa conversa que encontra forças para continuar.

A decisão, aliás, não passou sem questionamentos. “Claro que tem quem pergunte se é hora para isso, se não é melhor aproveitar a vida”, reconhece, ponderando que, apesar das provocações, encontrou também apoio. Um dos mais marcantes é o da neta, uma criança que demonstra grande orgulho pelo avô “estar na faculdade” – hoje, quando está com ele, a menina costuma brincar de estudar.

### CARÊNCIA E SOLIDÃO

Curiosamente, é na geriatria – a mesma área de atuação de Mônica Campanha – que Rubens Filho começa a se reconhecer. A vivência nas unidades básicas de saúde, parte da formação médica, aproximou-o das demandas concretas da população idosa, sobretudo em contextos de maior vulnerabilidade. “Assusta a carência, a solidão”, relata. Em um dos projetos desenvolvidos com colegas, ele participou de encontros com idosos da comunidade, buscando criar espaços de escuta e convivência – experiência que revelou a ele o quanto muitos se sentem invisíveis, e o

Desde 2018, o número de casamentos entre pessoas com mais de

**60 ANOS**  
cresceu

**23,5%**,  
chegando a quase

**75 MIL**  
matrimônios celebrados  
nesta faixa etária em

**2022**

Fonte: IBGE

quanto pequenas intervenções podem reativar sentidos de vida.

Nas rodas de conversa ou nos atendimentos que realiza, Rubens costuma provocar, à sua maneira, o debate sobre envelhecimento: “Pergunto a eles se sabem a diferença entre idoso e velho e, depois, explico: o idoso é aquele que continua sonhando e, o velho, aquele que apenas dorme”.

O estudante, claro, não ignora as limitações impostas pelo tempo. A defesa que faz, porém, vai no sentido de preservar o desejo como motor da existência – o que, muitas vezes, exige longas conversas com familiares, “que custam a entender que seus velhinhos também têm sonhos e que, se os seus

sonhos desaparecem, você desaparece também”, diz. Ao mesmo tempo, reconhece a necessidade de ajustes. “Mas uma coisa é o ajuste, outra é o abandono. Por exemplo, entendo que eu não posso mais subir no telhado da minha casa para alguma manutenção, mas isso não significa que eu não possa chamar alguém para fazer isso e ficar lá de baixo orientando”, defende. Para ele, afinal, envelhecer ativamente não significa negar os limites, mas negociar com eles. ■

## UM NOVO CONCEITO EM SERVIR CAFÉ

Melhor e mais exclusiva linha de máquinas de café para residências e empresas. A Casa Nicolau é a parceira ideal para levar mais aroma e sabor para o seu dia a dia.

**Casa  
nicolau**

Máquinas Para Espresso e Café

[www.casanicolau.com.br](http://www.casanicolau.com.br)

Instagram Facebook casanicolau



Rua Catete, 669 – Alto Barroca Belo Horizonte / MG (31)2555-7969

# O valor da longevidade

Com mais tempo, mais consciência e, em muitos casos, renda estável, esse público deixou de ser coadjuvante para assumir o protagonismo e movimenta um mercado de R\$ 2 trilhões por ano no Brasil

## ▶ ALINE RESKALLA

O mundo envelheceu – e o Brasil também. O aumento da expectativa de vida, aliado à queda na taxa de fecundidade, vem redesenhando a pirâmide etária. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) indicam que o país deve ultrapassar a marca de 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos até 2030. Em 2050, esse grupo representará um quarto da população.

Minas Gerais acompanha a tendência nacional de envelhecimento populacional. No estado, 30,47% da população já tem 50 anos ou mais, ou seja, mais de 6,2 milhões de pessoas. Trata-se de um público numeroso, ativo e com grande potencial de consumo, pois este “novo velho” estuda, aprende novas tecnologias, empreende, muda de carreira e se reinventa como consultor. Muitas vezes tira do papel sonhos que ficaram adormecidos por anos. Cuida do corpo, da mente e das emoções. Viaja, lidera, compartilha conhecimento e continua aprendendo.


“É necessário considerar que essa parcela da população, formada por um consumidor com características

fisiológicas e sociais específicas, pode apresentar limitações físicas e cognitivas, mas também tem autonomia, bom poder aquisitivo, entre outros atributos. Por isso, precisa de um atendimento diferenciado por parte de lojistas e prestadores de serviço. Diferentemente do que muitos pensam, esse consumidor da longevidade não consome apenas saúde”, explica o analista de Competitividade do Sebrae, Flávio Barros.

Com mais tempo, mais consciência e, em muitos casos, renda estável, esse público deixou de ser coadjuvante para assumir o protagonismo. Segurança, turismo, saúde física e mental, cultura, mobilidade e conexões sociais despontam como alguns dos setores mais impactados por essa virada.

A chamada economia da longevidade – que abrange o público 50+ e 60+ – já movimenta cerca de R\$ 2 trilhões por ano no Brasil, o equivalente a aproximadamente 25% do consumo das famílias, segundo dados do Instituto Brasileiro de Economia e Finanças (Ibef). A tendência é de forte expansão: as projeções indicam que esse mercado pode atingir R\$ 3,8 trilhões até 2044, passando a representar cerca de 35% do consumo nacional.

Para o empresário Emílio Brandi, res-



Emílio Brandi, dono do Botânico Shopping; de acordo com o empresário, o peso econômico dos 60+ ganha protagonismo no mix do centro de compras do Belvedere



Paqueta de Carvalho

Minas Gerais acompanha a tendência nacional de envelhecimento populacional. No estado,

**30,47%**

da população já tem

**50 ANOS**

ou mais, ou seja, mais de

**6,2 MILHÕES**

de pessoas.

“Empreender hoje é muito diferente de quando comecei. Tenho mais visão, mais tranquilidade e segurança para decidir”

ponsável pelo lançamento do Botânico Shopping, no ano passado, o público 60+ tem um comportamento de consumo ligado a qualidade e bem-estar. “Eles procuram ambientes agradáveis, com conforto, bons restaurantes, música de qualidade e, principalmente, serviços bem cuidados, como banheiros limpos. É um consumidor mais exigente, que valoriza o lugar onde está”, afirma. Segundo ele, trata-se de um perfil que prioriza experiências e permanência. “Querem se sentir à vontade, tranquilos. Isso aparece no jeito de andar, de observar, de ocupar o espaço.”

O empresário destaca o peso econômico desse grupo, que ganha protagonismo no mix do shopping. “São pessoas com experiência de vida, muitas vezes com uma condição financeira consolidada. Há muitos empresários e empreendedores nessa faixa, com poder de decisão e consumo elevado”, diz. Na avaliação dele, trata-se de um público extremamente relevante e em expansão.

Legítimo representante da geração 60+, Brandi reflete sobre o ato de empreender aos 63 anos. Para ele, a maturidade trouxe mais clareza e equilíbrio às decisões. “Empreender hoje é muito diferente de quando comecei. Tenho mais visão, mais tranquilidade e segurança para decidir”, afirma. A experiência acumulada, inclusive nos momentos difíceis, é vista como um ativo. “Já passei por desafios, e isso traz bagagem. Hoje erro menos porque aprendi mais.”

Para ele, a chamada vida 60+ representa um novo momento, que combina experiência, tempo e qualidade. “É, para mim, a melhor fase. Tem mais ▶

“As pessoas pararam de pensar ‘quando eu me aposentar eu faço isso’. O pensamento agora é outro: se não for hoje, quando? O momento é agora.”

tempo para a família, para os netos, e uma outra qualidade de vida. A gente aprende a aproveitar melhor.” Além disso, o empresário acompanha, feliz, a consolidação do Botânico, que recebeu investimentos no valor de R\$ 130 milhões. Em menos de um ano, o novo centro de compras do Belvedere, em Belo Horizonte, se tornou um ponto de encontro dos consumidores de alta renda da capital mineira e da vizinha Nova Lima.

Outro que tem vivido a fase dos 60+ na prática é Atayde Melo Junior, 64 anos, head de vendas Latin America da EaseMyTrip, um dos maiores grupos de turismo da Ásia, listado nas bolsas de valores da Índia (NSE e BSE). “Não somos pessoas em fase de encerramento de carreira, mas, sim, em um momento de máxima maturidade profissional, em que conhecimento, redes de relacionamento e capacidade de execução se encontram”, disse à **Encontro**.

De acordo com o executivo, o novo conceito de maturidade não é tendência passageira, mas transformação estrutural. A sua própria rotina traduz isso: academia todos os dias, alimentação tratada como prioridade e um olhar atento para os pequenos e grandes prazeres da vida. “Cada momento é saboreado como uma bebida, um alimento oferecido pelos deuses”, diz.

Essa nova forma de viver também muda a lógica do consumo – especialmente no turismo. Ao longo de três décadas de carreira, Atayde acompanhou a evolução do setor e vê, agora, uma



Alexandre Brandão, presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens Minas Gerais (Abav-MG)

## TURISMO CRESCE NO MERCADO 60+

O turismo de experiência desponta como um dos nichos mais dinâmicos dentro do mercado 60+, com destaque para Minas Gerais. Destinos ligados à cultura e à natureza vêm se fortalecendo entre o público mais maduro, que busca vivências mais significativas e personalizadas. E roteiros ligados à gastronomia, como as do queijo da Serra da Canastra, dos vinhos e dos azeites no sul do estado, além dos circuitos de café, vêm ganhando protagonismo. “Esse público consome muito experiências: vinícolas, gastronomia, fazendas, cultura. Minas tem uma vantagem enorme nisso”, afirma Alexandre Brandão, da Abav-MG.

A chamada Rota dos Queijos, por exemplo, já é considerada a mais estruturada do estado. Há também roteiros que combinam

trem turístico, visitas a produtores locais e experiências gastronômicas em um único dia – um formato especialmente atraente para esse perfil de viajante.

Além da gastronomia, o turismo religioso também cresce, impulsionado por iniciativas como o programa Minas Santa, que promove destinos históricos durante a Semana Santa. Soma-se a isso uma mudança de comportamento observada no pós-pandemia: a busca por lugares abertos, com mais contato com a natureza e menos aglomeração.

Outro segmento que se beneficia diretamente dessa transformação é o de cruzeiros. Segundo Brandão, pessoas acima dos 60 anos já representam mais da metade dos passageiros em viagens de travessia de longa duração.

## ECONOMIA DA LONGEVIDADE NO BRASIL

### TAMANHO DO MERCADO



**R\$ 2 TRILHÕES**  
por ano  
movimentados  
pelo público  
**50+/60+**

**25%**  
do consumo  
das famílias  
brasileiras

Projeção de  
**R\$ 3,8**  
trilhões até  
**2044**

Pode  
representar  
**35%**  
do consumo  
nacional

Fonte: IBEF e Exame

### QUEM É O CONSUMIDOR 60+



**72%**  
se consideram  
digitais

**56%**  
têm rotina  
ativa

**40%**  
relatam falta de  
produtos e serviços  
adequados

Público mais  
independente,  
conectado  
e exigente

Fonte: Fundação Dom Cabral – Estudo Economia Prateada

### OPORTUNIDADES DE MERCADO



- ▶ Crescimento impulsionado pelo envelhecimento da população
- ▶ Aumento da expectativa de vida
- ▶ Manutenção do consumo ativo
- ▶ Impacto em setores como turismo, saúde, moradia, mobilidade, cultura e serviços

### PRINCIPAIS DESAFIOS



- ▶ Produtos e serviços pouco adaptados (ergonomia e usabilidade)
- ▶ Dificuldade em plataformas digitais
- ▶ Marketing pouco direcionado ao público 60+
- ▶ Atendimento despreparado

### O QUE ESSE PÚBLICO BUSCA



- ▶ Autonomia
- ▶ Praticidade
- ▶ Personalização
- ▶ Experiências
- ▶ Qualidade de vida



Paulo Márcio



Bráulio Garcia,  
vice-presidente  
da área imobiliária do  
Sindicato da Indústria  
da Construção Civil  
(Sinduscon-MG)

oportunidade clara para empresas que souberem se adaptar. “Nós queremos viajar mais, viver mais e consumir experiências com significado”, resume.

O presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens Minas Gerais (Abav-MG), Alexandre Brandão, concorda – e observa esse movimento de perto. Segundo ele, o público 60+ já responde por cerca de 15% do faturamento do turismo no Brasil, com tendência de crescimento contínuo.

Mais do que números, trata-se de uma mudança cultural. “Hoje temos pessoas nesta faixa etária extremamente ativas, trabalhando, viajando e consumindo”, afirma. Aos 63 anos, ele é parte dessa realidade. Divorciado e vivendo sozinho, adotou uma lógica simples: investir na qualidade de vida agora. “Procuro fazer pelo menos uma viagem longa por ano, para um lugar novo – ou até revisitar destinos. A ideia é não deixar tudo para depois”, conta.

A pandemia, segundo ele, acelerou esse olhar. O futuro deixou de ser uma promessa distante e passou a ser decisão imediata. “As pessoas pararam de pensar ‘quando eu me aposentar eu faço isso’. O pensamento agora é outro: se não for hoje, quando? O momento é agora.”

Nem sempre, porém, essa escolha é apenas filosófica – muitas vezes, é também financeira. Com aposentadorias insuficientes para manter o padrão de vida, muitos seguem no mercado de trabalho. “Ninguém quer mais se aposentar como antes – e, muitas vezes, nem pode. Quem não contribuiu com um plano de previdência não consegue viver apenas com o INSS. Eu, por exemplo, não conseguiria me manter com uma aposentadoria de R\$ 4.800. Então, preciso continuar trabalhando até quando aguentar, para garantir tranquilidade e acesso a um bom plano de saúde, que hoje é fundamental”, afirma.

Os números confirmam. Em dezembro de 2025, o IBGE divulgou que o Brasil atingiu o maior número de idosos trabalhando desde o início da série histórica: 8,3 milhões de pessoas com 60 anos ou mais estavam ocupadas em 2024, o equivalente a 24% dessa população. Entre 60 e 69 anos, o índice sobe para 34% e, entre os homens, chega a quase metade (48%). ▶

## EMPRESAS AINDA PATINAM PARA ATENDER DEMANDA

Mesmo sendo economicamente ativo, o consumidor sênior frequentemente enfrenta barreiras para acessar produtos e serviços que atendam às suas necessidades. Muitos itens não consideram ergonomia, usabilidade ou a experiência de compra desse público. Há também dificuldade de navegação em plataformas digitais, com interfaces complexas e pouco acessíveis. O marketing ainda é pouco direcionado e, em geral, focado nos mais jovens. Soma-se a isso o atendimento inadequado, com equipes despreparadas para lidar com demandas específicas.

É o que mostra a pesquisa Consumidor 60+, da Fundação Dom Cabral, segundo a qual o mercado ainda precisa evoluir para atender de forma eficaz uma população que busca cada vez mais autonomia, conveniência e personalização.

Em dados, o estudo revela que 40% desse público relata a falta de produtos e serviços adequados às suas necessidades – um indicativo claro de que a oferta ainda não acompanha a transformação desse consumidor.

Na avaliação de Atayde Melo Junior, esse descompasso está diretamente ligado a um modelo mental ultrapassado nas empresas. “Quando falamos em



Atayde Melo Junior,  
64 anos, head de  
vendas Latin America  
da EaseMyTrip

“Nós queremos viajar mais, viver mais e consumir experiências com significado”

pessoas acima dos 60 anos, o mercado ainda recorre ao conceito de ‘terceira idade’. Hoje, estamos diante de um público mais ativo, saudável, conectado e financeiramente independente, que não quer ser tratado como idoso, mas como um consumidor pleno”, afirma,

ao mencionar o conceito de NOLT.

Segundo ele, o erro está em insistir na idade cronológica como referência, ignorando estilo de vida e comportamento. “O mercado ainda olha para a idade, quando deveria olhar para a forma como essas pessoas vivem.”

## IMÓVEIS COMPACTOS ESTÃO EM ALTA PARA ATENDER FAIXA ETÁRIA

A proporção de brasileiros que moram sozinhos saltou 52% em 12 anos, fenômeno diretamente ligado ao envelhecimento da população. Em 2024, 18,6% dos domicílios eram habitados por apenas uma pessoa. Em 2012, eram 12,2%. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O analista da pesquisa, William Kratochwill, diz que o perfil é essencialmente daqueles que acabam ficando viúvos ou que os filhos vão ter suas próprias famílias. “Quarenta

por cento das unidades unipessoais (com um único morador) no Brasil são ocupadas por pessoas de 60 anos ou mais”, diz ele.

O mercado imobiliário de Belo Horizonte reflete essa tendência: 20,1% dos imóveis têm apenas um morador. Nos empreendimentos, a adaptação aparece tanto na localização quanto nos projetos. As vendas de apartamentos compactos saltaram 54,6% em Belo Horizonte e Nova Lima em 2025, segundo Censo do Mercado Imobiliário.

“Há uma tendência também de atenção a detalhes de acessibili-

dade, como portas mais largas – idealmente entre 70 e 80 centímetros – e ambientes pensados para facilitar a mobilidade no futuro”, afirma o vice-presidente do Sinduscon-MG, Bráulio Garcia.

Segundo ele, regiões como Gutierrez, Santa Efigênia e áreas próximas ao polo médico, em BH, também ganham destaque justamente por oferecerem acesso facilitado a serviços essenciais, como supermercados, padarias e ruas planas, permitindo que o morador resolva a rotina a pé. “A ideia é garantir qualidade de vida, com tudo por perto e fácil acesso”, explica ■

# Presente na sua empresa. Presente na sua vida.

O Sistema Fecomércio MG,  
por meio do Sesc, Senac  
e Sindicatos Empresariais,  
acredita que a união  
faz a força do comércio  
de bens, serviços e turismo.  
E juntos, podemos transformar  
a vida das pessoas  
com mais educação, saúde,  
cultura, lazer e ação social.  
**Porque ser parceiro  
é estar presente  
em todos os momentos.**

Saiba mais:



[sistemafecomerciomg.com.br](http://sistemafecomerciomg.com.br)



# OS ESCRITÓRIOS MUDARAM DE CARA

Arquitetos e designers de interiores mostram como materiais e ideias diferentes na criação de projetos corporativos estão transformando espaços antigos e novos, com mais charme e funcionalidade

## ▸ NORMA SANTOS

Foi-se o tempo em que os locais de trabalho tinham cara de ambientes sérios e sem graça. De lá para cá, não demorou muito para que os espaços corporativos se tornassem tão acolhedores quanto nossa casa, ocupando lugares que protagonizam projetos ousados, tecnologia de ponta, cores vibrantes e sofisticadas estações compartilhadas. A tendência que transcende os estilos

convencionais ganhou novos contornos, reforça a importância da sustentabilidade, sugerindo materiais recicláveis, madeiras certificadas e reutilizadas, acabamentos atóxicos, mobiliário modular, ergonomia configurada e design atemporal.

O projeto de Isabella Vecci, por exemplo, cuidou da reutilização de tecidos, alteração de iluminação e reaproveitamento do mobiliário, “pois não se faz layout jogando tudo fora”, revela, com

uma dica interessante: “Menos vidro vedado e mais ventilação natural, pois no corporativo a sustentabilidade não é selo na parede, mas inteligência prática”.

Com tantas inovações sendo traçadas, arquitetos e designers de interiores estabeleceram um divisor de águas entre presente e futuro, valorizando o super-contemporâneo e adotando a tendência do Home Fill, que na arquitetura nada mais é que a busca de soluções estéticas com doses de bem-estar e de afeto.

Fotos: Estúdio ny18/divulgação





Inspirada nesse leque de possibilidades, a Óbvio Arquitetura, responsável por renovar nove andares da **CDL-BH** (Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte), esqueceu as salas fechadas para os chefes, quebrou paredes, criou curvas elegantes e escolheu tons fortes, para um layout flexível, com estações de trabalho abertas, cabine, pausas para o cafezinho rápido e para o networking espontâneo. Responsáveis por vários projetos comerciais, as arquitetas Nathália Otoni e Luciana Araújo, explicam que a ideia rompeu hierarquias além da criação de um ambiente de inspiração para a produtividade e conexão entre os colaboradores, onde cada membro da equipe é valorizado, envolvido e motivado a contribuir para o sucesso da entidade. Assim, elas trouxeram “as pessoas para mais perto uma das outras por meio do designer”, como dizem. Com mais de 18 anos no mercado e 300 mil m<sup>2</sup> projetados no Brasil inteiro, a dupla hoje se dedica apenas a atender empresas.



Conhecido por projetos residenciais e pela habilidade nos corporativos, Júnior Piacesi, do escritório Piacesi Arquitetos Associados, criou um layout de 600 m<sup>2</sup> para uma **mineradora** que prioriza a diversidade de uso em seu espaço corporativo. Desde a recepção, com bancada de inox e linhas curvas, o lugar é todo modernidade e também acolhedor, com vidros curvos e uma acústica que isola o caos, hubs de colaboração que incentivam a troca entre equipes, cabines de foco, zona de socialização e um tablete disponível logo na entrada para o agendamento de quem chega ao endereço. Dentro da sustentabilidade, Piacesi adotou o design biofísico, nova maneira de empregar elementos naturais, e formas de processos biológicos não apenas para se ter uma planta no ambiente, mas para nutrir a conexão humana com o verde.





O arquiteto David Guerra, com seus traçados grandiosos de casas e sítios, tem uma história curiosa sobre um projeto corporativo. Há 10 anos, visitou o **escritório de advocacia** de um cliente, onde encontrou um depósito de memórias acumuladas e concluiu que o lugar não estava à altura do advogado. Segundo Guerra, não foi difícil convencê-lo a trocar os entulhos pela elegância, propondo um layout com um mix de madeira escura (austeridade) com tons de cinza (modernidade) e implantar normas técnicas de iluminação e ergonomia no mobiliário. "As mudanças atraíram outros clientes, não apenas pela configuração inovadora do escritório, mas também pela organização apresentada no ambiente", conta David.



Dona de inúmeros projetos corporativos, Isabella Vecci poderia citar muitos, mas escolheu uma **agência de comunicação**, que ao ser reformulada na pós-pandemia tornou-se um grande desafio para a arquiteta. “Na época, a empresa que funcionava em dois andares foi reduzida para um, sem perder a essência e identidade”, lembra Isabella. O segredo foi a flexibilidade de baias com divisórias que abrem e fecham inspiradas nos coworkings, mesas não ocupadas pelas mesmas equipes, arquibancadas para palestras, espaços para reuniões e bancadas de refeição. Outra opção foi o uso de madeira para tornar o ambiente confortável e quente, assim como a escolha de cores que representam a marca da empresa.





A arquitetura sempre foi uma certeza na vida de mãe e filha. Juntas pela paixão de fazer o belo, Silvana Miranda Mertens e Rafaela Mertens Rennó, da Arca Arquitetura, assinam um **coworking** de cinco andares do prédio subutilizado, com 1.500 m<sup>2</sup> criado para mentes inovadoras e que gostam de compartilhar ideias. Contratadas para a execução dos pavimentos, Silvana e Rafaela conseguiram transformar o lugar improdutivo em um hub de inovações, destacando o pilotis como ponto principal do projeto. "Neste espaço colocamos as salas de reunião e de multiúso, área de convivência, cafeteria e recepção principal, com fluxos organizados e setorizados", dizem as arquitetas. Destaque também na composição da iluminação quente com o piso amadeirado e na valorização da placa da empresa que ganhou as mesmas cores das áreas comuns.

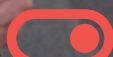


A imponência de uma arquitetura marcante no centro de Recife não passou despercebida por Cícera Gontijo. Ao assumir o desafio de criar o espaço para uma **agência de publicidade**, a arquiteta e designer de interiores inspirou-se no formato de "barco" do próprio edifício, ousando em uma imersão náutica no projeto corporativo. A recepção central distribui o fluxo para laterais que lembram contêineres laranjas, enquanto o núcleo de serviço é envolto em telhas azuis, reforçando a estética portuária do cenário. Nas áreas de trabalho, divisórias com aberturas circulares remetem às escotilhas de navios, que além de emoldurarem a vista para o mar servem como vitrines para as peças criadas pela agência. Um ambiente vibrante, dinâmico onde a arquitetura dita o conceito. ■



# Proprietário, deixe seu imóvel com a LAR e tenha seu Aluguel Garantido.


Todo dia 10 ou 30


 seu dinheiro já está na conta!

Escaneie o QR CODE  
e saiba mais



 (31) 3055-2000

 @lar\_imoveis

 larimoveis.com.br

\*Consulte as modalidades  
opcionais e condições

# A arte ao alcance

Casa Fiat de Cultura completa 20 anos de uma existência pontuada por mostras importantes e números expressivos – como o marco de 5 milhões de visitantes



## ▀ PATRÍCIA CASSESE

Corria o ano de 2012 e a longa fila que se formava na rua Jornalista Djalma de Andrade, precisamente a partir do número 1.250, chamava a atenção daqueles que, passando desavisadamente pelo local, tentavam descobrir o que provocava tamanho afluxo. “Caravaggio e Seus Seguidores”, exposição que ocupou o antigo endereço da Casa Fiat de Cultura, no Belvedere, de março a julho daquele ano, foi efetivamente um marco na história das grandes mostras internacionais que passaram pela capital

mineira. Além de obras icônicas do italiano, falecido em 1610, aos 38 anos, a iniciativa reunia, ainda, telas de artistas seguidores do mestre, como Orazio Gentileschi, Mattia Preti, Jusepe de Ribera e Giovanni Baglione. Cereja do bolo: o acesso era gratuito.

Passados quase 14 anos, a maior exposição já realizada no Brasil de um dos maiores artistas do barroco italiano segue viva na memória do público apreciador

de arte. No entanto, é necessário pontuar que a iniciativa corresponde a apenas uma das 110 mostras já promovidas pela Casa Fiat, que, neste 2026, completa duas décadas de uma existência marcada por números impressionantes – como o de já ter atingido 5 milhões de visitantes.

# de todos

Exposição na Casa Fiat de Cultura: com programação relevante e inteiramente gratuita: espaço atrai público amplo e diverso, que muitas vezes tem seu primeiro contato com o mundo das artes



Massimo Cavallo, presidente da Casa Fiat de Cultura

Léo Fontes/divulgação

Arquivo pessoal



*“Localizada na região mais nobre de BH, a Casa Fiat de Cultura vem tendo uma grande visibilidade sociocultural dentro da cidade. Desde seu promissor início, suas exposições demonstram a preocupação com o nível de qualidade não só no caso das de caráter internacional, mas, também, no que de melhor produz a arte brasileira contemporânea e popular. Parabéns pelos 20 anos de um trabalho cultural eficiente e permanente, trazendo o melhor que podemos desejar e auferir no mundo da arte.”*

**Priscila Freire, colecionadora**

A Casa Fiat de Cultura nasceu como um presente ao público mineiro, e brasileiro, pelos 30 anos da Fiat no Brasil, comemorados em 2006, e, desse modo, se tornou o primeiro espaço cultural criado por uma empresa do setor automotivo no país. A primeira exposição foi “Arte Italiana do Masp na Casa Fiat de Cultura”, que levou 30 mil visitantes ao Belvedere. Duas décadas depois, o equipamento, integrante do Circuito Liberdade, na Praça da Liberdade, já apresentou ao público mais de 3,5 mil obras de arte de artistas brasileiros e internacionais consagrados, como Auguste Rodin, Marc Chagall, Tarsila do Amaral, Candido Portinari, Niki de Saint Phalle e Rembrandt.

Massimo Cavallo, presidente da Casa Fiat de Cultura desde 2022 e vice-presidente Sênior de Recursos Humanos da Stellantis para a América do Sul, en- ▶

Mateus Lustosa/divulgação



*“A Casa Fiat de Cultura é um presente para a nossa cidade! Amo o espaço, as exposições e o diálogo constante com os artistas de todas as épocas. Com uma curadoria potente, tornou-se um espaço aberto a todos. Viva a Casa Fiat!”*

**Inês Peixoto, atriz**

tende que um dos grandes trunfos do espaço, nestes 20 anos de atuação, foi o de atuar como uma instituição capaz de conectar o estado aos grandes acervos internacionais. “Ou seja, promovendo aqui, em Belo Horizonte, exposições que, de outro modo, estariam restritas a museus em outras regiões do país ou mesmo do mundo.”

De outro lado, o executivo salienta a exibição de grandes acervos da arte brasileira, como o do Museu de Arte da Pampulha (MAP), do Masp ou da Pinacoteca de São Paulo. “Buscamos fortalecer esse papel de dar, ao público, acesso a obras expressivas da história da arte”, afirma. Cavallo ressalta que, hoje, mais do que um espaço expositivo dinâmico, a Casa Fiat de Cultura se afirma como um ambiente de formação e difusão cultural. “Daí o compromisso com o acesso, por meio de uma programação inteiramente gratuita, e com a formação de públicos orientando todas as nossas ações. Nesse sentido, nos posicionamos não apenas como um equipamento cultural relevante, mas como um agente ativo na qualificação da vida cultural da cidade”, afirma.

## RENOIR SEGUE ATÉ 10 DE MAIO

Atualmente, a Casa Fiat de Cultura recebe 12 obras do francês Pierre-Auguste Renoir (1841–1919). Fruto de uma parceria com o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), a investida “Renoir na Casa Fiat de Cultura” apresenta trabalhos que abarcam praticamente toda a trajetória do impressionista e poderá ser vista até 10 de maio. São telas como “A banhista e o cão griffon – Lise à beira do Sena” (1870), de sua fase inicial, “Banhista enxugando a perna direita” (1910) e “Banhista enxugando o braço direito” (1912). Há, ainda, a escultura “Vênus vitoriosa” (1916). Além das peças

vindas do Masp, a iniciativa conta com uma sala imersiva dedicada à obra “Rosa e Azul” (1881).

Além de “Renoir na Casa Fiat”, o espaço atualmente sedia a exposição “O Sorriso do Barroco”, em cartaz até 24 de maio. A mostra reúne 64 obras, entre pinturas e porcelanas, do mineiro Iuri Sarmiento, que revisita a herança barroca sob uma perspectiva contemporânea. Com curadoria de Marcus Lontra, os trabalhos convidam o público a percorrer diferentes interpretações dessa estética que moldou igrejas, cidades e imaginários no Brasil colonial.

Léo Fontes/divulgação



A exposição “O Sorriso do Barroco” fica em cartaz até 24 de maio

Não por outro motivo, o aspecto educativo é uma das meninas dos olhos da instituição, junto às iniciativas de acessibilidade – que, diz o presidente, integram o DNA do espaço desde a origem. “Ao impactar milhares de estudantes anualmente, muitos deles em seu primeiro contato com a arte, o Programa Educativo evidencia a dimensão formativa e transformadora da atuação da Casa Fiat de Cultura. Trata-se de um trabalho contínuo, que contribui de maneira

concreta para a formação cultural e cidadã”, afirma Massimo Cavallo. Desde a sua fundação, 800 mil jovens, crianças e professores já foram atendidos pelo Programa Educativo.

Desafiados a definir o papel que a Casa Fiat ocupa, hoje, no cenário cultural de Minas Gerais, artistas e pessoas ligadas ao universo da arte celebram sua criação. Priscila Freire, colecionadora, ressalta o destaque dado pela instituição também à produção contemporânea e

## ALEIJADINHO NO VATICANO

Sob o arcabouço das comemorações dos 20 anos da Casa Fiat de Cultura, um importante marco terá vez do outro lado do Atlântico, confirma Massimo Cavallo, atual presidente da instituição. É que, em parceria com os Museus Vaticanos, uma mostra inédita, dedicada ao mestre do barroco brasileiro Antônio Francisco de Lisboa, o Aleijadinho, tem inauguração prevista para novembro, em Roma.

A exposição, em parceria com a Associação Pró-Cultura e Promoção das Artes (APPA – Cultura & Patrimônio), reunirá as esculturas de Sant’Ana Mestre, São Joaquim e São Manuel, todas do século XVIII, restauradas pela Casa Fiat de Cultura em 2021. “Esta iniciativa é um desdobramento desse trabalho de restauração e sua realização valoriza a arte brasileira perante

o mundo, assim como fortalece a contribuição da Casa Fiat de Cultura para a preservação do patrimônio e difusão cultural”, diz Ana Vilela, gestora cultural do equipamento.

Mas, aqueles que não puderem cruzar o oceano não precisam ficar desolados – mesmo porque, o ano de 2026 é todo especial para o grupo Fiat, já que o mês de julho marca também os 50 anos de atuação da icônica fabricante automobilística italiana no país. Ana Vilela conta que, após a temporada de Renoir, mais precisamente, entre julho e setembro, o espaço realizará uma mostra sobre a arte brasileira dos últimos 50 anos em diálogo com o automóvel. “Também no segundo semestre, a programação trará, ainda, uma exposição que vai percorrer a arte italiana do Renascimento à contemporaneidade”, adianta.

Léo Lara/divulgação



*“Considero um privilégio e uma grande honra ter apresentado a minha ‘Série BH’ na Casa Fiat de Cultura, com uma expografia excepcional, de padrão mundial. E cabe a esta entidade um papel da mais suprema importância na cultura de Minas Gerais”*

**Carlos Bracher, artista plástico**



Esculturas de Aleijadinho, restauradas pela Casa Fiat de Cultura em 2021, serão expostas na Itália em novembro

## SAIBA MAIS

- Foi em 2014 que a Casa Fiat de Cultura deixou o bairro Belvedere para integrar o então chamado Circuito Cultural Praça da Liberdade – hoje, Circuito Liberdade.
- O edifício histórico que passou a ocupar sediava o Palácio dos Despachos e é tombado pelo patrimônio estadual e municipal.
- A própria Casa Fiat realizou a revitalização e o restauro, de modo a adequar o local às diretrizes museológicas de climatização, iluminação, segurança, incêndio e acessibilidade.
- São, ao todo, cinco pavimentos, sendo que o primeiro abriga o quadro “Civilização Mineira”, de Candido Portinari, restaurado em 2013, e que está sob responsabilidade da instituição.

nacional. “Desde seu promissor início, as exposições da Casa Fiat demonstram a preocupação com o nível de qualidade não só no caso das de caráter internacional, mas, também, no que de melhor produz a arte brasileira contemporânea e popular”, defende. E comemora: “Parabéns pelos 20 anos de um trabalho cultural eficiente e permanente, trazendo o melhor que podemos desejar e auferir no mundo da arte.”

O renomado pintor, desenhista e escultor mineiro Carlos Bracher, de 85 anos, é suspeito para falar. Celebrado com uma mostra em 2025, que exaltava não só sua trajetória, mas, por meio dela, também o aniversário de Belo Horizonte, o artista plástico se orgulha da exposição. “Considero um privilégio e uma grande honra ter apresentado a minha ‘Série BH’ na Casa Fiat de Cultura, com uma expografia excepcional, de padrão mundial”, afirma. À época, a exposição “Belo Bracher Horizonte” uniu desde o primeiro quadro do artista pintado em BH, em 1963, a mais de 30 obras feitas exclusivamente para a mostra – pinturas a óleo, aquarelas e estandartes revela- ▶

Mateus Lustosa/divulgação



*"Alegria, alegria! Felizes o país e a cidade que têm a Casa Fiat de Cultura! São 20 anos de exposições inesquecíveis, projetos educativos imprescindíveis, eventos culturais impactantes, oportunidades para todos e confiança nas estruturas do conhecimento! Faz a diferença, promove a igualdade e nos traz alívio por meio das artes! Obrigado por tudo, e esperamos cada dia mais! Aprendemos a ser exigentes e com envolvimento vital pela vastidão das possibilidades!"*

**Jô Vasconcellos, arquiteta**

ram sua paixão pela capital mineira. "Cabe a esta entidade um papel da mais suprema importância na cultura de Minas Gerais", diz.

**COMPROMISSO COM A FORMAÇÃO DE PÚBLICO**

Atuando na Casa Fiat de Cultura desde a sua criação – "e, assim, acompanhando de perto as diferentes fases e o crescimento da instituição ao longo desses 20 anos" –, a gestora cultural Ana Vilela confessa que até hoje se emociona quando se depara com a casa cheia, com públicos diversos, "ocupando o espaço de maneira tão natural". "Às vezes, é uma criança em uma visita mediada, às vezes alguém que nunca tinha entrado em um espaço cultural. Esses encontros dão muito sentido ao que fazemos", diz ela, que prefere usar o plural em suas falas. "É um trabalho coletivo, construído em equipe", frisa.

A capacidade da arte em mobilizar pessoas de perfis tão plurais, acrescenta ela, espelha-se mais uma vez com a atual mostra em cartaz, "Renoir na Casa Fiat", "que vem emocionando pessoas de todas as idades e encantando também as crianças". Indagada como a Casa Fiat poderia ampliar ainda mais sua inserção na cidade (e no estado),

Léo Fontes/divulgação



Ana Vilela, gestora cultural da Casa Fiat de Cultura

**LINHA DO TEMPO**

*Confira algumas mostras de maior destaque ao longo desses 20 anos*





Leo Lara/divulgação

Situada hoje na região mais nobre da capital mineira, Casa Fiat de Cultura nasceu no Belvedere, em 2006, como um presente ao público mineiro pelos 30 anos da Fiat no Brasil

## FIAT: MEIO SÉCULO DE BRASIL

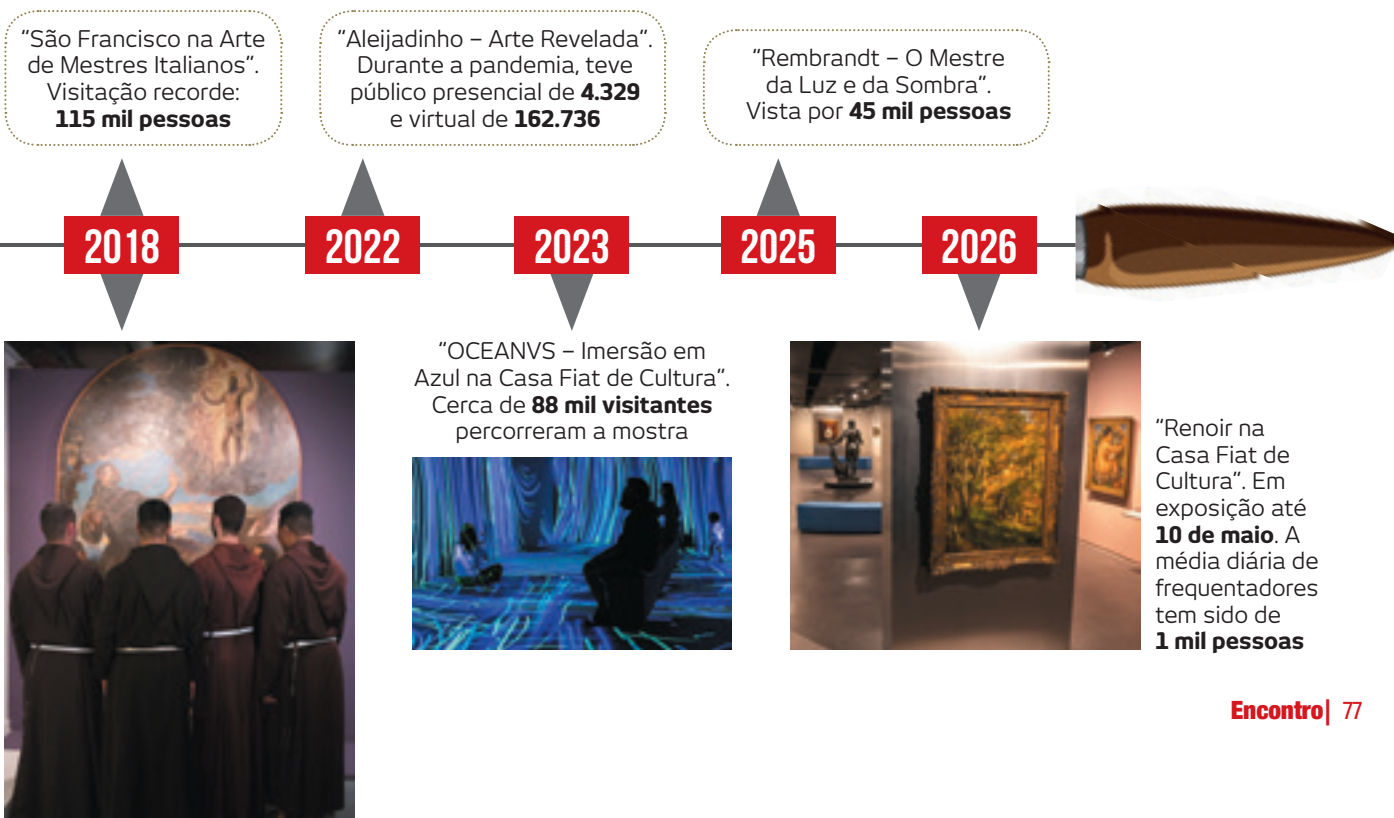
O ano de 2026 celebra não só os 20 anos da Casa Fiat de Cultura como os 50 anos da chegada da Fiat Automóveis ao Brasil. Foi em 1976 que a fábrica, primeira da companhia fora da Itália, se instalou na cidade de Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, quando começaram a produzir o icônico 147. De lá para cá, foram muitos lançamentos e muitos marcos na história do consumo de carros no país. Em 2021, a Fiat Chrysler Automobiles (FCA) passou a fazer parte da Stellantis, após fusão com o Groupe PSA (Peugeot-Citroën). A união formou uma das maiores montadoras do mundo.

Para marcar meio século no país, celebrado em 9 de julho, a Stellantis preparou uma série de ações. Dentre elas, o compromisso de um lançamento de um modelo completamente novo por ano até o final da década. Cinco novos produtos chegarão ao mercado até 2030. Além disso, o pólo de Betim receberá investimentos da ordem de R\$ 14 bilhões.

Ana Vilela afirma: “Acredito muito na aproximação com a educação e com os territórios. Já fazemos isso por meio de parcerias com escolas e universidades, instituições sociais, visitas mediadas, formação de professores e ações educativas”.

A programação diversificada, com realização de palestras, cursos, ateliês e concertos de música, diz, possibilita uma maior conexão com as agendas culturais da cidade. Não menos importante, os gestores também ensinam ampliar o diálogo direto com jovens e crianças, explorando – e nem poderia ser diferente – novas linguagens, formatos e plataformas.

Voltando à exposição que abriu nossa reportagem, “Caravaggio e Seus Seguidores” atraiu 86 mil visitantes – e, apesar da estatura do artista, nem foi a exposição mais visitada do espaço nestes 20 anos. Na verdade, a campeã de público foi “São Francisco na Arte de Mestres Italianos”, realizada em 2018, com a Casa Fiat de Cultura já instalada na Praça da Liberdade: foram nada menos que 115 mil visitantes. Seguem-se “Beleza em Movimento” (2019), com o marco de 90 mil visitantes, e “OCEANVS” (2023), que cravou 88 mil ingressos distribuídos. ■



## O QUE VEM POR AÍ

*Com espetáculos premiados que retornam à capital e turnês internacionais inéditas, a programação de abril em Belo Horizonte tem destaque para os palcos, com teatro reflexivo, dança tecnológica e shows que celebram marcos históricos da música brasileira e do indie mundial.*

Joana Calejo Pires/divulgação

### TEATRO

#### AS MUITAS FACES DE TOM CAVALCANTE

Fenômeno de público por onde passa, espetáculo "O Tom Tá On" demonstra por que o humorista Tom Cavalcante é considerado um dos mestres do gênero no Brasil. A montagem une o stand-up clássico à versatilidade do artista como imitador. Trata-se de um compilado de crônicas sobre o cotidiano, bem como observações afiadas sobre o comportamento humano e a política nacional, tudo temperado com o improviso que se tornou sua marca registrada. O público poderá matar a saudade de figuras imortalizadas na TV, como o bêbado João Canabrava, o contador de causos Sr. Venâncio e a abusada doméstica Jarilene. Além da comédia textual, Tom solta a voz em imitações de grandes nomes da música nacional e internacional, transformando o teatro em um verdadeiro show de variedades. "O Tom Tá On". Grande Teatro do Palácio das Artes (av. Afonso Pena, 1.537, Centro). Dia 11/04 (sábado), às 20h30. A partir de R\$ 50.

#### CURTA TEMPORADA DE "PRIMA FACIE"

Após uma temporada de ingressos esgotados no CCBB em 2025, o espetáculo "Prima Facie" está de volta para mais um fim de semana em BH. Estrelando o primeiro solo de sua carreira, a mineira Débora Falabella dá vida a Tessa, uma advogada de defesa brilhante que vê seu mundo ruir ao ser confrontada com as falhas do sistema que ela mesma ajudou a construir. Escrita pela australiana Suzie Miller e dirigida por Yara de Novaes, a peça tornou-se um marco cultural global, conquistando os palcos da Broadway e do West End londrino. No Brasil, a montagem local não ficou atrás: arrebatou cinco troféus no Prêmio APTR (incluindo Melhor Atriz e Direção), além do Prêmio Bibi Ferreira e Prêmio Shell para Débora Falabella. "Prima Facie". Grande Teatro Sesc Palladium (r. Rio de Janeiro, 1.046, Centro). Dias 17/04 a 19/04. Sexta e sábado, às 20h, domingo, às 18h. A partir de R\$ 60.

#### "O CÉU DA LÍNGUA" RETORNA A BH

Com uma turnê consagrada que já passou por 33 cidades brasileiras, 12 países da Europa e mais de 218 mil espectadores, o ator e escritor Gregorio Duvivier retorna à capital mineira com o espetáculo "O Céu da Língua". As apresentações marcam a abertura da programação de 25 anos do projeto Teatro em Movimento. Definido pela diretora Luciana Paes como um "stand-up comedy pegadinha", o monólogo subverte a ideia de que a poesia é algo hermético ou difícil. No palco, Duvivier utiliza seu humor ácido e raciocínio rápido para mostrar como a língua portuguesa é viva, repleta de metáforas cotidianas e "tropeços" poéticos que passam despercebidos. A performance, que rendeu a Gregorio o troféu de Melhor Ator no Prêmio Bibi Ferreira, conta também com a ambientação musical ao vivo do instrumentista Pedro Aune (contrabaixo) e projeções manipuladas por Theodora Duvivier, irmã do comediante. "O Céu da Língua". Grande Teatro do Palácio das Artes (av. Afonso Pena, 1.537, Centro). Dias 22/04 (quarta) a 25/04 (sábado), às 19h (quarta e quinta também às 21h30). A partir de R\$ 25.





## TEATRO

Poly Acerbi/divulgação

### ARMATRUX CELEBRA TRAJETÓRIA COM NOVO ESPETÁCULO

Fruto de dois anos de intensa pesquisa em residências, oficinas e laboratórios, a peça "Mordida Exploratória" chega como a cereja do bolo da comemoração dos 35 anos de história do grupo teatral mineiro Armatrux. Com direção e dramaturgia de Amora Tito, a montagem reúne Paula Manata, Rogério Araújo e Michele Bernardino em uma potente metáfora sobre o desmonte ambiental, social e de gênero, acompanhando três sacolas plásticas que, após séculos à deriva no Oceano Atlântico, compartilham suas experiências sobre a vida humana. A nova criação reafirma a pesquisa cênica e a linguagem autoral do grupo, que já percorreu todo o Brasil e sete países, chegando agora à sua 24ª montagem. "Mordida Exploratória", com o Grupo Armatrux. CCBH BH (Praça da Liberdade, 450). Estreia 11/4. De sexta a segunda, às 19h. Até 11/5. A partir de R\$15 (meia-entrada)

## MÚSICA

### ■ LUIZ CALDAS EM CHAVE INTIMISTA

O precursor do axé music Luiz Caldas faz uma retrospectiva de sua carreira, que atravessa quatro décadas e ajudou a moldar a sonoridade do carnaval baiano com a fusão de ritmos caribenhos, pop e raízes brasileiras. O show integra a turnê "Voz e Violão", um projeto intimista que retira o artista do contexto da folia para revelá-lo em sua forma mais pura: apenas ele, seu instrumento e as histórias que marcam cinco décadas de carreira. A apresentação tem um simbolismo adicional, já que celebra os 40 anos do disco "Magia" (1985), obra fundamental que deu origem ao axé music. No palco, a proximidade com o público conduz o espetáculo por um passeio cronológico, revisitando sucessos que atravessam gerações sob uma nova luz, valorizando a versatilidade de Luiz Caldas como um dos grandes compositores e multi-instrumentistas da música popular brasileira. Luiz Caldas em "Voz e Violão". Grande Teatro Sesc Palladium (r. Rio de Janeiro, 1.046, Centro). Dia 11/04 (sábado), às 20h. A partir de R\$ 60.



Rafael Martins/divulgação

## DANÇA

### DANÇA CONTEMPORÂNEA E TECNOLOGIA

A Vortice Dance Company, de Portugal, une tecnologia e movimento em "Carmina Burana Ballet", um espetáculo que combina coreografia contemporânea e projeções digitais. Criada pelos diretores Cláudia Martins e Rafael Carriço, a produção utiliza a composição de Carl Orff como base para uma performance que integra dança e recursos de videomapping. Considerada uma experiência sensorial completa, a obra explora temas como a sorte e o destino por meio de uma coreografia energética e envolvente. A circulação brasileira da peça conta com um elenco que une bailarinos da companhia europeia a profissionais brasileiros selecionados para a turnê, que já esgotou sessões tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro. "Carmina Burana Ballet", Vortice Dance Company. Grande Teatro BeFly Minascentro (av. Augusto de Lima, 785, Centro). Dias 10/04 (sexta) e 11/04 (sábado), às 20h30. A partir de R\$ 90.

### ■ EXISTE AMOR EM BH

Em sua terceira edição, o Festival Só Amor acontece no Parque das Mangabeiras reunindo música, esporte e experiências em meio à natureza com o lema "Existe Amor em BH". Considerado um dos eventos com a melhor vibe da capital mineira, o encontro contará com shows de Criolo, Maneva e Cynthia Luz, além de participações especiais, e promove ainda um tributo ao Clube da Esquina com Rodrigo Borges e Mart'nália. O evento também abre espaço para o esporte com a Arena Só Amor e recebe o coletivo Beagalta para um campeonato de alinha. Festival Só Amor. Parque das Mangabeiras (av. José do Patrocínio Pontes, 580). Dia 25/4 (sábado), às 14h. A partir de R\$ 130 (pista meia-entrada)

# A jornada artística de um cirurgião-dentista

Especialista em disfunções temporomandibulares e dor orofacial, Ricardo Tanus diz que se alimenta da arte expressionista contemporânea, intuitiva, intensa e profundamente ligada à emoção

Fotos: Pádua de Carvalho



Ricardo Tanus conta que a arte entrou em sua vida como um espaço de silêncio e conexão: "Era o momento em que eu podia estar sozinho comigo mesmo, longe do que era esperado ou considerado 'certo'. Muitas vezes, isso acontecia na madrugada, quando o mundo desacelera e a mente encontra descanso"

## ▮ LILIAN MONTEIRO

Quando o imortal Ferreira Gullar, um dos mais importantes poetas brasileiros da segunda metade do século XX, disse que “a arte existe porque a vida não basta”, ele a traduziu como uma necessidade humana para além das insuficiências do cotidiano, uma busca por um sentido maior para a existência e para uma experiência profunda do que é ser. É exatamente o que seduziu o cirurgião-dentista Ricardo Tanus, de 57 anos, especialista em disfunções temporomandibulares e dor orofacial, com mais de 30 anos de experiência clínica, autor de livros e palestrante nacional e internacional. Ele revela que a arte entrou em sua vida como um espaço de silêncio e conexão. “Era o momento em que eu podia estar sozinho comigo mesmo, longe do que era esperado ou considerado ‘certo’. Muitas vezes, isso acontecia na madrugada, quando o mundo desacelera e a mente encontra descanso”, afirma.

O cirurgião-dentista enfatiza que pintar virou sua forma de se comunicar consigo mesmo, de organizar pensamentos, aliviar o peso do dia e transformar as sensações em cores e formas. “Cada tela nasce desse encontro íntimo, mas sempre com um olhar para o outro. O desejo de que quem veja minha arte também se sinta tocado, acolhido ou provocado. A arte, para mim, é descanso, diálogo e partilha.” Ricardo entrega que se vê como um artista em constante construção. Para ele, sua arte é “expressionista contemporânea, intuitiva, intensa e profundamente ligada à emoção”. Ele pinta desde 2009. “Comecei sozinho, de forma autodidata, enfrentando desafios, dúvidas e descobertas sem atalhos. Foi nesse caminho solitário que aprendi a confiar no meu olhar e na minha linguagem.” Com o tempo, buscou ajuda para se aperfeiçoar.

Entre suas obras, Ricardo destaca a tela “O Transplante” que, confessa, “nasceu de um lugar muito profundo em mim”. Ele confia que pintar esse quadro foi revisitar um dos momentos mais intensos da sua vida: o período em que esteve ao lado do meu irmão no hospital, acompanhando um transplante que misturava medo, esperança, silêncio e fé. “A tela virou uma forma de dizer o



que as palavras não davam conta. Cada cor, cada gesto e cada escolha foram uma tentativa de transformar dor em sentimento, angústia em luz, e espera em vida. Não é apenas uma obra é uma memória viva, uma releitura emocional de um instante em que o amor, a fragilidade humana e a possibilidade de recomeço caminharam juntos.”

À flor da pele, no universo das artes, Ricardo pontua como suas inspirações Vincent van Gogh, “pela força emocional e honestidade da pintura”, pintor holandês do final do século XIX e um dos maiores expoentes e gênio do pós-impressionismo. E Antônio Poteiro, “pela simplicidade potente, pelas cores e pela narrativa popular e estilo naïf”, pintor, ceramista, oleiro e escultor luso-goiano, considerado um dos principais expoentes da arte dita popular brasileira, apontado como outro gênio da humanidade pela originalidade, genuinidade e simplicidade. Referências e inspirações que moldam Ricardo, mineiro de Barbacena, casado com Natascha e pai de Pietra. “Sou mineiro e carrego nas raízes os valores da escuta, da profundidade e da constância, sem perder o impulso de ir além das montanhas e enxergar o mundo com visão ampla”, diz. Ricardo ressalta ainda que a arte é parte essencial de sua identidade, influenciada por seu olhar e por sua maneira de enxergar a vida: “alegre e colorida”. E, assim, ele vê o seu mundo, o mundo ao redor e o mundo além das fronteiras, parafraseando Ferreira Gullar novamente: “Quando a vida não dá conta do que sentimos, a arte aparece para completar o que falta”. ■


# NOVO ATELIER

## CURSOS:

### PINTURA SOBRE TELA

### DESENHO ARTÍSTICO

### AQUARELA

 31 97558 5555

Rua Pernambuco, 1002,  
3 andar. Savassi



# INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E NUTRIÇÃO

Atualmente, a inteligência artificial (IA) tem dominado o universo de informações, em todas as áreas de trabalho. Por um lado, o acesso fácil e rápido às informações é útil e proveitoso, mas devemos ter certos cuidados, principalmente quando se trata de assuntos relacionados à área da saúde.

Sabemos que cada pessoa tem suas peculiaridades e individualidades, e quando estamos pesquisando sobre um diagnóstico sem ter uma certeza, o uso de informações adquiridas pela IA pode ser prejudicial e atrapalhar o tratamento, pois as pessoas estão se baseando em especulações, se autodiagnosticando e se autotratando, sem ter, às vezes, uma certeza de diagnóstico e tratamento, causando assim danos e prejuízos à própria vida.

Usar a inteligência artificial como ajuda em planos alimentares e variedade nos cardápios, após a primeira avaliação e planejamento alimentar pelo nutricionista, pode ser uma boa estratégia. De maneira alguma, no entanto, pode substituir um atendimento humanizado e presencial ou on-line, no qual o profissional está 100% presente no atendimento, avaliando e sentindo o que deve ser feito para tratamento e ajuda ao paciente.

A IA oferece maior adesão à dieta (após elaborada personalizada para cada caso) devido à praticidade e melhoria no comportamento alimentar. Entretanto, não substitui o raciocínio clínico e a conexão humana de um profissional, especialmente em casos de distúrbios alimentares ou necessidades de saúde complexas.





Nós, nutricionistas, sabemos que a contagem de calorias em um prato/refeição é importante e às vezes essencial para pessoas que buscam emagrecer e/ou manter o peso, mas nem sempre a contagem de calorias é a melhor maneira de se trabalhar, já que a composição de alimentos é muito mais eficiente.

Além disso, a contagem de calorias por IA é baseada em um banco de dados nutricionais que combina tabelas pré-existentes com reconhecimento de alimentos e estimativa média de porções. Dependendo da foto, luz e distância do prato, essa estimativa pode ser maior ou menor que a realidade, podendo levar a erros.

O aplicativo também não reconhece a quantidade de óleo usada na preparação, nem de sal, o que pode gerar erros significantes na contagem de calorias e prejudicar quem precisa desse controle mais rigoroso.

Concluindo este assunto, vale a pena ressaltar que: o aplicativo NÃO calcula metabolismo nem individualidade metabólica e não substitui uma análise bioquímica e individual feita por uma equipe multidisciplinar e com nutricionista. É, porém, uma ferramenta interessante para ajudar na variedade do cardápio e uma ajuda rápida e prática em momentos emergenciais e de dúvida sobre a composição de pratos para evitar erros alimentares e substituições inadequadas.

Vamos ter bom senso e começar do jeito certo!



rfonseca@revistaencontro.com.br

POR RODRIGO A. FONSECA

## Dúvidas frequentes – vinhos em restaurantes

Algumas questões se repetem em restaurantes, ou até em casa, ao selecionar um vinho. São pertinentes e podem ter respostas simples. Observando alguns poucos pontos, o consumidor terá mais confiança ao escolher e ser servido de vinho.

**HARMONIZAÇÃO** – São três os pontos a se observar. Primeiro: é impossível harmonizar qualquer prato com uma bebida com características que não apreciamos. É necessário, então, conhecer alguns poucos detalhes antes de provar o vinho. As características mais relevantes são taninos, nos tintos, e acidez, em brancos e tintos. Outras, secundárias, seriam o dulçor, se presente, e o teor alcoólico. O vinho escolhido deverá atender, obviamente, o gosto pessoal do consumidor.

Segundo ponto: evitar choques de sabores extremamente contrastantes, como ostras frescas versus vinho bem tânico, como Barolo ou Cabernet Sauvignon encorpado; igualmente, um corte bovino grelhado não combina com um branco leve e refrescante. Ainda, os teores de açúcar nos pratos e nos vinhos, se semelhantes, evitam choques.

Terceiro ponto: existe uma ideia recorrente de que é possível uma harmonização perfeita, na qual o vinho realça os sabores do prato e este os do vinho. Sugeriria abandonar as utopias. As possibilidades de combinação de pratos com vinhos são quase infinitas. Podemos pensar em quatro estilos: brancos frutados e leves, brancos mais complexos, tintos jovens e frutados, tintos mais complexos. Pela descrição do prato, e pelo gosto pessoal, a escolha torna-se fácil. Alguns pratos são ‘coringas’ e podem combinar bem com variados estilos de vinhos. Aves, como galinha-d’angola, pato, codorna, até mesmo frango, se enquadram nesse perfil, combinando com desde vinhos clássicos bem envelhecidos até com aqueles jovens e mais frutados.

**DECANTAÇÃO** – **Encontro** publicou, em 2018, artigo tratando em detalhes deste assunto. Vamos apenas rememorar alguns pontos mais óbvios, e acrescentar outros que não foram então abordados. São duas as ideias centrais ao decantar: separar sedimentos que se formam naturalmente na garrafa após o engarrafamento – sempre acontece nos melhores vinhos – e prover uma aeração da bebida, que ao absorver um pouco de oxigênio pode formar novos compostos aromáticos que lhe acrescentam interesse. Sempre acontece? Não, vinhos mais simples raramente se beneficiam de decantação.

Outros detalhes importantes: um vinho muito velho decantado deve ser consumido assim que aerado, pois pode logo perder sua melhor expressão aromática. Brancos raríssimamente ganham com decantação, e espumantes não ganham. Alguns consumidores preferem sentir a evolução do vinho enquanto ele é consumido durante uma refeição, sem decantá-lo; assim, a gama de aromas e sabores se renova durante um período de cerca de 90 minutos. Lembrando que apenas retirar a rolha não promove a aeração da bebida, pois a superfície de contato com o ar é mínima.

**SOBRA DE VINHO** – Muitas vezes o cliente deseja tomar meia garrafa, mas a oferta destas é limitada. Uma possibilidade é pedir uma garrafa e

“Existe uma ideia recorrente de que é possível uma harmonização perfeita, na qual o vinho realça os sabores do prato e este os do vinho. Sugeriria abandonar as utopias. As possibilidades de combinação de pratos com vinhos são quase infinitas”

levar para casa o restante. Para conservar um vinho após sua abertura, devem-se observar alguns detalhes. A melhor opção é fazer vácuo na garrafa e refrigerá-la assim que possível, o que é válido para brancos e tintos. Os brancos em geral duram vários dias, e sem vácuo dois ou três, sem maiores perdas de aromas e sabores. Já os tintos não dispensam o vácuo, duram bem dois a três dias, e devem ser tirados do refrigerador uma hora antes do consumo. Vinhos de algumas variedades são pouco resistentes ao contato com o ar, e deterioram rapidamente, mesmo sob vácuo e refrigerados. Pinot Noir e Grenache são bons exemplos. Outras variedades podem ter comportamento variado, que depende dos cuidados na elaboração. Os espumantes são um caso à parte. Se tapados com a vedação própria duram vários dias na geladeira. Podem até melhorar alguns poucos dias após abertos. Mesmo se vedados com rolha comum, ou sem nenhuma vedação, duram tranquilamente alguns dias. ■

Rodrigo A. Fonseca é engenheiro, chef e sócio do restaurante francês Taste-Vin

05 A 13 JUNHO

— BRAHMA —

APRESENTA

CIRCUITO SERTANEJO

 **PEDRO  
LEOPOLDO**  
RODEIO SHOW | 2026



SEXTA

**05**  
JUNHO

NATANZINHO LIMA  
ZEZÉ DI CAMARGO E LUCIANO  
MENDS É MAIS

SÁBADO

**06**  
JUNHO

CHITÃOZINHO E XORORÓ  
PANDA  
MAIARA E MARISA

SEXTA

**12**  
JUNHO

ZÉ NETO E CRISTIANO  
SIMONE MENDES  
MATHEUS E HAVAN

SÁBADO

**13**  
JUNHO

GUSTAVO LIMA  
LAURANA PRADO  
JOÃO BOSCO E VINÍCIUS

**AQUI O TREM É GIGANTE**

COMPRE SEU INGRESSO

[PLRS.COM.BR](https://plrs.com.br)



Divulgação

## EM CONSTANTE MOVIMENTO

Nos finais de semana, a fila de espera chegava a mais de duas horas. “Isso causava uma angústia imensa”, diz a fundadora d’O Granulado, **Joana Moura**, que comanda a confeitaria com a mãe, **Mônica Macedo**. Depois de uma viagem pelo Japão e China, Jô, como é conhecida, começou a repensar sua forma de negócios. Ao voltar para casa, inaugurou um movimento batizado de “Nova Era do Granu.” Acabou com o serviço de mesa; agora, os clientes pedem diretamente no balcão. “Vi lugares compactos atendendo grandes populações de um jeito mais dinâmico. Mexer em algo que está dando certo cria um desconforto, mas preciso ouvir a minha intuição”, completa ela, que acredita que a expansão da marca não está necessariamente ligada à abertura de novos endereços. O site foi reformulado e alguns itens já podem ser comprados em vários lugares do Brasil. Alguns sucessos da casa, como a limonada rosa (R\$ 18), ganhou roupa nova e, agora, é servida em uma lata pet. “Vende que é uma loucura. Mais até do que água.”

## UM BOTEÇO ITALIANO

A varanda une o Giardino com a La Macelleria. O novo bar funciona de forma integrada com a casa de carnes, apesar de cada um ter sua identidade e cozinhas próprias. “A La Macelleria segue uma proposta de steakhouse, já o Giardino tem refeições mais informais”, explica o italiano **Lorenzo Lucchetti**, que divide a sociedade com **Geraldo Horta** (à dir.) e Paolo Lanata. “Percebemos que havia espaço para um lugar mais descontraído, onde o cliente pudesse aproveitar o tempo sem pressa”, completa. O cardápio é democrático e funciona em diferentes momentos como almoço, happy hour e jantar. Entre os petiscos, torresmo crocante (R\$ 54) e arancini, bolinhos de arroz recheados com ragu e queijo Minas meia-cura (R\$ 55). A carta de vinhos conta com quase 100 rótulos com preços a partir de R\$ 90. Já na de drinques, o Negroni, gim, Campari, vermute, gelo e laranja (R\$ 34) e o Limoncello Spritz, limoncello, espumante, água com gás e rodela de limão-siciliano (R\$ 35) reforçam a identidade italiana do espaço.



Divulgação

## BISCOITEIRA!

A Ciocco nasceu em Maceió. E foi durante uma viagem que **Lara Moreira Notini Batista** percebeu que o negócio criado por seus primos alagoanos daria certo em Beagá. “Fiquei encantada e constatei que não tínhamos aqui nada nesse formato. Resolvi empreender”, diz ela, que conta com a ajuda da mãe, Márcia de Fátima Moreira, na parte administrativa. A casa é especializada em cookies, que são feitos aos milhares – uma média de 6 mil unidades mensais. Atualmente, são 15 sabores. Os preferidos do público são o Nutella Lovers (R\$ 19,50) e o Farinha Lactea (R\$ 21,40). A marca está sempre desenvolvendo novos produtos, como a Panelinha de Nutella (R\$ 189, serve de 8 a 10 pessoas). Para a Páscoa, foi lançado o cookie na lata, além do ovo de cookie, claro. Os clientes podem comprar diretamente na loja, no Carmo, ou pelo delivery.



Pádua de Carvalho

Divulgação



## DELI NO BELVEDERE

A inspiração veio das delis americanas, do tempo em que o proprietário **Carlyle Miranda** morou nos Estados Unidos. Mas, engana-se quem pensa que ele está se aventurando por um mercado novo. Carlyle é sócio de algumas casas emblemáticas de BH, como Graciliano, Fofó de Belas e Santíssimo Pão. Agora o Carlyle's, no Belvedere, chega para engrossar o sucesso do grupo. “É um espaço aconchegante para tomar um café da manhã, brunch, almoço, chá da tarde e jantar. Um lugar para você resolver sua fome”, diz o empresário. Com projeto assinado pela Greco Design, o imóvel ganhou tom sofisticado com uma grande vitrine de confeitaria logo na entrada e tons terrosos nas paredes. O menu está disponível durante todo o dia e dá para comer uma salada de pera, brie, mel defumado e nozes às 10 da manhã e capeletti de muçarela de búfala ao sugo à tardinha. Assim como uma boa delicatessen nova-iorquina, o ritmo é rápido, os produtos são artesanais e de alta qualidade.

## INAUGURADO COM CARNÊ

A história começa em Itabira, com uma hamburgueria de garagem. Depois, o casal **Fernanda Pacheco Silveira Costa** e **Leonardo Batista Martins Guerra** se mudou para BH, onde continuou fazendo sanduíches e alguns pratos e petiscos até 2020, quando fecharam por causa da pandemia. Eles foram fazer outras coisas da vida, mas a vontade (tanto dos donos, quanto da clientela) de reabrir um negócio gastronômico continuou vivo. Depois de fazer as contas, constataram que faltavam R\$ 40 mil para o projeto. “O jeito que encontramos foi vender planos para os nossos antigos clientes. Por R\$ 999, ele adquiria um voucher para consumir no restaurante”, conta. Deu certo. Aberto em 2023, o Metrôpole Bistrô fica numa casinha da década de 1940 no Santo Antônio, onde os donos também moram. O cardápio está sempre se renovando e um dos destaques é o risoto de taioba e filé mignon (R\$ 89), um dos preferidos dos frequentadores. Dos novos e dos antigos.

Divulgação



## UM MERGULHO PROFUNDO

*O Chile é dono de um litoral de 6,5 mil quilômetros e traz para a gastronomia mariscos que só existem lá. A capital Santiago vive um momento pulsante, com nove restaurantes na lista do Latin America's 50 Best Restaurants 2025.*

Fotos: Divulgação



### Boragó @boragoscl

Tomates rosados del Maule gigantes e kollof, alga marinha do Pacífico com formas tubulares, saindo de uma massa densa alaranjada. Os ingredientes parecem ser de outro planeta. Mas, são todas endêmicas do Chile e viram alta gastronomia nas mãos do chef Rodolfo Guzmán, dono do Boragó, considerado o melhor restaurante do país. O menu da temporada "Uma Brisa de Verão" conta com 17 tempos em uma verdadeira cartografia comestível, onde cada prato apresenta um território chileno. O preço é US\$ 217 por pessoa. O cordeiro patagônico é um dos pratos emblemáticos que nunca sai de cena. Além de ocupar o sexto lugar no *Latin 50 Best*, o Boragó é considerado o 23º melhor do mundo.



### Fukasawa @fukasawa\_chile

Esse era o sobrenome do mestre de Marcos Baeza. Foi com ele que o chef aprendeu os caminhos da culinária japonesa. E, quando foi escolher como batizar seu restaurante em Santiago, não pensou duas vezes. A história de herdar e distribuir conhecimento está no DNA do Fukasawa. O estabelecimento é comandado por Marcos Baeza e seus filhos Lucas e Marcus. É uma gastronomia nikkei-chilena, conceito que une a tradição da comida japonesa com os produtos locais. E o trio faz isso com graça. O foie gras vem ao lado do ouriço, em um encontro inusitado, assim como o caviar chileno com jalapeño. Um dos clássicos da casa é o ouriço servido sobre ninho de batata frita e caviar (US\$ 16).

### Casa Las Cujas @casalascujas

O restaurante já existe há 11 anos no litoral, mas, há 3, os irmãos Max Raide, Juan e Domingo resolveram criar uma unidade na capital. Em um aquário no salão, os frutos do mar conservados vivos em água salgada evidenciam o sentido de frescor. As espécies vão mudando de acordo com o defeso. Agora, por exemplo, é época da lagosta. Tem loco, camarão das rochas, almejas e machas, um



molusco que quase foi extinto. Na seção Frescos de Playa, o mariscal (US\$ 27) é uma oportunidade de provar diversos mariscos de uma só vez. É por isso que aparece em 14º na lista do *50 Best Restaurants* da América Latina. É para sentir o mar. Com frescura.



### Demo Magnolia @demo.magnolia

Comandado pelo chef Pedro Chavarría, o Demo Magnolia funciona dentro do hotel Magnolia, no bairro Belas Artes, região central da cidade. Com capacidade para até 15 clientes, o menu degustação de 12 tempos surpreende pela delicadeza na apresentação e sabores intensos. Combinações ousadas e fora do comum marcam a experiência. A influência oriental está presente tanto na gyoza de pato, quanto no noodles com tofu. As sobremesas merecem atenção. O sorvete de farinha de milho faz dupla com uma maçã do amor estilizada, servida com algodão doce. O chef faz uma viagem pela cultura alimentar da capital, recriando pratos que fazem parte da vida cotidiana da população. Ele aproxima, como poucos, o contemporâneo com o que há de mais tradicional e verdadeiro para os chilenos. Uma história bonita narrada a cada passo e que faz com que o nome do restaurante, Demo, faça muito sentido. Democrática, é uma casa que se orgulha das suas raízes e quer apresentar o que lhe é de mais precioso para o mundo.

# A parceria certa em Saúde, Segurança e Ergonomia do trabalho.

**+2.500**

Clínicas credenciadas

**Atendimento  
Nacional**

Tecnologia, Experiência e Atendimento exclusivo  
Gestão completa em Saúde, Segurança  
e Ergonomia do Trabalho.

 @contreioficial

 [www.contrei.com](http://www.contrei.com)

 [www.linkedin.com/company/contrei](http://www.linkedin.com/company/contrei)

## Certificações



Certificação ISO 9001  
Sistema de Gestão de Qualidade



Selo de qualidade  
ABRESST

## Associações

Membro Institucional da  
Associação Brasileira  
de Higiênistas Ocupacionais



Em conformidade  
com a LGPLD

Nos Centros Mar, espécies de fazendas de cultivo em alto-mar, os peixes ficam até alcançarem o peso ideal para o abate

# O salmão nosso de cada dia

Fazendas tecnológicas em alto-mar; dois anos até estar pronto para o consumo; mais de 4 mil quilômetros percorridos em carretas capazes de suportar uma variação térmica de até 50º C. Veja como é a trajetória da produção do salmão chileno até chegar ao seu prato

📍 **CAROLINA DAHER**

A placa está ali para lembrar aos desavisados: Ruta del Fin del Mundo. A última porção de terra firme no mapa chileno fica na região de Magalhães e Antártica Chilena. “É chamada de Ultima Esperanza, porque dali para a frente não há mais nada”, diz o motorista Miguel Rodrigues, enquanto aponta para um fiorde. São muitos. E também rios, lagos e vulcões. Parece uma cena de filme azul pontuada por montanhas com cumes cobertos por neve.

É lá que fica Puerto Natales. Pequena, a cidade de cerca de 20 mil habitantes tem um inverno rigoroso. Nos meses de junho e setembro, a temperatura na região fica abaixo de zero com certa frequência, podendo chegar a -30º C em



Cultivados nas águas geladas da Patagônia Chilena, o salmão leva mais de dois anos até estar pronto para o consumo

mar aberto. Uma paisagem moldada pela água, pelo frio e pela ventania.

O município é a porta de entrada para o Parque Nacional Torres del Paine, uma Reserva da Biosfera da Unesco que possui mais de 240 mil hectares divididos entre florestas, montanhas, lagos e geleiras. O local é um dos destinos mais procurados por turistas, escaladores e amantes de trilhas. A imponente geleira Glaciar Grey fica a apenas 100 quilômetros de Puerto Natales e é possível visitá-la a bordo de um catamarã que chega bem aos pés de seus paredões azuis de gelo.

É neste pacato lugarejo que estão os principais hotéis para os turistas que atravessam a Patagônia em busca dessas e outras aventuras. E o que poucos sabem é que boa parte do salmão que comemos no Brasil sai dali também. “Quase 75% do que produzimos na minha unidade vai para a América Latina, sendo que 87% seguem para o Brasil”, explica Marcelo Azócar, engenheiro e diretor da AquaChile. A empresa é a maior produtora desse peixe do país e a segunda no mundo, com uma receita anual de US\$ 6 bilhões.

O executivo é responsável por uma das seis Plantas de Processamento da companhia. Esses locais são indústrias onde os peixes chegam vivos e, em menos de seis horas, estão prontos para serem exportados. Mensalmente, só da planta

de Magallanes, comandada por Marcelo, saem mais de quatro toneladas de salmão.

O caminho até o território brasileiro não é simples. A maior parte é por via terrestre. “É um jeito seguro de transporte. O caminhão frigorífico para na porta da fábrica e as caixas vão permanecer intocadas até o desembarque, sem oscilação de temperatura, como acontece no transporte aéreo”, explica a gerente de vendas Raphaela Oberlaender. As carretas levam cerca de uma semana para dar a volta rumo ao sul da Patagônia, em uma rota que evita a Cordilheira dos Andes.

É nos Centros de Reprodução e Genética que começa toda a jornada do salmão. Ali, engenheiros e especialistas trabalham para desenvolver espécies capazes de alcançar padrões de qualidade e menor índice de mortalidade. Nesse local, funciona também uma fábrica de ração, que desenvolve um alimento rico em carotenoides, um antioxidante natural que garante a cor alaranjada à carne.

No incubatório, as ovas fertilizadas permanecem em água doce, com controle de oxigenação e temperatura. É uma espécie de maternidade, onde ficam por até 90 dias. Após a eclosão, os alevinos vivem ali até o momento de “smoltificação”, quando o peixe passa por um processo fisiológico de adaptação à água salgada, da mesma forma que acontece na natureza. ▶



Depois dessa fase, que pode durar até um ano, os peixes são transferidos para os Centros Mar, espécies de fazendas de cultivo em alto-mar, onde são distribuídos em tanques de 40 m por 27 m de profundidade e ficam entre 14 e 18 meses, até alcançarem o peso ideal para o abate, entre cinco e seis quilos.

Na fazenda marinha de Punta Vergara existem 16 tanques, com cerca de 100 mil peixes em cada um. Em uma estrutura flutuante, nove profissionais ficam embarcados e são responsáveis pela alimentação, manutenção e veterinária. Correntes, oxigenação e alimentação em diferentes profundidades são monitoradas 24 horas por dia, sete dias por semana.

Um dos maiores desafios é evitar, a todo custo, o escape dos peixes. Como não são nativos da região, os salmões representam perigo para as espécies nativas, podendo até levar algumas à extinção. “Usamos várias redes, além de robôs submarinos, para revisar qualquer ruptura”, diz Roberto Nuñez, chefe de Punta Vergara.

Ao final, o tempo para o salmão estar pronto para o consumo leva mais de dois anos. A empresa AquaChile trabalha com duas espécies: o salmão do Atlântico, também chamado salmo salar, e o salmão coho, conhecido como do Pacífico. Quando chegam no ponto de abate, são transportados vivos em wellboats, navios-tanque especializados em levar os peixes vivos até as Plantas de Processamento. Lá, são abatidos e, em menos de seis horas, estão prontos para serem exportados para qualquer parte do mundo.

Em 2024, o Brasil importou pouco mais de 260 mil toneladas de salmão, recorde nos últimos cinco anos. Entre 2020 e 2024, as importações do peixe aumentaram 125% de acordo com Ministério de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic). Boa parte desse peixe vai parar na porta da fábrica da Frescatto Company, localizada na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. A empresa foi uma das primeiras a apostar no pescado chileno. “São importadas 17 mil toneladas por ano. Criamos uma cadeia de frio capaz de suportar os mais de 4 mil quilômetros de viagem e uma variação térmica de até 50° C”, explica o gerente de comércio exterior, Rafael Barata. Mais de 90% dos peixes são vendidos inteiros, principalmente para



Nas Plantas de Processamento, os peixes chegam vivos e, em menos de seis horas, estão prontos para serem exportados

## SAIBA MAIS

Não tem salmão no Brasil. As espécies só se desenvolvem em águas frias. A técnica de criação em cativeiro surgiu nos anos 1960, na Noruega, como uma alternativa capaz de suprir a demanda e acabou se espalhando pelo mundo. Ela ganhou força no Chile na década de 1980, impulsionado por condições naturais favoráveis. Devido ao seu clima frio e isolamento, o extremo sul da Patagônia Chilena, rota que conecta o Atlântico ao Pacífico, se assemelha muito ao território norueguês.

O Chile é o segundo maior produtor de salmão do mundo. O cultivo é de cerca de 700 mil toneladas. Já a Noruega lidera com 1,5 milhões de toneladas anualmente. Em 2024, a importação de pescados no Brasil foi de cerca de 300 mil toneladas, sendo 87% desse volume representado pelo salmão.

o mercado de restaurantes premium. Apesar de trabalhar com outras proteínas aquáticas, o salmão é responsável por mais de 50% do faturamento da Frescatto, que atende mais de 14 mil clientes em todo o país.

Em BH, assim como no resto do Brasil, o salmão é insumo obrigatório nos restaurantes, principalmente os japoneses. “Acho que essa paixão vem da combinação de alguns fatores. Primeiro, a disponibilidade de ser uma iguaria de fácil acesso durante todo o ano. Também tem a questão do valor nutricional e de ser um peixe com uma textura macia por causa do alto teor de gordura e sabor suave”, explica a chef Gabriella Guimarães, do Okinaki.

Fresco, defumado, assado, grelhado... “É uma proteína extremamente versátil”, completa Carolina Caram, sócia do El Mai. De um jeito ou de outro, ele está lá, com sua carne macia e sabor amanteigado. “Acredito que essa aproximação do brasileiro com o salmão teve início nos anos 2000, quando houve a popularização dos restaurantes asiáticos e a culinária japonesa passou a ser vista como leve, saborosa e associada a hábitos saudáveis”, afirma Lucas Oliveira, sócio do Kanpai.

Veja a seguir lugares em BH onde provar o peixe que vem alimentando a economia chilena nas últimas décadas. E matando a fome dos brasileiros.



## EL MAI

São mais de 40 pratos preparados com salmão no restaurante que funciona em Lourdes. O prato mais pedido é o Ussuzukuri Trufado (R\$ 96). São lâminas finas de salmão finalizadas com molho ponzu, azeite trufado e raspas de limão-siciliano. É um prato leve, elegante e com bastante personalidade, o que o transformou em um dos preferidos da casa. "É um peixe muito bonito de apresentar e permite muitas variações no cardápio", diz a sócia Carolina Caram.

## UDON

Segundo o chef Weberth Coelho, o brasileiro se rendeu ao salmão por ser um peixe de sabor suave e textura macia, o que agrada o paladar de quem não está acostumado a comer peixe cru. Com 14 pratos preparados com a proteína rosada no menu, o mais pedido é o Hoshoyaki, salmão grelhado, arroz negro, shissô, aioli cítrico e crispy de batata doce (R\$ 104).





## OKINAKI

Com uma cozinha que reverencia a cultura japonesa e, ao mesmo tempo, carrega influências de outros países asiáticos, como China, Coreia, Taiwan, Vietnã e Tailândia, o restaurante tem entre os pratos mais pedidos o Sashimi de salmão, fatias de salmão cru servido com molho ponzu, yuzu kosho, rasas de limão e conservas caseiras (R\$ 42).

## KANPAI

Entre opções frias e quentes, são quase meia centena de pratos que levam salmão no menu do Kanpai, que tem duas unidades da cidade, no Sion e em Lourdes. Os tradicionais sushis e sashimis (R\$ 34,90 e R\$ 39,90, respectivamente) seguem como os preferidos da clientela justamente pela pureza do corte. Na imagem, o gunkan maki recheado com ovos de ikura.





## ROKKON

O cardápio do Rokkon oferece cerca de 80 pratos com salmão na composição. Em quase sua totalidade, ele é a estrela do prato. Dentre os mais vendidos, estão o combinado Salmão Master com 34 peças (R\$ 189,90), sashimi salmão especial oito peças (R\$ 64,90) e Teppanyaki de Salmão (R\$ 69,90). "O cuidado com o frescor do peixe e manutenção dentro da nossa peixaria ajudam muito também. Cuidamos de cada detalhe desde a escolha do nosso fornecedor, o que nos garante todo rastreio da origem e qualidade do nosso salmão", diz o gestor Emerson Andreatta. ■



## E você: quantos pneus já perdeu este ano?

Em apenas uma semana, os três carros da minha casa (meu, de minha esposa e de minha filha) tiveram pneus destruídos. Não estou falando de um acidente isolado, de descuido ao volante ou de imprudência juvenil – ou senil, no meu caso. Estou falando de buracos. Ou melhor, de crateras quase lunares. Aquelas fossas abissais que aparecem nas ruas depois de um ou dois dias de chuvas intensas e que permanecem ali, por semanas, como monumentos silenciosos à incapacidade administrativa do poder público e ao descaso com os cidadãos.

Não é um fenômeno raro. Ao contrário. É quase rotina. Quem dirige em Belo Horizonte, Nova Lima ou em qualquer outra cidade brasileira já desenvolveu um reflexo automático: olhar mais para o asfalto do que para o trânsito. Dirigir deixou de ser uma atividade de mobilidade e virou um exercício permanente de desvio de crateras. Nos anos 1980, havia um console de jogos chamado Atari. Quando chove, ao dirigir, me sinto em um desses antigos games de TV (de tubo). Freio aqui, desvio ali, caio acolá e pronto. A água esconde os buracos e o impacto vem seco. Estouro de pneu, roda empenada, suspensão comprometida. O prejuízo chega rápido e sem anestesia.

Oficinas mecânicas e borracharias conhecem bem o roteiro. E comemoram. Não é raro ouvirem a mesma história dezenas de vezes por dia: “Caí num buraco”. Em períodos de chuva, esse tipo de dano dispara. Pneus rasgados, amortecedores danificados e rodas tortas são algumas das consequências de pavimentos deteriorados pela incompetência e pelo desprezo das autoridades municipais.

A explicação técnica é simples, banal, irritante. O asfalto, de péssima qualidade e má aplicação, sofre infiltração de água, perde aderência entre as camadas e começa a se deteriorar. Se não houver manutenção preventiva – e nunca há –, o processo acelera e o buraco aparece. Ou seja, não são as águas de março fechando o verão as culpadas. Elas apenas revelam um problema que já estava pronto para surgir.

Em países minimamente evoluídos, onde o poder público trata com respeito e honestidade o cidadão e onde a gestão de pavimentação funciona, o surgimento de pequenas fissuras dispara rapidamente equipes de reparo. O custo da prevenção é mais baixo e impede que a deterioração se espalhe.

Aqui, contudo, ocorre o contrário. A manutenção é tardia, improvisada e muitas vezes feita com material de baixa qualidade. O resultado é o ciclo perverso por todos os motoristas conhecido: tapa-buraco emergencial, chuva seguinte, novo buraco, e a conta que fica com quem dirige após pagar impostos sobre veículos, combustível e circulação urbana.

Em tese, parte dessa arrecadação deveria garantir infraestrutura viária decente. Na prática, o que se vê é uma rede de pavimento que envelhece sem planejamento e sem manutenção. O efeito econômico desse abandono é invisível para quem administra a cidade, mas

“Oficinas mecânicas e borracharias conhecem bem o roteiro.

E comemoram. Não é raro ouvirem a mesma história dezenas de vezes por dia: 'Caí num buraco'. Em períodos de chuva, esse tipo de dano dispara”

bastante concreto para quem usa as ruas. Pneus rasgados, rodas substituídas, alinhamento, suspensão. Despesas que se acumulam na vida de milhares de motoristas, muitos já endividados e com a renda comprometida.

Alguns ainda lembram da possibilidade de pedir indenização. O direito até existe. Mas, a burocracia também. Entre registrar ocorrência, reunir provas e enfrentar processos administrativos e judiciais, a maioria simplesmente paga o prejuízo e segue a vida. Até porque, o máximo que irá conseguir é um precatório para 250 anos à frente.

Talvez seja exatamente por isso que o problema persiste. Afinal, por que se preocupar – no caso de um prefeito – com algo que não traz qualquer consequência, inclusive eleitoral? ■



EMIVE FRANQUIA

# VOANDO CADA VEZ MAIS ALTO



**7ª Maior  
Microfranquia  
do Brasil**



**+ 1.000  
Franqueados**



**Uso de I.A** para  
desenvolvimento  
de produtos



**+ 30 anos  
de Mercado**

SEJA UM FRANQUEADO

0800 004 2828

Saiba mais:



by EMIVE<sup>CO</sup>

# BH DOR

## A nova ala premium do Hospital Biocor

Com estrutura hospitalar moderna, exclusiva e de alto padrão para a população de Belo Horizonte, Nova Lima e região

A excelência em saúde agora atinge um novo patamar em Minas Gerais. A nova ala premium do **Biocor** oferece atendimento médico-hospitalar de qualidade, com:

- Pronto atendimento 24h, com sistema *Smart Track*;
- Parque de exames completo;
- Leitos modernos e confortáveis;
- UTI individual com estrutura para acompanhante.

**Localização privilegiada com acesso exclusivo pela Rua Mario Vrandecic.**



Central de Atendimento:  
**(31) 3289-5040 / 3003-3230**

[www.biocor.com.br](http://www.biocor.com.br)

Registro, Nome e RTs em [rededor.com.br](http://rededor.com.br)

 **Biocor**  
INSTITUTO

**REDE DOR**